



BANG! Nº 9 / FEVEREIRO DE 2011

REVISTA
GRÁTIS

UMA PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DA SAÍDA DE EMERGÊNCIA



CONTOS DE
UMA REVELAÇÃO NACIONAL:

JORGE PALINHOS

UMA REVELAÇÃO BRASILEIRA:

ANDERSON SANTOS

E UMA VENCEDORA DO PRÊMIO HUGO:

ELIZABETH BEAR

E AINDA UM CONTO DO ELFO QUE ROUBOU O PROTAGONISMO AO LEGOLAS
(DIZEM QUE ESTE ATÉ ANDA NUM PSICÓLOGO EM RIVENDELL!)

DRIZZT, O ELFO NEGRO

E AINDA
CINEMA
CRÍTICAS
ENSAIOS
BD



O QUE É QUE A
ARQUITECTURA
TEM A VER COM
A FICÇÃO
CIENTÍFICA?
TEXTO DE
PEDRO GADANHO



LOVECRAFT AOS
QUADRADINHOS.
DE MIGNOLA
A MOEBIUS,
DE BRECCIA
A ALAN MOORE.
PELO GURU
DA BD, JOÃO
LAMEIRAS



QUERES GANHAR
UM DOS 300
EXEMPLARES DE
"PÁTRIA" QUE
TEMOS PARA
OFERECER?
VÊ NA PÁG. 54
COMO É FÁCIL

DESTAQUE FNAC

CORTO MALTESE

SOB A BANDEIRA DOS PIRATAS
LONGÍNQUAS ILHAS DO VENTO

AS NOVAS AVENTURAS EM
PORTUGUÊS DE CORTO MALTESE,
O MÍTICO HERÓI DA BANDA
DESENHADA

exclusivo
fnac

OFERTA DE
ILUSTRAÇÃO*



*Corto Maltese Sob a Bandeira dos Piratas tem a oferta de 1 ilustração. Corto Maltese Longínquas Ilhas do Vento tem a oferta de 4 postais numa selecção de 20. Escolha pré-definida no editor. Ofertas limitadas ao stock existente.

www.fnac.pt

“VIVEMOS NUM MUNDO GOVERNADO POR FICÇÕES DE TODO O TIPO

Num artigo de 18 de Novembro no jornal The Guardian, intitulado *Stranger than Science Fiction*, o jornalista Damien G. Walter levantou algumas questões interessantes sobre a incapacidade da literatura realista em compreender um mundo cada vez mais dominado pela ficção. J. G. Ballard foi quem melhor expressou a questão crucial, afirmando que “vivemos num mundo governado por ficções de todo o tipo”.

O mundo respeitado da literatura é ainda governado por histórias que reflectem as vidas cruas de pessoas e famílias disfuncionais e nada melhor do que a consagração recente de um romancista como Jonathan Franzen para prová-lo. Mas ao retratar fielmente a nossa sociedade estaremos a reflectir sobre ela da forma certa? Que tipo de serviço estaremos a prestar à literatura agarrando-nos a noções literárias ultrapassadas de realismo quando na verdade vivemos, como Ballard tão bem escreveu, no “interior de um grande romance”? Estamos hoje todos ligados numa vasta rede global que permite despoletar revoluções no outro lado do mundo, permitindo-nos expressar a nossa solidariedade nesse mesmo instante em que a revolução está a ser feita nas ruas.

Vivemos rodeados pelo fantástico que se está a tornar o nosso dia-a-dia. E não poderia ser de outro modo. Até mesmo a afirmação do fantástico como fonte de escapismo é cada vez mais questionável, pois todos os leitores deste género podem compreender o que é solidão e ser desprezado pela nossa própria família e sociedade através da história do elfo negro Drizt Do'Urden. Podemos compreender o quão difícil é ser uma mulher num mundo dominado por homens através da fantasia urbana de Patricia Briggs. Descobrimos o que significa perder a nossa identidade e pátria num romance como *Tigana* de Guy Gavriel Kay.

Por isso, quando folhearem as páginas seguintes da Bang!, devem considerar o fantástico como o melhor instrumento, talvez o único, capaz de expressar o esbater cada vez mais forte da fronteira entre a ficção e a realidade. E descobrirão que o design, a arquitectura, a literatura, o cinema, a BD são apenas algumas das formas artísticas que ousam constantemente construir a grande ficção, a mais importante de todas, a que molda o nosso mundo. **BANG!**



Safaa Dib é assistente editorial da editora Saída de Emergência. Juntamente com Rogério Ribeiro, organiza a convenção anual do Fórum Fantástico.

Não ficção



02 Destaque ilustrador: Tiago da Silva



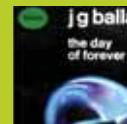
06 Os mundos imaginários do fantástico português. António de Macedo



14 1964 O ano dos fantasmas e dos demónios. Safaa Dib



24 Eu e a fantasia temos uma longa história. George R. R. Martin



36 Os negros anos-luz de Terry James. Pedro Marques



34 Vida noutros planetas. Stephen Hunt



58 Desenhar o irrepresentável. João Lameiras



62 A arquitectura do futuro e o futuro da arquitectura. Pedro Gadanho



56 Os livros das minhas vidas. David Soares

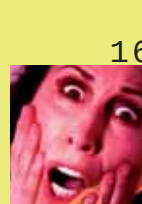


66 Távola redonda. Safaa Dib

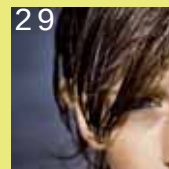


69 Crítica literária

Ficção



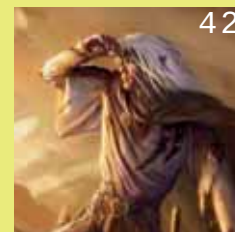
16 A Invasão. Anderson Santos



29 Memorial. Elizabeth Bear



21 Os crisântemos africanos. Jorge Palinhos



42 Espelho Negro. R. A. Salvatore

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

COLEÇÃO BANG!

PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE A COLEÇÃO BANG! OU A EDITORA SAÍDA DE EMERGÊNCIA VISITE-NOS EM: SAIDADEEMERGENCIA.COM

Revista Bang! 9 / Fevereiro de 2011 ISBN: 978-989-637-319-1 **Propriedade:** Edições Saída de Emergência. Todos os direitos (e mais alguns) reservados. **Director e escravo das galés:** Luis Corte Real **Editora (procurada pela Interpol):** Safaa Dib **Direcção de arte e catering:** Saída de Emergência **Colaboradores explorados nesta edição:** Tiago da Silva, João Lameiras, Pedro Marques, Pedro Gadanho, António de Macedo, João Barreiros, Inês Botelho, Fernanda Semedo, Mário Matos **Autores e outros convidados sem voto na matéria:** Jorge Palinhos, Anderson Santos, R. A. Salvatore, Stephen Hunt, George R. R. Martin, David Soares, Elizabeth Bear, Cristina Correia, Alberto Simões e Ana Mendes Lopes **Redacção e salário:** Rua Adelino Mendes, nº152, Quinta do Choupal 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal **Impressão (gralhas incluídas):** Rainho&Neves **Tiragem de revirar os olhinhos:** 8500 **Copyright:** Textos propriedade da editora e/ou dos respectivos autores, etc e tal.

ilustrador da capa

Tiago da Silva

Olá! Vivo em Portimão e sou conhecido na internet por Grafik. Trabalho como ilustrador profissional há dez anos e os meus primeiros trabalhos foram produzidos para os EUA. Sou autodidacta naquilo que faço mas foi na universidade que tomei conhecimento de algo chamado “pintura digital”. Através da internet e no contacto com artistas estrangeiros desenvolvi técnicas e dei o salto de uns rabiscos engraçados para a elaboração de produtos com qualidade para serem comercializados. A minha área abrange *concept art*, *mattepainting* e pintura digital para áreas como os videojogos, publicidade, revistas, banda desenhada, etc. Tenho participado em publicações de livros e revistas estrangeiras onde é um orgulho figurar junto de consagrados artistas internacionais. A destacar, uma participação com 4 ilustrações na revista *Imagine FX* e um tutorial de pintura digital na revista *Advanced Photoshop*. Tive também 4 ilustrações no livro *The Big Book of Contemporary Illustration 2009*, uma ilustração no livro *Dragon Art* e uma ilustração no livro *Darkstalkers Tribute*. Este foi um concurso em que foram escolhidos apenas 200 artistas a nível mundial. Este ano estão já confirmadas mais publicações dos meus trabalhos no estrangeiro, entre elas o *Digital Painters 2*. Visite o meu portfolio online: grafik.deviantart.com/gallery **BANG!**



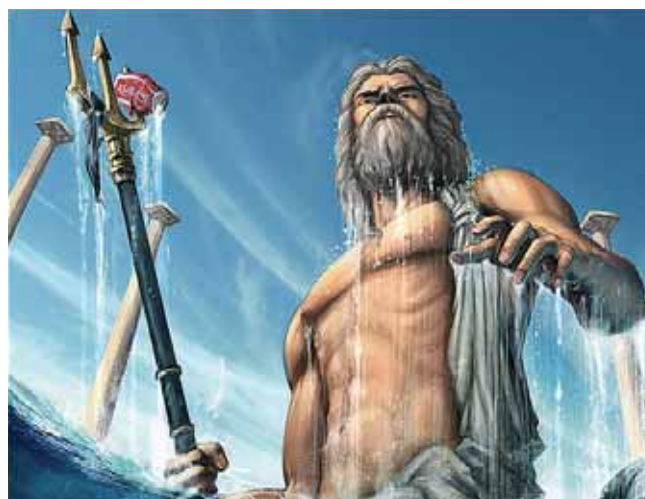
Orc:
Trabalho pessoal, foi um estudo de algumas técnicas que quis experimentar, é uma das poucas ilustrações que produzi que ainda não gosto de olhar.



Climate Changes:

Produzido para uma exposição sobre o aquecimento global, ilustração também publicado no livro “Digital Painters 2” (2010).

Poseidon:
Uma das ilustrações de um livro que produzi para a editora 7 dias 6 noites.



The Dragon Master :

Para mim, este talvez seja o melhor trabalho que fiz. Produzido para o livro “Dragon Art”, posteriormente não foi utilizada, tendo sido escolhida outra ilustração do meu portefólio.

colecção bang!

SÓ LITERATURA FANTÁSTICA

[Resumo das novidades Por Luís Corte Real editor]

A

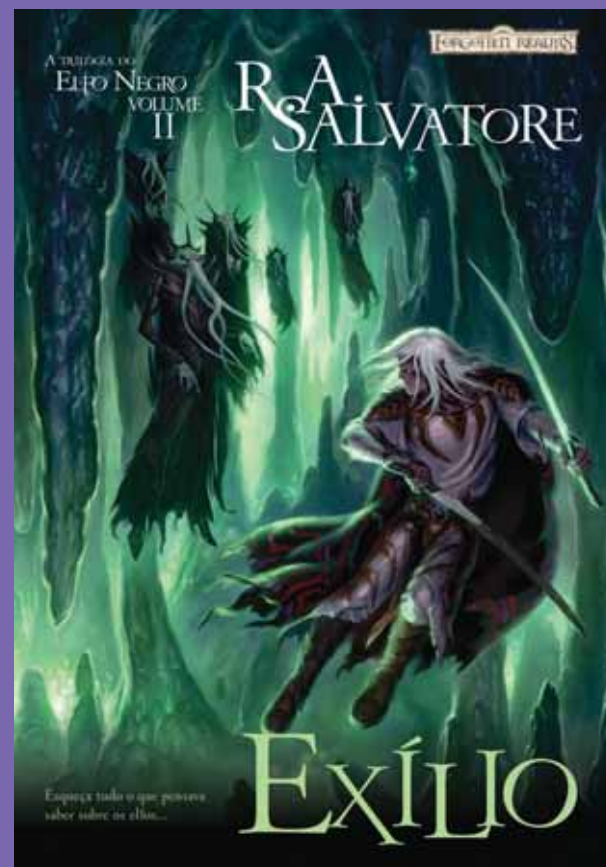
literatura fantástica sempre existiu e sempre existirá. Mas vivemos hoje um momento crucial para a definição do seu lugar na cultura popular das próximas décadas. É sabido que, em todos os géneros, os maus livros empurram para fora das prateleiras das livrarias os bons livros. Esta realidade ainda é mais verdadeira quando um género está a vender bem. Ora, a literatura fantástica está a vender como nunca e a tentação das editoras em facturarem mais e mais com ela é irresistível. O resultado pode ser desastroso. Como raramente são os melhores livros a chegar aos tops, o género tem tendência a ficar inundado de obras menores e a nivelar-se cada vez mais por baixo. Até ao momento em que a moda passa, deixa de vender e a maioria das editoras abandona o género como se este fosse um sapato velho, roto e mal cheiroso que ninguém quer ter por perto. São precisos muitos anos para recuperar uma literatura que se tenha afundado na mediocridade. Cabe aos verdadeiros fãs do fantástico combater esta tendência. E aos editores também, mesmo que estes tenham a responsabilidade acrescida de pesar qualidade e vendas (medidas que raramente andam de mãos dadas) em cada edição. Na Colecção Bang! estamos atentos ao que se passa no género. Por isso uma parte do catálogo de 2011 é uma espécie de reserva natural onde só entra a qualidade e as vendas não são preocupação. Até ao final do ano vamos ter nomes como Clive Barker, Dan Simmons, Scott Lynch, Mervyn Peake, David Soares, Stephen Gould, Tim Powers, Ray Bradbury ou Frank Herbert. Nomes incontornáveis do género que vão ajudar a dignificar uma literatura que merece a maior consideração.

A não perder

Exílio

R. A. Salvatore

Onde andam todas aquelas dezenas de milhares de jovens que leram e adoraram os livros de Harry Potter? Certamente que cresceram, e com eles cresceu o grau de complexidade que apreciam nos enredos e personagens dos livros que lêem. A pensar neles, e em todos os fãs de uma grande fantasia épica, lançámos a *Trilogia do Elfo Negro*. Esta é a história de Drizzt, um drow (elfo negro), um jovem tranquilo e bondoso, que não encontra lugar em Menzoberranzan, a cidade onde nasceu. A sociedade



ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DA COLECÇÃO BANG!

- 122. Nação
Terry Pratchett
- 123. Laços de Sangue
Charlaine Harris
- 124. Wicked Lovely - Tatuagem
Melissa Marr
- 125. Seduzida
P. C. Cast & Kristin Cast
- 126. O Regresso do Assassino - Vol. 1
Robin Hobb
- 127. Celestial
Cynthia Hand
- 128. Mago – Espinho de Prata
Raymond E. Feist
- 129. Exílio – Trilogia do Elfo Negro
R. A. Salvatore
- 130. A Corte do Ar
Stephen Hunt
- 131. As Filhas do Rei
Nathalie Mallet
- 132. A Promessa de Kushiel
Jacqueline Carey

◀ Esqueça os elfos loiros aos saltinhos na floresta. A sociedade dos drow é como os exércitos de Sauron. E Drizzt para a abandonar terá de matar.

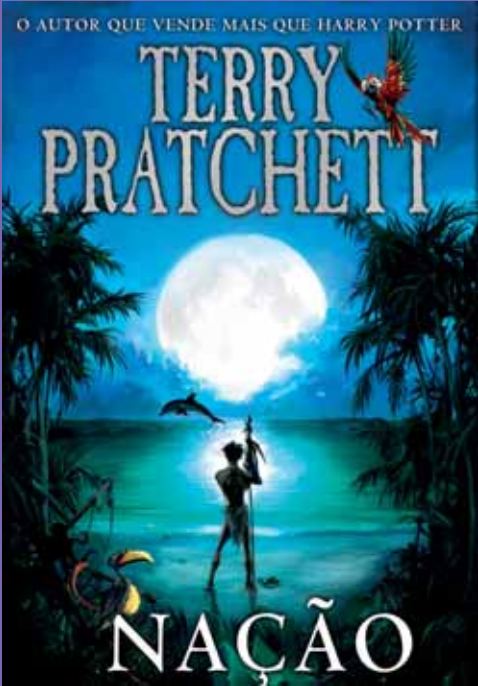
dos elfos negros é brutal, cruel e impiedosa. Domina a lei do mais forte e a traição é moeda corrente. Mas Drizzt não é assim. Nem quer ser. Mas conseguirá resistir a uma cultura que destrói quem não se submete? *Exílio* é o segundo volume desta trilogia que apaixonou centenas de milhares de leitores por todo o mundo. É a história de um jovem incompreendido, desajustado e perseguido, que cedo terá de abandonar os seus e partir para a sociedade dos humanos. Mas será aceite no meio deles, ou para sempre será visto como um ameaçador elfo negro? Com prosa simples, enredo tortuoso e personagens inesquecíveis, R. A. Salvatore escreveu uma saga que os fãs de Harry Potter e Eragon vão abraçar sem hesitações.

Destaques

Nação

Como é possível que uma das maiores referências da literatura fantástica nunca tenha conquistado o reconhecimento no mercado português? Terry Pratchett tem dezenas de livros editados e vendeu milhões de livros na maioria das línguas do mundo. Poucos autores têm tanto *merchandising* baseado nas suas obras (talvez só Tolkien e J. K. Rowling o ultrapassem) e *Discworld* já se tornou numa poderosa marca global. Pois agora chegou a vez de Portugal voltar a ler o autor que criou praticamente sozinho um género (a fantasia humorística ou absurda) onde os *clichés* do fantástico são usados e abusados. Onde tudo é possível e as gargalhadas são garantidas. Curiosamente *Nação* não é exactamente um desses livros. É uma obra que surpreende pela forma como nos toca ao contar a história de um rapaz e de

Segundo Terry Pratchett, a fantasia é a forma mais antiga de literatura. Há quem diga que com “Nação” ele conseguiu reinventar a ficção juvenil.



uma rapariga isolados numa ilha perdida. O humor está presente em cada página, mas o ênfase é dado às questões que os dois jovens acabam por colocar a si próprios: o que é a vida, o que é a família, o que é a religião? Terry Pratchett no seu melhor ou a prova de que alguns livros juvenis devem ser lidos por todos os adultos?

Seduzida

Dezenas (talvez centenas) de séries tentaram herdar os leitores de *Crepúsculo*. Poucas conseguiram e nenhuma tão bem como *A Casa da Noite* da mãe e filha P. C. Cast e Kristin Cast. Esta saga conta-nos a história de uma jovem, Zoey Redbird, num mundo onde os vampyros (sim, com y) não só existem como são tolerados. Quando Zoey é marcada e vai para a Casa da Noite, a escola onde os

As capas da série “A Casa da Noite” têm causado furor no género. Mas segundo as fãs do Fórum Bang!, a melhor é mesmo esta.

Um romance da Casa da Noite, a série que herdou os leitores de Crepúsculo



Vínculo de Sangue

Poucas heroínas da fantasia urbana mostram literalmente as garras como Mercedes Thompson, a metamorfa com a capacidade de se transformar em coiole, criação de Patricia Briggs. Longe da figura tradicional da adolescente de liceu, Mercy é uma mecânica de automóveis que tem de aprender a sobreviver num mundo onde convive de perto com lobisomens possessivos, mas há muitas outras criaturas igualmente perigosas a povoarem a cidade de Washington, onde o sobrenatural e o feérico espreitam por detrás de cada esquina. Com fortes enredos que originam

Raymond E. Feist, ao longo de quase quatro décadas, criou um mundo sólido, original e fascinante. Poucos autores se podem gabar do mesmo.



um viciante virar de páginas, esta é uma série que surpreende os leitores pela profundidade e excelente caracterização de personagens.

O Mago

O regresso deste autor clássico vai agradar a muita gente. Depois de atingir os tops de vendas com *O Mago – Aprendiz* e *O Mago – Mestre* no ano de 2010, Raymond E. Feist (um dos nomes mais importantes da fantasia épica dos últimos 30 anos) regressa com *O Mago – Espinho de Prata*. Este 3º volume é o penúltimo da saga d’ *O Mago*, que a Colecção Bang! prevê fechar ainda durante o ano de 2011. Com vendas equiparáveis a *As Crónicas de Gelo e Fogo* de George R. R. Martin, esta saga está a ser um sucesso de vendas dentro do género em Portugal. E não seria de esperar menos, pois Raymond E. Feist já vendeu mais de 15 milhões de livros em todo o mundo.

Laços de Sangue

O oitavo livro da série *Sangue Fresco* está nos principais tops nacionais há várias semanas - o que, para uma saga tão longa, é inédito em Portugal. A série televisiva da HBO (baseada nos livros) acaba de renovar por mais duas temporadas, continua a ser líder de audiências, e agora já se fala numa versão para o cinema. Charlaine, que esteve em Portugal em Março de 2010, é das autoras de fantasia mais vendidas em Portugal e em todo o mundo. Parece que, ao contrário de outros vampiros, estes são mesmo eternos...

Tatuagem

Este é o segundo título da saga *Wicked Lovely*. Depois de *Amores Rebeldes*, *Tatuagem* vai fazer as delícias dos leitores

Com “Laços de Sangue”, Charlaine Harris continua a surpreender os fãs de romance paranormal. A série da HBO ajudou a conquistar uma nova fatia de leitores.

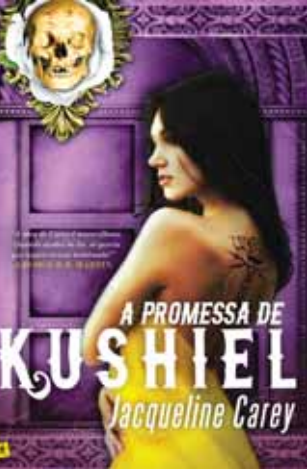


do género paranormal. Entre os que já leram e comentaram, percebe-se que a autora conseguiu uma excelente recepção em terras lusas. Depois de ser um bestseller nos Estados Unidos, Melissa Marr começa a cimentar a liderança e protagonismo que conseguiu nos últimos anos. Publicada em mais de 20 países e com vendas muito fortes em todos eles, já viu os direitos de cinema da sua série serem vendidos para Hollywood. Esta é uma aposta forte da Bang! para 2011. *Frágil Eternidade* será o próximo título a ser publicado.

Laços de Sangue

O oitavo livro da série *Sangue Fresco* está nos principais tops nacionais há várias semanas - o que, para uma saga tão longa, é inédito em Portugal. A série televisiva da HBO (baseada nos livros) acaba de renovar por mais duas temporadas, continua a ser líder de audiências, e agora já se fala numa versão para o cinema. Charlaine, que esteve em Portugal em Março de 2010, é das autoras de fantasia mais vendidas em Portugal e em todo o mundo. Parece que, ao contrário de outros vampiros, estes são mesmo eternos...

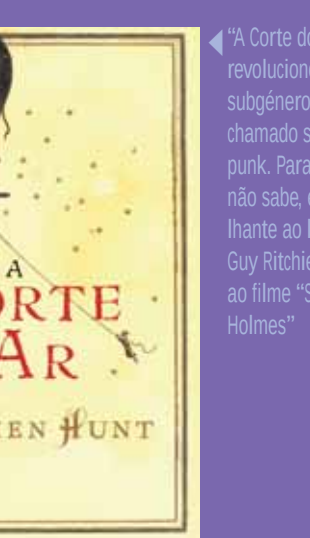
Com “Laços de Sangue”, Charlaine Harris continua a surpreender os fãs de romance paranormal. A série da HBO ajudou a conquistar uma nova fatia de leitores.



A Promessa de Kushiel

Este é o quarto livro de uma saga fantástica de conteúdo mais literário. Depois de *O Dardo de Kushiel*, *A Marca de Kushiel* e *A Eleita de Kushiel*. É verdade que não aponta aos tops de vendas. Talvez seja uma autora para leitores e leitoras mais experientes na fantasia, mas a riqueza de personagens, o mundo criado, as divindades e a complexidade da intriga, fazem com que os leitores se tornem fanáticos. Que o diga George R. R. Martin, um dos seus admiradores confessos, com quem até já partilhou alguns projectos editoriais. Num mundo que se constrói com grandes influências da Europa

Com “Laços de Sangue”, Charlaine Harris continua a surpreender os fãs de romance paranormal. A série da HBO ajudou a conquistar uma nova fatia de leitores.



medieval, Phèdre (a personagem principal) confronta o seu destino em Terre d’Ange. Sem dúvida que é uma autora que acrescenta algo novo e original à fantasia. A não perder, o quarto de seis livros da saga Kushiel.

O que vem aí

Preparem-se, a Bang! vai continuar a arrasar no próximo trimestre. Robin Hobb volta com uma trilogia madura e violenta intitulada *O Regresso do Assassino* (vejam capa na última página - quem não gostar fica de castigo!); Stephen Hunt surpreende com *A Corte do Ar*, um livro que mistura ficção científica e fantasia em doses que viciarão os melhores leitores do género; Dan Simmons vai abanar a literatura de horror com o incontornável *O Terror*, a história verídica de dois navios presos no Ártico durante vários anos - estamos a trabalhar numa capa que vai levar muita gente ao dentista (...isto era uma piada sobre queixos que vão cair!); e David Anthony Durham ameaça o trono de George R. R. Martin com *Acácia*, uma lufada de ar fresco na fantasia épica. Para lerem tanto livro imperdível, que tal marcarem umas férias? **BANG!**

OS MUNDOS IMAGINÁRIOS DO FANTÁSTICO PORTUGUÊS

(SENDO ESTA A SEGUNDA PARTE)

TEXTO DE ANTÓNIO DE MACEDO



«NA RIQUEZA E NA POBREZA, NO MELHOR E NO PIOR,
ATÉ QUE A MORTE VOS SEPARE».
PERFEITAMENTE. SEMPRE CUMPRI O QUE ASSINEI.
PORTANTO ESTRANGULEI-A E FUI-ME EMBORA.

MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA, *CONTOS DO GIN-TONIC*



O ARRANQUE DO SÉC. XX

Nos princípios do séc. xx a literatura fantástica em Portugal limitou-se a prolongar o que já vinha dos fins do séc. xix. Os dois exemplos mais flagrantes que costumam ser referenciados neste período inicial são: Fernando Pessoa (1888-1935) e Mário de Sá-Carneiro (1890-1916).

Do primeiro podem-se reter algumas prosas de ficção como por exemplo *Um Jantar Muito Original* (1907), onde o fantástico se mistura com o horror do mais frio canibalismo, *A Rosa de Seda* (1915), que finge ser uma antiga fábula, e uns fragmentos da novela *Czarkresko*, que deixou incompleta.

O segundo é mais propriamente um autor «negro», onde o fantástico se associa ao horror e às obsessivas preocupações com a morte, a loucura, os estados de alma tragicamente depressivos, o suicídio. Para além da sua obra-prima, *A Confissão de Lúcio* (1914), onde a tortura moral do protagonista e o pesadelo são levados a extremos alucinatórios, é porém na sua colectânea de novelas *Céu em Fogo* (1915) que o fantástico de Sá-Carneiro mais claramente se recorta, sobretudo em «A Grande Sombra» ou em «O Fixador de Instantes», e talvez mais ainda em «A Estranha Morte do Prof. Antena», considerada a primeira novela portuguesa de FC. Nesta se aborda pela primeira vez, na literatura portuguesa, o tema dos «mundos paralelos». Num estudo que publicou em 1998, Teresa Sousa de Almeida da nota o seguinte:

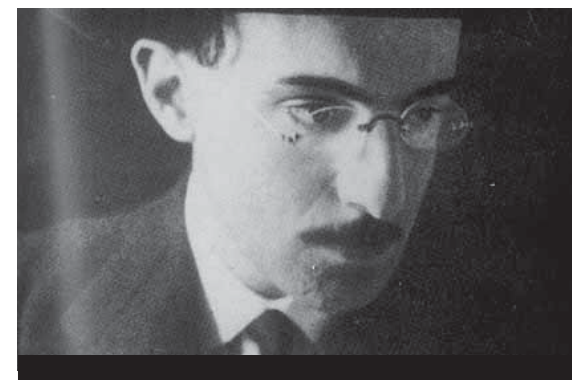
Para quem chega do *mainstream*, espanta a quantidade e a qualidade dos autores que em Portugal escrevem FC ou que dela se utilizam para escrever outro tipo de textos de difícil classificação e que hoje em dia é conhecido por F (Fantasia). Trata-se de um território subterrâneo, de uma espécie de reverso da literatura oficial, com outros códigos e com outras leis, e talvez com outra história. [...] Se olharmos a história da literatura fantástica do lado da instituição literária, observaremos a emergência de um território que não é especialmente valorizado a não ser quando é esquecido. No artigo consagrado ao «Maravilhoso» no *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Jacinto Prado Coelho nota que «é no séc. xix que se produz em Portugal uma literatura fantástica» e considera que este género tem, entre nós, uma voga restrita. [...] O pressuposto de que a literatura fantástica tem pouco peso em Portugal deveria ser reanalisado, sobretudo se se tiver em conta que é a própria história da literatura que atribui maior ou menor importância a um género, integrando ou excluindo autores e obras, segundo critérios que raramente são explicitados. [20]

Note-se que Jacinto Prado Coelho publicou o seu *Dicionário* em 1976, por conseguinte a sua visão do séc. xx literário português ainda está limitada pelo quarto de século que faltava cumprir-se; por outro lado Teresa Sousa de Almeida, professo-

ra universitária de Literatura, escrevendo o seu estudo em 1998, beneficiou duma visão praticamente global do séc. xx, e portanto já com o conhecimento do grande surto, em quantidade e qualidade, da «ficção especulativa» que se produziu em Portugal nas décadas de '80 e '90.

Ao longo do séc. xx, e tal como no séc. xix, deparamos com escritores do *mainstream* que fazem «incursões» no fantástico como por exemplo Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, Jorge de Sena, Natália Correia, Urbano Tavares Rodrigues, David Mourão-Ferreira, José Gomes Ferreira, Dórdio Guimarães, Ana Hatherly, Almeida Faria...

Todos estes — e bastantes outros — vêm representados na volumosa *Antologia do Conto Fantástico Português* organizada por Fernando Ribeiro de Mello, publicada em



Fernando Pessoa
(1888-1935)
e Mário de Sá-Carneiro
(1890-1916)

1967 e reeditada em 1974 com um estudo introdutório por E. M. de Melo e Castro, onde este crítico e ensaísta (muito devedor do estruturalismo dos anos '60) observa o seguinte:

No caso português [...] impõe-se mais uma definição do fantástico com ênfase no carácter de transgressão das leis físicas ou psicológicas, ou, de um modo geral, das condições tidas como básicas do real quotidiano ou científico. Carácter de transgressão que quase sempre procura ser absoluto e inexplicável, assumindo assim inteiramente o horror ou o maravilhoso, talvez como características de uma extra-realidade coabitando connosco ou perfeitamente verosímil perante a realidade sensível imediata e verificável, com a qual colide e que muitas vezes transgride ou altera em momentos únicos e privilegiados. [21]

Na primeira metade do séc. xx as obras de teor fantástico que se produziram em português têm tendência para libertar-se do gótico do século anterior, aliás não será por acaso que o advento do surrealismo, entre nós, ao renovar as artes com uma nova tónica produziu também os seus frutos narrativos, para além da sua expressão em poesia e em artes plásticas. Teresa Sousa de Almeida realça, dentro do fantástico, «o magnífico texto de António Pedro, *Apenas uma narrativa* (1942), obra-prima de ironia e de humor», além dos textos de Virgílio Martinho e de Mário Cesariny de Vasconcelos — aos quais eu acrescentaria algumas novelas e contos de José de Almada-Negreiros, como «Saltimbancos», «K4 O Quadrado Azul» ou «O Cágado».

Ultrapassar o real e captar os mistérios que irrompem entre o sonho e a realidade foi uma constante do fantástico de José Régio (1901-1969), um dos «grandes» da literatura portuguesa. Essa característica é flagrante no seu romance *O Príncipe com Orelhas de Burro* (1942) e mais ainda no livro de contos *Há Mais Mundos* (1963), dos quais Maria Leonor Machado de Sousa salienta «Conto de Natal» no seu estudo sobre *O "horror" na literatura portuguesa*, referindo-se-lhe nos seguintes termos:

É de salientar «Conto de Natal» onde há um monstro meio animal, «talvez dos princípios do mundo»,

que aterroriza toda a população das serras onde vive e que, ao morrer, se transforma num ser de beleza sem igual, numa metamorfose que só a um pastorzito ingénuo é visível. Há aqui uma preocupação alegórica que Régio já exprimeira em *O Príncipe com Orelhas de Burro* (1942), a ideia de que a perfeição não é deste mundo, o que condena à morte os seres que a obtenham. Ao tratar este tema, é completamente livre o recurso ao fantástico, que em ambos os casos chega a ser aterrador. [22]

A arte do contador de histórias fantásticas — aliás como a de qualquer contador de histórias — está em saber transformar o fictício/fantástico em real, de modo que o leitor não se escandalize e aceite com naturalidade o que lhe é proposto. Samuel T. Coleridge, na sua *Biographia Literaria* (1817), cunhou a esse propósito a expressão *suspension of disbelief*, que continuou a fazer carreira ao longo do séc. xx. Aliás, o próprio Aristóteles já o dizia na sua *Poética* de uma outra maneira: «De preferir às coisas possíveis mas incríveis, são as impossíveis mas críveis» (XXIV, 158). Ou, ainda por outras palavras: numa narrativa de ficção é preferível relatar o falso verosímil, do que o verdadeiro inverosímil...

No período citado atrás e até aos anos '70 algumas obras dispersas se foram publicando, às quais não é fácil ter acesso hoje a não ser através de alfarrabistas ou consultas em bibliotecas: Luiz Costa, *A Cidade Vermelha* (1923); A. A. Martins Velho, *Contos Maravilhosos: Narrativas Espíritas* (1929); Saturnino Freyre, *A urna de cristal* (1951); além de algumas outras mais classificáveis como FC como por exemplo: *Vieram do Infinito* (1955), de Eric Prince (pseudónimo de A. Maldonado Domingues); *Ameaça Cósmica* (1962), de Luís de Mesquita; *A Morte da Terra* (1969), de Alves Morgado; etc.

Em todo o caso, gostaria de chamar a atenção para a dificuldade com que por vezes o observador se depara ao tentar arrumar certas obras numa determinada prateleira, só de FC ou só de Fantástico, porque se exceptuarmos os casos mais «duros» de *hard SF* ou de *heroic fantasy* [23] não são poucas as narrativas que contêm elementos de FC mas também de Fantástico, e vice-versa, além de que ambos os géneros tão-pouco são imunes à contaminação do «policial», visto que há quase sempre um «mistério» à espera de ser resolvido, ainda que os autores mais modernos tenham há muito abandonado e ultrapassado, na busca e desvenda desse

«mistério», seja ele o que for, o modelo clássico de algo tipo-crime a ser solucionado por algo ou alguém tipo-Sherlock Holmes. Deixo aqui esta ressalva porque também entre os autores portugueses de FC&F esta espécie de contaminação, para não dizer promiscuidade, não deixa de estar presente num bom número das obras que referiremos neste artigo, e com esta nota espero evitar futuras e desnecessárias repetições.

Até aos fins da década de '70 podemos considerar que se encerra um período do fantástico português caracterizado por formas sombrias, talvez ainda remniscentes da evanescente influência do gótico, mais do que por um apelo puro à livre imaginação: Branquinho da Fonseca, *O Barão* (1942); Domingos Monteiro, *Histórias Castelhanas* (1955) e *Histórias deste Mundo e do Outro* (1961); José Rodrigues Miguéis, *Léah e Outras Histórias* (1958); Jorge de Sena, *O Físico Prodigioso* (1977).

O Físico Prodigioso merece destaque especial. Com novidades como uma exuberância erótica que não cabia no Romantismo português e liberdades formais extremamente felizes como o desdobramento do texto em duas colunas que representam duas leituras simultâneas possíveis, Jorge de Sena segue a linha de Herkulano ao procurar inspiração nas velhas lendas medievais, neste caso dois capítulos de *O Orto do Esposo* [finais do séc. xiv]. Os requintes de horror e perversidade ultrapassam todos os tratamentos dos pactos satânicos e tornam este conto talvez o caso mais fascinante da exploração do horror na literatura portuguesa contemporânea, porventura mesmo de toda a literatura portuguesa. [24]

Mais admirável que todos estes, porém — em minha humilde opinião — é o extraordinário romance de José Gomes Ferreira *As Aventuras de João Sem Medo* (1963), a que o próprio autor chamou «panfleto mágico em forma de romance», uma obra-prima de imaginação desconcertante e um dos livros fantásticos mais provocadores senão mesmo mais delirantes da nossa literatura.

O ÚLTIMO QUARTEL DO SÉC. XX

A inaugurar o último quartel do séc. xx deparamos com dois autores de referência obrigatória, que

costumam ser invocados por modernos autores portugueses de FC&F como seus «antecessores»: Mário-Henrique Leiria (1923-1980) e Romeu de Melo (1933-1991), embora as suas produções, por vezes de difícil classificação, oscilem entre o surrealismo, a FC e o Fantástico.

Do primeiro realçamos *Contos do Gin-Tonic* (1973); *Novos Contos do Gin* (1973); *Casos do Direito Galáctico* (1975).

Do segundo destacam-se AK: *A Tese e o Axioma* (1959); *Não lhes Faremos a Vontade* (1970); *A Buzina* (1972).

A importância de Mário-Henrique Leiria e de Romeu de Melo como «figuras tutelares» da moderna tradição portuguesa de ficções científicas e fantásticas ficou testemunhada pela homenagem que se lhes prestou por ocasião dos segundos Encontros de Ficção Científica e Fantástico de Cascais, de 1997: a antologia de contos (bilingue) intitulada *Efeitos Secundários/Side Effects*, que nesse ano a «Simetria FC&F» editou para assinalar o evento, é antecedida por uma expressiva dedicatória à memória desses dois autores, como raízes inspiradoras de muito do que se lhes seguiu.

Teresa Sousa de Almeida, que já citámos anteriormente, referindo-se a Romeu de Melo observa que este autor

...não figura nem nas histórias da literatura, nem nos dicionários literários, como se, de facto, não tivesse existido. Mais interessantes do que o seu primeiro romance, *AK: A Tese e o Axioma*, publicado em 1959 em edição de autor, são os seus contos que, a meu ver, rivalizam com o que de melhor se tem publicado entre nós. [25]

O seu romance *A Buzina* é uma sátira desapiedada a certas imposturas da política mundial: o protagonista é um antropóide que se exprime por meio de uma buzina, visto que não fala. Acaba por ser elevado ao cargo de Secretário Geral das Nações Unidas, como representante dos países subdesenvolvidos; as buzínadelas com que procura fazer-se entender têm de ser interpretadas, o que dá origem aos mais variados comentários, discussões e tentativas de explicação, criando uma assustadora distância entre os arranjos políticos mundiais e o verdadeiro ser das pessoas e das situações do nosso implacável mundo real. Não é porém totalmente negativo, porque deixa sempre entrever no fundo das suas propostas ficcionais, como no fundo da caixa de Pandora, uma promessa de esperança num mundo onde a paz talvez ainda seja possível.

Um bom panorama da FC&F que se fez em Portugal até à transição da década de '80 para a de '90 podemos encontrá-lo na *Bibliografia da Ficção Científica e Fantasia Portuguesa*, de Álvaro de Sousa Holstein e José Manuel Morais, cuja 2.ª edição de

Bem diferente é o universo cáustico de Mário-Henrique Leiria, tradutor de *Brave New World* e de outros textos de FC que, em 1975, publica *Casos de Direito Galáctico*, pequena obra-prima esquecida pela literatura oficial. [...] A narrativa é constituída por um conjunto de «casos exemplares apresentados à análise do Curso de Direito Galáctico para estudantes da federação mista (humanidades do 1.º Aglomerado Estelar) na Universidade Regional de Aldebaran 3», numa sátira evidente à instituição universitária, e funcionam, quase sempre, como um paradoxo cuja resolução se revela arbitrária e impossível de ajuizar, não só porque põem em cena seres que funcionam com paradigmas excêntricos, mas também porque [...] a própria função referencial da linguagem se encontra abalada. Poucas vezes se terá criado na literatura portuguesa um universo tão subversivo que não só põe em causa o mundo terrestre, como, em última análise, a própria possibilidade de comunicação e de diálogo que deveria ser inerente à própria linguagem. [26]

1993, revista e acrescentada, é de consulta proveitosa senão mesmo imprescindível para quem queira ficar a conhecer a totalidade do material que existe até essa data.

Ao longo das décadas de '80 e '90 do séc. xx, e até aos finais do século, o Fantástico português desenvolveu-se e expandiu-se duma forma quase explosiva, fenómeno de certo modo associado ao desenvolvimento e expansão da FC criada em Portugal: nestas duas décadas, como nota Álvaro de Sousa Holstein, publicaram-se mais livros de autores nacionais de FC&F do que durante todo o resto do século. Esse surto de *speculative fiction* entre nós tem sido explicado de diversas maneiras, como por exemplo a reacção contra o excesso de materialidade, competitividade predatória e stress do mundo contemporâneo e correlato esvaziamento de valores, mundo este paradoxalmente sensível aos incentivos

gerados num meio circunstancial favorável à produção de subteis *anticorpos* abertos ao influxo da chamada supra-realidade. É a clássica resposta do(s) Romantismo(s) às securas do(s) Racionalismo(s)... Observe-mos algumas dessas possíveis motivações:

- (1) Por um lado a influência do cinema — é notória a influência que o cinema exerceu, nomeadamente a partir dos anos '30, sobre as formas literárias (Erskine Caldwell, John Steinbeck, Truman Capote, etc.). O cinema fantástico conquistou uma adesão das audiências tão marcante que fez com que um crítico da especialidade afirmasse que na segunda metade da década de '90 do séc. xx era difícil encontrar, em cada dia, pelo menos uma sala de cinema onde não estivesse a ser exibido um filme fantástico. O *boom* do cinema fantástico e de sobrenaturalidades, ao qual é indispensável acrescentar as séries televisivas idem, que invadiu as nossas plateias e os nossos televisores naturalmente gerou uma apetência literária, igualmente, pelo género;
- (2) Por outro lado o apelo das novas tecnologias e a sua influência no quotidiano: a revolução telemática, a proliferação dos computadores, a Internet, os satélites de telecomunicações, os telemóveis, os *cybergames*, a interactividade, as nanotecnologias — e todas as fantasias e tecnofantasias que inevitavelmente lhes estão associadas;
- (3) Haverá igualmente que considerar a crescente onda de «misticismo» — para não dizer de apelo ao «oculto» e ao «esoterismo» — que tem alastrado por extensas áreas de um mundo cada vez mais material, e por isso mesmo, também, e por natural reacção, cada vez mais permeável ao anseio de espiritualidades, de mistério e de visionarismo — veja-se o êxito mundial dos livros (e também de filmes e séries-TV) que tratam de esoterismo, magia, ocultismo, situações paranormais, movimentos *New Age*, e até satanismos vários, que só na Internet, e em língua inglesa, contam com mais de 30 milhões de sites;
- (4) Em paralelo, não podemos esquecer a vertiginosa proliferação da banda desenhada (BD), com múltiplos exemplos do que sem favor poderíamos classificar como «literatura gráfica» de alta qualidade. O formato presta-se naturalmente aos mais variados temas inseríveis no Fantástico, como as sagas de heróis dotados com superpoderes cujo fascínio irremediavelmente contagiou as mitologias do cinema e não poucas páginas de literatura. Entre outras manifestações, os sucessivos êxitos anuais do Festival Internacional de BD da Amadora, iniciado em 1989, com afluência crescente de público, de editores mas

sobretudo de autores, têm contribuído para dar um bom estímulo adicional à criatividade no campo do imaginário fantástico português; (5) No caso português ainda acresce, nos anos '80, a influência da revista *Omnia* que revelou novos autores, bem como a actividade da Editorial Caminho e as suas colecções de FC&F e de livros policiais, além dos Prémios Caminho de Ficção Científica, que atravessaram as décadas de '80 e '90 e estimularam novos e velhos autores no género fantástico e ficção científica. Nunca será de mais realçar o papel de Belmiro Guimarães, director da colecção de FC&F da Caminho, um incansável entusiasta na busca de novos escritores e grande incentivador dos referidos prémios, além do convívio que manteve durante anos com os autores portugueses que iam sendo publicados na citada colecção. O primeiro prémio Caminho de FC&F foi atribuído em 1982 ao romance *Os Caminhos Nunca Acabam*, de João Aniceto; vários outros se seguiram, salientando-se entre eles a revelação de Luís Filipe Silva que recebeu o prémio de 1991 com a sua colectânea *O Futuro à Janela*, bem como a revelação de João Botelho da Silva que obteve o prémio de 1993 com o romance *Beduínos a Gasóleo*. Infelizmente, com o afastamento de Belmiro Guimarães, aposentado por doença, os prémios e a colecção de FC&F acabaram, sendo o último prémio, em 1999, atribuído à colectânea *Quatro Andamentos* de Luís R. de Sequeira. Sem pretender discutir aqui a qualidade, maior ou menor, dos livros publicados nesta colecção de FC&F — não sou nem pretendo ser crítico literário —, registre-se pelo menos a animadora quantidade dos autores portugueses que aí encontraram acolhimento, destacando Daniel Tércio, João Barreiros, Ana Godinho, Luís R. de Sequeira, Luís Filipe Silva, António de Macedo, João Botelho da Silva, Miguel Vale de Almeida, João Aniceto — entre outros.

Tal como disse no início da 1.ª parte desta crónica, um grupo de autores portugueses de FC&F onde se incluíam Luís Filipe Silva, Daniel Tércio, Maria de Menezes, João Barreiros, José Manuel Morais, João Botelho da Silva, além de

mim próprio e de outros que entre tanto se nos juntaram como Ana Almeida, David Alan Prescott, Ana Godinho, José Xavier Ezequiel, Luís R. de Sequeira, Silvana de Menezes, João Paulo Cotrim... começámos a reunir-nos e a discutir maneiras de ultrapassar alguns dos mais gritantes sufocos que impendiam (e em larga medida ainda impendem) sobre a produção de «ficção especulativa» nacional, entre os quais se incluem a acção generalizada da crítica literária em jornais e revistas, que, aspirando guindar-se às eminências de crítica *mainstream*, persiste em ignorar os autores portugueses de FC&F, ainda que não poucos deles já ostentem uma excelente qualidade literária, preferindo autovalorizar-se resenhando os autores estrangeiros e sobretudo os consagrados do costume, situação que continua a verificar-se, mesmo depois destes anos todos, como constata David Soares no seu ensaio sobre o Fantástico a que já fiz referência na 1.ª parte:

...o problema não é tanto a falta de edições relacionadas com o Fantástico, mas a falta de um verdadeiro discurso crítico que pense sobre os livros e os apresente aos leitores. [27] [Realce da minha responsabilidade]

Para tentar inverter esta tendência, os autores que se reuniam em jantares-tertúlia na primeira metade da década de '90 decidiram provocar um acontecimento mediático que chamasse a atenção para o tempo que vivemos e para os que em Portugal teimam em dedicar-se à literatura de ficções científicas e fantásticas — e assim nasceram os Encontros Internacionais de FC&F de Cascais, iniciados em Setembro de 1996 e que deram origem à associação «Simetria FC&F». Para além da presença dos autores portugueses já publicados na Caminho e noutras editoras, novos autores nacionais se revelaram, sobretudo na área do conto, sem falar num bom número de autores de prestígio internacional que marcaram presença nos sucessivos Encontros, como Brian Aldiss, Joan D. Vinge, Christopher Priest, Joe Haldeman, Norman Spinrad,

Brian Stableford, Charles Brown, Gwyneth Jones, Robert Holdstock, Stephen Baxter, John Clute, Geoff Ryman, Gary Kilworth, etc. Acrescenta-se, ainda, que cada edição dos Encontros era acompanhada pela publicação de uma antologia bilingue (português/inglês) de contos originais de FC&F, de autores portugueses e anglófonos.

Bom, triste é reconhecê-lo mas as diversas acções empreendidas no âmbito destes Encontros, que se prolongaram até 2001 (*workshops*, concursos, espectáculos, exposições, conferências, retrospectivas, debates com autores e críticos, etc.), não produziram os efeitos mediáticos que esperávamos, a tendência da crítica aparentemente não se inflectiu, salvo num ou noutro caso pontual de artigos sobre FC&F portuguesa, com curtos excertos de entrevistas aos autores, e que por vezes aparecem neste ou naquele suplemento cultural deste ou daquele periódico. As principais excepções dignas de registo, que me ocorrem — e agradeço que alguém mais bem informado do que eu acrescente o que me falha —, são as de João Barreiros no *Público* e no *Independente*, e de Pedro Foyos no *Diário de Notícias*, que durante algum tempo mantiveram secções de resenhas de FC&F nos referidos periódicos, além de Víctor Quelhas, que no *Expresso*, tem continuado a dar realce, ainda que intermitentemente, a obras e eventos de FC&F portugueses — salientando-se o caso da revista *Os Meus Livros*, com a crítica regular e especializada de João Seixas, embora tanto num caso como noutro a esmagadora incidência de obras e autores estrangeiros acabe por quase diluir a presença dum ou doutro original português que se vai publicando.

Chego ao fim desta secção com um rol dos principais autores portugueses que nas décadas de '80 e '90 do séc. xx mais se distinguiram no Fantástico, desde o mais sobrenatural ao simplesmente alegórico, incluindo alguns mais classificáveis dentro da FC porque, confesso, me custaria deixá-los de fora, além de que — e isto agora é o meu gostinho pessoal a falar... — a FC, sendo *científica*, não anda longe de uma certa *fantasia mágica*, em que as mais arrojadas e futurísticas super-



José Saramago, Mário de Carvalho, João Barreiros, João Aguiar e David Soares

tecnologias só são (serão) possíveis graças à *magia da ciência!* Repito, não sou crítico literário e por isso abstenho-me de tecer comentários qualificatórios aos exemplos apresentados; limitar-me-ei a listar os que fui encontrando e que podem dar uma ideia da quantidade — para não falar da qualidade — do que então se produziu em Portugal, aqui incluindo os que me pareceram mais salientes dentro da chamada «ficção especulativa»:

José Saramago (*Objecto Quase* 1978, *A Jangada de Pedra* 1986, *História do Cerco do Lisboa* 1989, *Ensaio sobre a Cegueira* 1995, *Todos os Nomes* 1997); Mário de Carvalho (*Contos da Sétima Esfera* 1981, *Casos do Beco das Sardinheiras* 1982, *O Livro Grande de Tebas Navio e Mariana* 1983, *A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho* 1983; posteriormente, Mário de Carvalho abandonou o fantástico para se inserir, cada vez mais, no *mainstream*); João Aniceto (*Os Caminhos Nunca Acabam* 1982, *O Quarto Planeta* 1986, *O Desafio* 1987, *A Lenda* 1988, *A Teia* 1993); Eduardo Brum (*Viviana* 1983, *Romance de uma Sereia* 1985, *O Beijo Negro* 1986, *Sem Coração* 1997); Hélia Correia (*Montedemo* 1983, *A Casa Eterna* 1991, *Insânia* 1996); Maria Isabel Barreno (*Contos Analógicos* 1984, *O Mundo Sobre o Outro Desbotado* 1986, *O Enviado* 1991, *Os Sentos Incomuns* 1993, *O Senhor das Ilhas* 1994, *O Círculo Virtuoso* 1996); Daniel Tércio (*A Vocação do Círculo* 1984, *O Demónio de Maxwell* 1993, *Pedra de Lúcifer* 1998); João Aguiar (*O Homem Sem Nome* 1986); Isabel Cristina Pires (*Universal Limitada* 1987, *A Árvore das Marionetas* 1989, *A Casa em Espiral* 1991); Irene Antunes (*Contos da Terceira Margem* 1989; *A Estreita Sombra de Catarina Vale* 1991); Luís Filipe Silva (*O Futuro à Janela* 1991, *GalxMente I: A Cidade da Carne* 1993, *GalxMente II: Vinganças* 1993; *Terrarium* [em coautoria] 1996); António de Macedo (*O Limite de Rudzky* 1992, *Contos do Androthéllys* 1993, *Sulphira & Lucypur* 1995, *A Sonata de Cristal* 1996, *Erotosofia* 1998); Maria de Menezes (*Três Histórias com Final Feliz* 1993); João Botelho da Silva (*Beduínos a Gasóleo* 1993, *As Horas do Declínio* 1996); João Barreiros (*O Caçador de Brinquedos* 1994, *Terrarium* [em coautoria] 1996); Teolinda Gersão, *A Casa da Cabeça do Cavalo* 1995, *A Árvore das Palavras* 1997; Ricardo Lopes Moura (*Phenomenae* 1996); Ione França (*O Século dos Anjos* 1996, *O Domador de Almas* 1997); Rui Miguel Saramago (*A Fraude* 1996); Clara Pinto Correia (*Mais que Perfeito* 1997); Ana Godinho (*Artiauri* 1997); Ana Teresa Pereira (*A Noite Mais Escura da Alma* 1997, *O Rosto de Deus* 1999); Beatriz Lamas de Oliveira (*O Insecto Imperfeito* 1999); Miguel Viqueira (*O Efeito Boomerang* 1999).

Antes de concluir, registre-se a anto-

logia *Fantástico no Feminino* (1985), com contos de Clara Pinto Correia, Filomena Cabral, Luísa Costa Gomes, Margarida Carpinteiro, Maria Alberta Menéres, Maria Isabel Barreno, Maria Judite de Carvalho, Maria Ondina Braga, Maria Regina Louro, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa, Olga Gonçalves, Orlanda Amarílis e Wanda Ramos.

Finalmente, uma breve nota para dois fanzines que, embora de vida curta, deixaram de algum modo a sua marca: *Eventos*, fanzine *online* de Luís Filipe Silva, iniciado em 1998 e continuado, com intermitências, até 2001; *Paradoxo* (1.ª série), editado pela «Simetria FC&F», iniciado em 1998 e terminado no mesmo ano, ao qual sucedeu a revista *Paradoxo* de que falaremos a seguir.

E QUANTO AO SÉC. XXI?

O final do séc. xx foi de certo modo assinalado com uma espécie de «dobro a finados» que felizmente não teve consequências tão fúnebres como seria de temer: refiro-me à curta existência do magazine *Paradoxo: Revista de FC e Fantástico*, idealizado e dirigido por Daniel Tércio, que sucedeu ao fanzine atrás citado e que, entre 1999 e 2000, saiu trimestralmente com ficção, ensaísmo temático, crítica, crónicas, estudos, etc., onde colaboram, entre outros, João Barreiros, Gerson Lodi-Ribeiro, João Seixas, Luís Filipe Silva, Jorge Candeias, Maria de Menezes, Daniel Tércio, Ana Cristina Luz (*a.k.a.* Ana Vasco), Luís R. de Sequeira, Gonçalo Valverde, António de Macedo, Ricardo Madeira, etc. Distinguiu-se por balizar um relevante ponto de viragem na ficção especulativa portuguesa e ensaísmo associado, bem como pelas polémicas que os seus textos suscitaram. Digamos que o supradito «dobro a finados» encerrou sobretudo a experiência da «Simetria FC&F» e dos seus Encontros Internacionais (o último foi em 2001), bem como o ciclo que eclodira com os anos '80 e '90.

Outros fanzines e revistas, em papel e *online*, têm vindo a surgir depois do ano 2000: *Dragão Quântico*, fanzine editado por Rogério Ribeiro *online*, aparecido pela primeira vez em Fevereiro de 2002; *Bangl*, revista editada em papel por Rogério Ribeiro, iniciada em 2005 (três números), continuada *online* em 2008-2009 (quatro números), editada por Luís Corte-Real, e regressada ao papel em 2010, com coedição de Luís Corte-Real e Nuno Fonseca e, a partir do número 8, com edição de Safaa Dib e direcção de Luís Corte Real; *Phantastes*, editada por Telmo Pinto

e Tiago Gama, entre 2005 e 2008; “Nova E-Zine”, editada online por Ricardo Loureiro, entre 2007 e 2008; *Dagon*, editada por Roberto Mendes e Rita Comércio, iniciada em Agosto de 2009. A publicação mais consistente, até à data, em diversidade de material proposto e em qualidade de autores e textos, além de previsível garantia de continuidade, é a *Bangl*, com um número de páginas que tem oscilado entre 80 e 180, seguida de perto pela *Dagon* cujo primeiro número, com 188 páginas, cria expectativas para o que podem vir a ser os números seguintes.

O séc. xxi arrancou com várias iniciativas e vários autores novos, além da continuidade de alguns «teimosos» provenientes do século anterior. Destes últimos, que têm porfiado no que vinham fazendo e que se mantêm em actividade com novas propostas bibliográficas na primeira década do séc. xxi, ocorrem-me — pelo menos — os seguintes: José Saramago (*A Caverna* 2000, *Ensaio sobre a Lucidez* 2004, *As Intermitências da Morte* 2005); Jorge Brum (*Amor com Sapatos* 2000, *Horas Vadias* 2001, *Não Chores pela Minha Morte* 2006); Teolinda Gersão (*Os Anjos* 2000, *O Mensageiro e Outras Histórias com Anjos* 2003); Hélia Correia (*Lillias Fraser* 2001); Maria de Menezes (*Contos Místicos* 2001); João Aguiar (*Uma Deusa na Bruma* 2003, *O Sétimo Herói* 2004, *O Jardim das Delícias* 2005); António de Macedo (*O Cipreste Apaixonado* 2000, *As Furtivas Pegadas da Serpente* 2004, *A Conspiração dos Abandonados* 2007); João Barreiros (*Disney no Céu entre os Dumbos* 2001, *A Verdadeira Invasão dos Marcianos* 2004, *A Bondade dos Estranhos/O Projecto Candy Man* 2007, *Se Acordar Antes de Morrer* 2010).

No capítulo dos autores que se revelaram ou que se confirmaram na primeira década deste novo século, e sem pretender de modo nenhum esgotar o lote, e ainda menos ser selectivo no sentido de listar os «bons» e ignorar os «mediócre» (quais bons? quais mediócre?), limitar-me-ei a referir, pelo menos como emblemáticos, os seguintes exemplos: Alberto Malheiro (*Meredith*, 3 vols.: 2000-2004); Carlos Águas Amaral (*Morte Certa* 2001); Filipe Faria (*As Crónicas de Allaryia*, 7 vols. até à data: 2002-2011); Inês Botelho (*O Cepetro de Aerzis*, 3 vols.: 2003-2005); Sandra Carvalho (*A Saga das Pedras Mágicas*, 6 vols. até à data: 2005-2009); Pedro Ventura (*Goor: A Crónica de Feaglar*, 2 vols. até à data: 2006-2007); David Soares (*As Trevas Fantásticas* 2005, *Os Ossos do Arco-Íris* 2006, *A Conspiração dos Antepassados* 2007, *Lisboa Triunfante* 2008, *O Evangelho do Enforcado* 2010); Ana Paula Cabral (*Igorj de Harmeling*;

O Escolhido 2007; reeditado em 2010 com o título *O Feitiço das Trevas*); Paulo Fonseca (*Trilogia Império Terra*, 3 vols.: 2008-2010); Fábio Ventura (*Orbias: As Guerreiras da Deusa* 2010); Carla Ribeiro (*Senhores da Noite* 2010); Rafael Loureiro (*Trilogia Nocturnus*, 3 vols.: 2007-2010); Pedro Ribeiro (*A Noite e o Sobressalto* 2010).

Já o disse mais de uma vez, não sou crítico e não cabe no intuito deste apanhado tecer considerações qualificatórias sobre a virtude ou desvirtude das obras e dos autores que vou aqui apontoando. Quero no entanto chamar a atenção para o curioso pormenor de no conjunto dos exemplos alinhados atrás dos «novos deste século», não poucos deles se acantonarem na fantasia heróica e na coutada de alguns vampiros, como é o caso de Filipe Faria, Inês Botelho, Diana de Sousa, Sandra Carvalho, Fábio Ventura, Pedro Calvete, Carla Ribeiro, Rafael Loureiro... Outros, pelo contrário, prestam especial atenção ao que poderíamos chamar os «mitologemas da portugalidade», entretecendo *plots*, com menor ou maior mestria, onde se articulam factos reais da nossa tradição histórica com ficção fantástica e realidades alternativas, como no caso de Octávio dos Santos, Alberto Malheiro ou David Soares.

Depois do fim dos Encontros promovidos pela «Simetria FC&F» (o último ocorreu, como referi, em 2001) [28], foi a vez de entrar em cena, em boa hora, o Fórum Fantástico (FF), apadrinhado pela «Épica- Associação Portuguesa do Fantástico» [29],

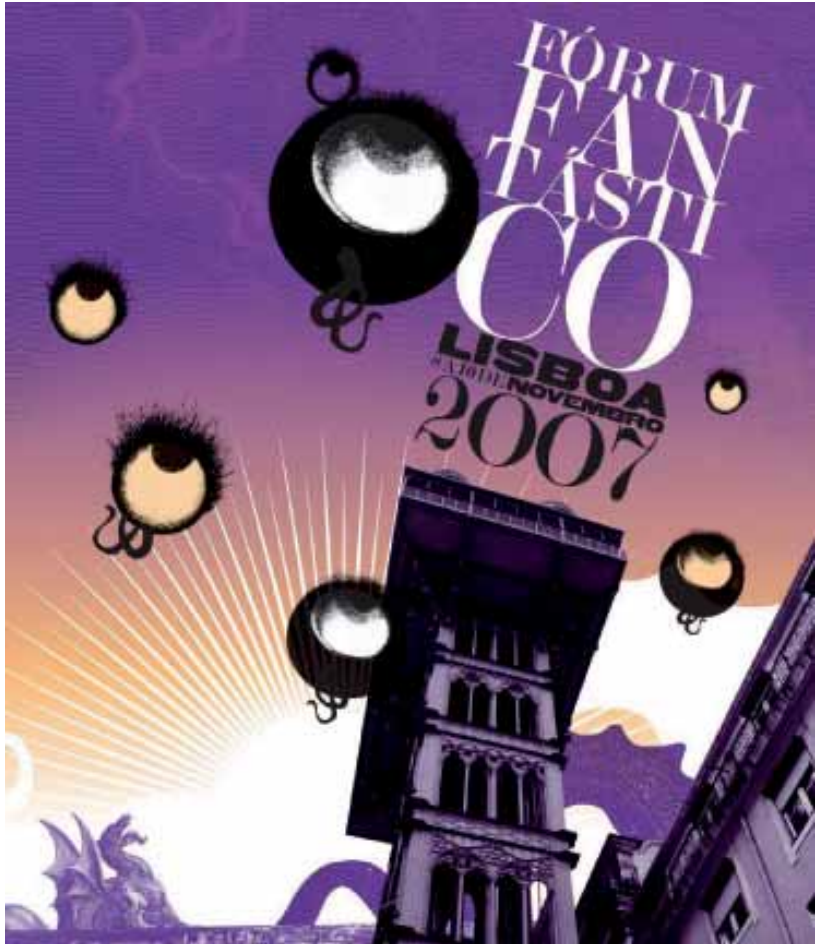
cuja ante-estreia, em Maio de 2004, assumiu o formato — bastante participado — de um Encontro Literário de Fantasia e FC na Faculdade de Letras (Universidade de Lisboa), tendo prosseguido todos os anos (com excepção de 2009, em que o evento teve de ser cancelado por dificuldades várias). Dirigido por Rogério Ribeiro e Safaa Dib, com competência e uma persistência entusiasticamente empenhadas, o FF desde o seu início tem conseguido manter um nível e uma qualidade de participação que são de realçar e louvar: além de autores portugueses, entre «veteranos» e revelações, trouxe às suas edições autores de renome internacional como Mark Brake, Rhys Hughes, Edward James, Paul McAuley, Elia Berceló, Nick Sagan, Zoran Zivkovic, Blanca Riestra, Neil Hook, Christopher Priest, León Arsenal, C. B. Cebulski, etc.

Refira-se também, no arranque do séc. xxi, a estreia em 2001 de uma colecção de autores portugueses antigos e modernos, na área do fantástico, à qual já tive oportunidade de aludir no início desta crónica: a colecção *Bibliotheca Phantastica*, publicada pela editora Hugin e interrompida por falência da editora em 2005. Para além da já consagrada Maria de Menezes, nela se começaram a revelar novos nomes, como Luísa Marques da Silva, Pedro Lúcio, Sérgio Franclim e Octávio dos Santos, em paralelo com clássicos novecentistas como Teófilo Braga, João da Rocha e Eduardo de Faria. Deste último, o romance *A Es-*

trela Brilhante publicado pela primeira vez em 1845 já não pôde ser distribuído por insolvência da editora.

Falou-se mais atrás no papel da crítica convencional e na sua relação equívoca com a FC&F portuguesa, e por isso não posso deixar de salientar a importância de que se revestiu o lançamento no mercado livreiro, em 2002, da revista *Os Meus Livros*. Durante oito anos foi um bem-vindo e vasto repositório de (quase) tudo o que se ia publicando, incluindo uma secção crítica especializada, regular, no campo da FC&F, a cargo de João Seixas, cujo conhecimento e competência na matéria desnecessário se torna enaltecer. Em Março de 2010 esteve ameaçada de extinção — os bons morrem cedo! — mas em Maio recuperou, não sei se por efeito de simultaneidade com a Feira do Livro, e esperemos que seja para continuar.

Penso todavia que neste momento o que está a contar com muita força em termos de crítica, tanto especializada em FC&F como generalizada, é o que se passa na Internet e a incomensurável abundância, sempre crescente, de *sites* e *blogues* que, cada vez mais, substituem e se sobrepõem à crítica literária «em papel». Neles tem lugar, por entre as mais diversas reflexões crítico-literárias, uma atenção permanente à edição de livros e outras publicações, com resenhas e comentários diversificados, e bem estimulantes nalguns casos, à literatura portuguesa na área da FC e do Fantástico. [30]



Cartaz da edição de 2007 do Fórum Fantástico (autoria de Pedro Marques)

CONCLUSÃO PROVISÓRIA

Poderemos ter esperança de uma actividade autoral e editorial contínua e de qualidade na pedregosa e acidentada vereda da FC&F portuguesa? Não sou profeta nem bruxo e por isso me abstenho de formular sequer o meu voto de que esse transgressivo género literário floresça e se ramifique abundantemente em Portugal. Bom, reconheço que sou suficientemente visionário para me atrever a referir a hipótese de tal voto, mas também sou suficientemente realista para saber que as condições autorais e editoriais, salvo escassas excepções, não autorizam um optimismo por aí além. Em todo o caso, os números falam por si e há uma constatação factual que não podemos ignorar: num artigo intitulado «Monstros, as vedetas do nosso tempo», publicado em princípios de Abril de 2010 no *Diário de Notícias*, podemos ler: «A revista *Bang!*, lançada oficialmente esta semana, tem uma taxa de *downloads* na ordem dos 30 mil, conta [Luís] Corte-Real: “Foi isso que nos deu a percepção de que há muita gente que procura este género, que tem sido mal tratado em Portugal e merece que lhe seja dada mais visibilidade”».

Não é difícil de farejar que há por aqui um *missing link* qualquer: como é que de 30 mil pessoas interessadas em *downloads*

cento mais uma lista às que deixei lá mais atrás: desta vez de antologias saídas na presente década, daqui saudando as editoras que se abalançaram ao empreendimento: *Ficções Científicas & Fantásticas* (Chimpanzé Intelectual, 2006); *A Sombra Sobre Lisboa* (Saída de Emergência, 2006); *Contos de Terror do Homem-Peixe* (Chimpanzé Intelectual, 2007); *A República Nunca Existiu* (Saída de Emergência, 2008); *Brinca Comigo! E outras estórias fantásticas com brinquedos* (Escrit’orio, 2009). Acrescente-se a este rol a antologia *Por Universos Nunca Dantes Navegados* (edição de Luís Filipe Silva, 2007), que deixei para o fim por ser luso-brasileira e não exclusivamente nacional, tal como deixo para o fim uma outra antologia que, sendo maioritariamente *mainstream*, inclui todavia dois contos fantásticos: *Play it, Sam!* (Escrit’orio, 2010). No seu conjunto, formam uma razoável *corbeille* de autores, velhos e novos, que aqui enfileiro por ordem alfabética (alguns têm contos em mais de uma das antologias): Alexandre Vieira; António de Macedo; Baptista-Bastos; Bruno Martins Soares; Clara Pinto Correia; David Soares; Fernando Ribeiro; Guilherme Trindade Filipe; João Aguiar; João Barreiros; João Henrique Pinto; João Seixas; João Tordo; João Ventura; Jorge Candeias; José Manuel Lopes; Luís Bettencourt Moniz; Luís Filipe Silva; Luís R. de Sequeira; Luísa Marques da Silva; Maria de Menezes; Miguel Neto; Miguel Real; Miguel Vale de Almeida; Octávio dos Santos;

Pedro Martins; Possidónio Cachapa; Rogério Ribeiro; Rui Zink; Safaa Dib; Sérgio Sousa-Rodrigues (*a.k.a.* Sérgio Franclim); Sofia Vilarigues; Telmo Marçal; Vasco Curado; Yves Robert.

E por aqui me detenho no remate destes esqueléticos apontamentos sobre o Fantástico português, desde as suas origens até ao fim da primeira década do séc. xxi. Prognosticar o que pode vir a ser o resto do século seria tão arriscado como em 1910 tentar anteverionar o que viria a ser o resto do séc. xx... em que as múltiplas realidades, políticas, sociais, tecnocientíficas, culturais, artísticas... superaram de longe as mais delirantes especulações novecentistas.

Seja como for, e apesar de se diluir por uma área rarefeita, em terra lusa, o tema merecia ser examinado e aprofundado com um pormenor e um saber que ultrapassam as minhas capacidades. Material de estudo não falta, haja em vista, para já, o fundamental e completíssimo arquivo *Bibliowiki da literatura fantástica em português* [32], sempre em actualização, organizado por infatigável e louvável iniciativa de Jorge Candeias, onde se esclarece logo à entrada da página principal: «O Bibliowiki é um *site* bibliográfico sobre a literatura de ficção científica e de todas as outras vertentes do fantástico publicadas em português».

Por conseguinte, termino com um desafio: — Não haverá por aí um atleta com vocação para história da literatura e para crítica literária que se abalance a escrever uma apelativa história crítica do fantástico português, em forma de livro, com todos os conteúdos, contextos, adereços e temperos como convém a um estudo a sério?

Fico ansiosamente aguardando! **BANG!**



António de Macedo, escritor, cineasta e prof. universitário, nasceu em Lisboa em 1931. Inclui na sua extensa filmografia dezenas de documentários, programas televisivos e filmes de intervenção, bem como onze longas-metragens de ficção. Paralelamente, especializou-se na investigação e estudo das religiões comparadas, de esoterologia, de história da filosofia e da estética áudio-visual, e das formas literárias e filmicas de «speculative fiction», temas que tem abordado em inúmeros colóquios e conferências, e em diversas publicações. Foi homenageado pelo 30.º Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, em Setembro de 2001, pela relevância da sua carreira e pelo contributo prestado à cultura cinematográfica portuguesa.

[20] Teresa Sousa de Almeida, «A Ficção Científica em Portugal: Desenho de um território», in: <i>Na Periferia do Império: Fronteiras. Cascais: Simetria FC&F</i> , 1998; pp. 15-16.			
[21] E. M. de Melo e Castro, «Introdução», apud: <i>Antologia do Conto Fantástico Português</i> (2.ª ed.). Lisboa: Afrodite, 1974; p. xvi.			
[22] Maria Leonor Machado de Sousa, <i>O “horror” na literatura portuguesa</i> . Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1979; pp. 81-82.			
[23] Para uma primária destrição entre <i>heroic fantasy</i> , <i>epic fantasy</i> , <i>high fantasy</i> , <i>sword and sorcery</i> , etc., sugere-se consulta expedita à Wikipedia.			
[24] Maria Leonor Machado de Sousa, <i>op. cit.</i> ; p. 82.			
[25] Teresa Sousa de Almeida, <i>op. cit.</i> ; p. 17.			
[26] Teresa Sousa de Almeida, <i>op. cit.</i> ; <i>ibid.</i>			
[27] David Soares, «Sobre o Fantástico na Literatura Portu-			
guesas», in: <i>Bang!</i> n.º 3, Janeiro 2008, <i>online</i> . Lisboa: Saída de Emergência; p. 21: http://www.saidadeemergencia.com/uploads/books/Bang!%203.pdf			
[28] A associação «Simetria FC&F», embora há muito tempo sem sede física, tem mantido presença regular na Internet: http://blog.simetria.org/ - além de um conjunto de actividades e iniciativas contínuas, levadas a cabo por uma sua progénie, a «Simetria Jovem»: http://blog.simetria.org/category/simetria-jovem/			
[29] http://epicapt.wordpress.com/			
[30] Aqui deixo os URLs de alguns que rastreei: Estante de Livros (www.estantedelivros.com/); N Livros (nlivros.blogspot.com/); Odisseias Fantásticas (fantasticas.odisseias.net/); Correio do Fantástico (correiodofantastico.wordpress.com/); Lydo			
e Opinado (lydoeopinado.blogspot.com/); As Leituras do Corvo (asleiturasdocorvo.blogspot.com/); Os Livros (oslivros.blogspot.pt/); Bad Books Don't Exist! (www.bbde.org/); Tecnofantasia, de Luís Filipe Silva (www.tecnofantasia.com/cgi-bin/tfmaint.cgi); BladeRunner, de João Seixas (www.spaceshipdown.blogspot.com/); Cadernos de Daath, de David Soares (cadernosdedaath.blogspot.com/); Chicago 1900, de Miguel Garcia (chicago1900.blogspot.com/); Bela Lugosi is Dead, de Rui Pedro Baptista (belalugosiisdead.blogspot.com/); I Dream in Infrared, de Rogério Ribeiro (idreaminfrared.blogspot.com/); Montag, de Pedro Marques (pedromarquesdg.wordpress.com/); Stranger in a Strange Land, de Safaa Dib (retratos.wordpress.com/); Morrighan, de Sofia Teixeira (branmarrighan.blogspot.com/); Inner Space, de Nuno Fonseca (innerspace22.spaces.live.com/); Rascunhos, de Cristina Alves (acrisalves.wordpress.com/); Lâmpada Mágica, de Jorge Candeias (lampadamagica.blogspot.com/); Das Palavras o Espaço, de João Ventura (fromwords.blogspot.com/).			
[31] Como a Internet não tem fronteiras, suspeito que uma parte mais que substantiva desses 30 mil seja de fans brasileiros de FC&F. Bem sabemos que é muito difícil, senão praticamente impossível, uma distribuição regular de livros portugueses no Brasil; para ultrapassar esta barreira, os autores portugueses de FC&F, e os respetivos editores, talvez não fizessem mal em começar a lançar, em formato <i>e-book</i> gratuito, alguns dos seus textos — experiência que aliás já tem sido tentada, por exemplo pela Saída de Emergência, com alguns livros, e não só com a revista <i>Bang!</i>			
[32] http://bibliowiki.com.pt/index.php/Página_principal			

1964

O ano dos fantasmas e dos demónios

CINEMA FANTÁSTICO JAPONÊS
POR SAFAA DIB



Muitos hoje conhecem a força do cinema de horror japonês graças a *remakes* norte-americanos na última década, como *The Ring* ou *The Grudge*, adaptados para as sensibilidades ocidentais, e muitos saberão que muita da força desse cinema se desenvolve em torno da presença de elementos sobrenaturais como os fantasmas (*yurei*), demónios (*oni*) ou espíritos de monstros (*yokai*).

Voltando atrás no tempo, há que ir em busca das raízes desse cinema e dos clássicos que abriram passagem para essa mitologia e folclore japoneses. Dois filmes foram essenciais para definir o horror japonês que atravessou fronteiras, ambos com estreia no ano de 1964. Não só partilham o ano de estreia, mas baseiam-se em contos e parábolas que existiam no Japão desde tempos imemoriais. Tanto podem ser histórias de fantasmas que se arrastam neste plano existencial apenas para exercer vingança ou demónios que existem para atormentar humanos, mas na essência são histórias cujos elementos sobrenaturais expõem a vulnerabilidade humana e a constante vivência a um passo da morte. A divulgação destas lendas e mitos no Ocidente começou muito antes do cinema norte-americano, e deve-se em parte ao escritor do séc. XIX de origem irlandesa e grega (que também deixou a sua marca na literatura norte-americana) Lafcadio Hearn, um autor que nos últimos anos da sua vida se tornou um cidadão japonês e traduziu e adaptou muitas dessas histórias, construindo um Japão exótico que entrou na consciência popular na viragem do século XIX para o XX.

É precisamente com base nas histórias de fantasmas do período Edo traduzidas

por Lafcadio Hearn que o realizador de cinema Masaki Kobayashi criou o visualmente sumptuoso *Kwaidan* que no ano seguinte à sua estreia não só arrebatou o Prémio do Júri do Festival de Cannes, como foi nomeado pela Academia para um Óscar. Dividido em quatro histórias independentes, não estamos perante o habitual filme de horror. Os encontros de humanos com fantasmas produzem um suspense lento e um ambiente de tensão sem violência. O propósito não é assustar o espectador com a existência de fantasmas, mas mostrar a interferência, por vezes cruel, por vezes trágica, do mundo sobrenatural na vida dos humanos. Afinal os fantasmas eram homens ou mulheres, mas roubados pela morte e presos a emoções tão fortes que despertam forças para além da compreensão dos mortais.

Nas histórias de *Kwaidan* encontramos a perda e loucura causada pela vingança de um fantasma, mas também encontramos pessoas assombradas por visões de espíritos, e nessa veia a história mais notável do quarteto será a do músico cego Hoishi. O seu talento para cantar a balada de uma antiga guerra japonesa desperta os fantasmas dos heróis e soldados que ele próprio evoca nas suas canções. Todas as noites, o músico cego é conduzido por um misterioso samurai para um cemitério onde a sua cegueira o impede de ver a corte de fantasmas cativada pelo poder da sua música e canto, numa cena de enorme beleza visual. Quando monges descobrem que a alma de Hoishi se encontra em perigo, tentam salvá-lo cobrindo o seu corpo de escrituras sagradas budistas, mas os monges cometem um erro crasso, esquecendo-se de cobrir as orelhas de Hoishi...

Do visual marcadamente expressionista de *Kwaidan*, saltamos para um retrato do Japão medieval cruel, a preto e branco. Baseado numa parábola budista onde uma rapariga é salva pela força da sua fé de uma mulher que finge ser um demónio, *Onibaba* de Kaneto Shindo retrata um Japão dilacerado por guerra civil entre samurais que forçam os homens a alistarem-se nas suas lutas por poder, causando apenas miséria e destruição no país. Os camponeses são deixados à sua sorte, esfaimados, rendidos ao desespero e aos seus mais primitivos instintos de sobrevivência.

Num tempo tão negro, uma velha e a sua nora escondem-se num denso canavial onde vivem nas condições mais esquálidas. Para sobreviverem, matam os samurais que se refugiam da batalha entre os canaviais, despojando-os das suas armaduras e arsenal que são vendidos em

troco de trigo e lançando os cadáveres para um poço negro. Um dia, um homem regressa com a notícia de que o filho da velha e marido da jovem fora morto numa das batalhas. Instala-se nas imediações da casa das mulheres, abertamente desejando a rapariga que tenta aliciar para encontros sexuais. Embora inicialmente relutante, a rapariga cede e todas as noites escapa da alçada da velha para encontros secretos onde se rende à luxúria e ao desejo. A tensão erótica dos amantes influencia a própria sogra, a braços com a sua frustração sexual. Rejeitados os seus avanços pelo homem, ela implora para que não lhe roube a jovem mulher, sem a qual seria incapaz de sobreviver e matar samurais.

É então que se inicia um jogo de gato e rato entre o trio, com interpretações notáveis que roçam o animalesco, em que a sogra tenta a todo o custo travar os encontros dos amantes. Uma noite, quando se encontra sozinha, um samurai com máscara de demónio perde-se no canavial e obriga-a a mostrar-lhe o caminho para a cidade. Conduzindo o samurai à sua própria morte, a velha captura a máscara de demónio e vê a sua oportunidade para induzir na jovem mulher um medo supersticioso.

A atmosfera opressiva dos canaviais, aliada a uma banda-sonora intensa de caos e frenesim, contribui para um crescendo de tensão que atinge o seu clímax no momento em que a velha é punida pela sua interferência. O filme suspende-se numa última imagem das mulheres a saltarem sobre o poço negro, a pairarem sobre a morte do mesmo modo que as suas existências precárias desafiam constantemente o oblióvio e o fim. Pontuado por momentos de eroticismo e planos longos das personagens a saciarem a fome de forma voraz, *Onibaba* é um retrato realista e negro do indivíduo reduzido à sua condição mais primitiva e onde impera apenas a necessidade do sexo, do alimento, a necessidade de ser predador e nunca presa, de matar para viver, entre os canaviais onde não há lugar para falsos moralismos, e onde existe apenas a vontade desesperante de sobreviver contra todas as expectativas.

Tanto *Kwaidan* e *Onibaba* estão disponíveis na colecção de DVD da Criterion Classics e são consideradas obras-primas do cinema japonês, de elevada qualidade artística, oferecendo uma experiência cinematográfica única, tão única como o folclore, lendas e superstições do antigo Japão, que marcam ainda forte presença na cultura e psique japonesa, deixando o Ocidente rendido aos seus mistérios. **BANG!**

PÁGINAS DESFOLHADAS
paginasdesfolhadas.blogspot.com

O MAGO
RAYMOND E. FEIST

★★★★☆



Apesar da possibilidade de “O Mago” cair nos clichés que abundam no fantástico, consegue distanciar-se com vários atributos: toques de humor que suavizam a entrada no mundo de Pug, uma interação única entre dois mundos tão distintos quanto semelhantes e a existência de personagens únicas, capazes de assumir o papel principal a qualquer altura. / Diana Almeida e Nuno Gonçalves

INTERGALACTIC ROBOT
intergalacticrobot.blogspot.com

AS CRÓNICAS MARCIANAS
RAY BRADBURY

★★★★★



Nesta obra clássica, Marte é um local exótico e nostálgico onde os marcianos são elegantes fiapos oníricos de uma civilização milenar em gentil declínio e os homens aventureiros sonhadores. Restam-nos imaginar que por detrás das imagens hoje trazidas pelas sondas se escondam elegantes cidades espiraladas sob o céu avermelhado e à beira de um mar antigo sulcado por exóticas gôndolas tripuladas por seres de inescrutáveis máscaras douradas. / Artur Coelho

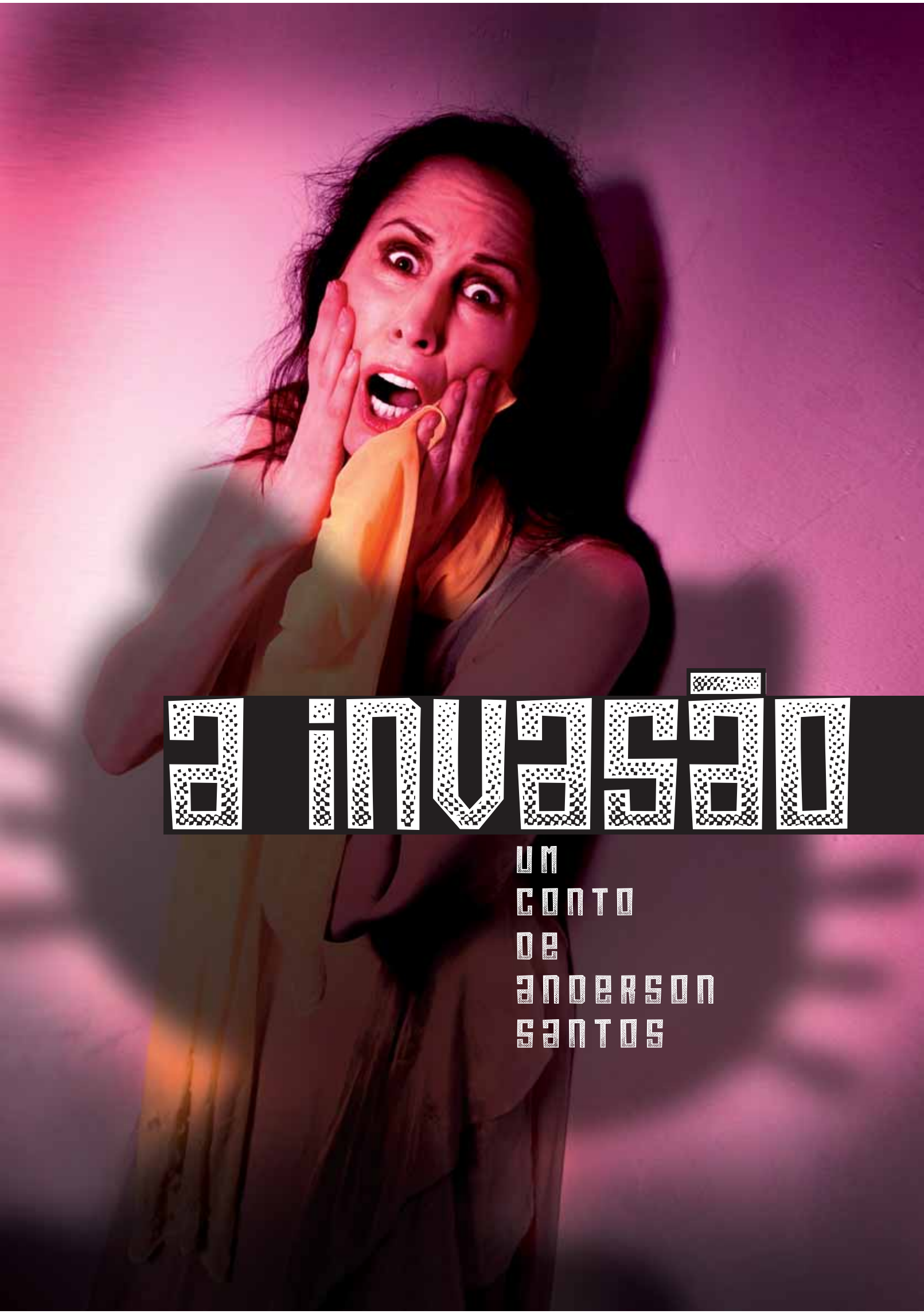
MANUSCRITOS MALDITOS
manuscritosmalditos.wordpress.com

LISBOA TRIUNFANTE
DAVID SOARES

★★★★★



Seis mosaicos delicadamente pintados que nos expõem a natureza humana através do conflito intemporal entre dois estranhos seres. A Lisboa que conhecemos fica aqui enriquecida com uma camada mítica e simbólica que só nos pode abrir a mente para uma visão de vida mais criativa. Foi o livro que me convenceu que o Fantástico existia em Portugal.



A invasão

UM
CONTO
DE
ANDERSON
SANTOS

“Agora, paralisado, você pode ver que o corpo da monstruosidade é desproporcional, medindo entre tronco e membros inferiores pouco mais do que a cabeça e, cômica ou apavorantemente, ela veste roupas femininas infantis

Poucos acreditaram em nós, e agora possivelmente seja tarde demais. Deixo esses registros para o caso de haver sobreviventes, ou para que, se algum dia alguma vida inteligente habitar novamente este planeta, e tiver a sorte de encontrar este manuscrito, possam saber como enfrentar a ameaça que destruiu a humanidade. Nenhum vírus, nenhuma guerra nuclear, nenhum derretimento das calotas, buraco na camada de ozônio, efeito estufa, nada.

Foi algo bem mais inusitado.

Para compreender o que se passa, é preciso, primeiro, que se faça um exercício de abstração simples e rápido. Você vai perder pouco tempo, e isto poderá salvá-lo. Respire fundo, concentre-se e me acompanhe.

Imagine-se em casa, sozinho, numa noite de tempestade torrencial. Não qualquer chuva. Não... Um temporal, daqueles em que não se consegue ver nada do lado de fora da janela, a não ser luzes passando lentas e inseguras na avenida, brilhando na pequena cachoeira que se deita sobre as paredes externas da casa, impedindo ainda mais o vislumbre do mundo exterior. Você está em seu quarto, sentado sobre a escrivaninha que se apoia na parede da janela e ouve um barulho como o das patas de um rato a riscar o assoalho em busca de fendas, vindo de algum lugar na direção oposta. A curiosidade o faz virar, assustado. Não há mais ninguém em casa. Naquele lado do quarto há apenas o armário de roupas. Você levanta, convencido de que não irá conseguir enxergar nada pela vidraça, e caminha em direção ao leve ruído, algo interessante no ambiente. A porta do armário está levemente entreaberta e, sem medo do desconhecido, você termina de abri-la, sendo surpreendido por algo com as faces totalmente pálidas em uma cabeça quase esférica, ovalada. A criatura tem grandes orbes negros no lugar onde deveria haver olhos, sem pálpebra, pestana, cílios ou sobrancelhas, o que confere a ela poder para vê-lo, independentemente do lugar para onde você corra. Olhos que tudo vêem. Não importa onde você esteja, ela o olha. Uma fenda amarela, também ovalada, centraliza o rosto do ser imitando um nariz. Um nariz ovalado, sem narinas, sem entrada para ar. Acima da cabeça orelhas pontudas ou imitação de orelhas, algo como cornos que não romperam a pele, como chifres disfarçados. A criatura não possui lábios, nenhuma boca aparente, e o único sinal de que pode haver algo ali que se assemelhe a um sistema de comunicação são um par de três pequenos e resistentes fios imitando pêlos rígidos em torno dos olhos e da fenda nasal, se estendendo para fora do rosto.

Agora, paralisado, você pode ver que o corpo da monstruosidade é desproporcional, medindo entre tronco e membros inferiores pouco mais do que a cabeça e, cômica ou apavorantemente, ela veste roupas femininas infantis, e carrega inclinado, no topo da cabeça, preso ao corno disfarçado, um laço de fita cor de rosa.

Foi assim que chegaram os invasores. Apesar da aparência, infiltraram-se em nossa sociedade como se fossem inofensivos gatinhos estilizados, com nomes que sugeriam boas vindas, e através do negócio mais lucrativo do final século XX, o entretenimento infantil. “Lindas bonequinhas” era o que diziam as pessoas que se deixavam atingir pelo efeito hipnótico emanado pelas criaturas, efeito do qual eu e outros que, como eu, achavam que éramos imunes, suspeitávamos ser emitido através do laço de fita. Chegamos a ter certeza disso.

O estudo da sociedade que os invasores intentavam dominar fora bem feito. Tomar o planeta pelo modismo e pelo consumismo foi uma estratégia muito bem engendrada, principalmente em plena era da *toy art*, mas as criaturas não imaginaram que algumas pessoas teriam mentes capazes de resistir a tal sugestão.

Em pouco tempo estavam em toda parte. A estratégia de marketing dos invasores fazia com que se multiplicassem e arrecadassem milhões. Lancheiras, mochilas, materiais escolares. Roupas, jogos, e mais brinquedos. E não demorou até que conseguissem iniciar o domínio sobre a parcela feminina da população, começando a aparecer em chaveiros, bichos de pelúcia, bolsas, adesivos, estampas, tudo. Chegou ao ponto de produzirem-se automóveis inspirados naquele objeto de desejo consumista cego.

Enquanto isso acontecia, nossa organização começou a se reunir. Pessoas que viam o real perigo que aquelas criaturas representavam, e tentavam infrutiferamente alertar a população do perigo iminente que a cercava. Primeiro separadamente, cada um de nós tentou reunir mais pessoas que subvertiam a sugestão hipnótica das bonecas, depois em grupos, através de sociedades da rede mundial de computadores, grupos estes que se extinguíram quando veio à tona a informação de que estávamos tendo nossas conversas e atividades monitoradas por eles, que se multiplicavam até mesmo na internet, aparecendo em uma quantidade cada vez maior de páginas, *sites* e *links* na forma de *gifs* animados. A situação exigia medidas drásticas.

Temerosos, muitos se separaram da resistência. Tentaram fugir, se esconder. Tentaram o suicídio. Alguns conseguiram. Eu e um grupo de mais catorze pessoas começamos a nos reunir nas casas dos integrantes solteiros, sempre em datas e locais aleatórios, para não chamar atenção. Apenas duas mulheres estavam entre nós. Parecia que a resistência à influência dos raios sugestivos era um dom quase privativamente masculino. Os solteiros eram mais difíceis de serem subjugados pela emanção subliminar das criaturas, o que decorre de uma explicação simples: o fato de não terem filhas e mulheres que lhes impusessem a presença em massa dos materiais infiltrados diminuía a absorção dos raios. Menor exposição, maior resistência. Acabamos por ter certeza de que o efeito hipnótico das criaturas não nos atingiria, desde que a exposição fosse mínima.

As informações sobre os invasores eram praticamente nulas. Não sabíamos de qual galáxia viriam, do que se alimentavam (se é que se alimentavam, já que aparentemente não tinham por onde fazê-lo) ou se tinham pontos fracos. A essas alturas, após insistentes tentativas dos grupos de resistência em difamá-los, já eram produzidos desenhos animados onde as criaturas *tinham* boca, e falavam *com a voz do coração*. Os invasores já apelavam para o sentimentalismo barato. E nós, a resistência, não sabíamos se necessitavam de algo essencial para sua sobrevivência. Não sabíamos nem mesmo se já estavam entre nós, ou se todo o marketing que usavam era apenas um meio de preparar uma civilização pacífica para sua chegada. Não sabíamos como coletavam as informações de que precisavam, mas os falsos “pêlos” nos levavam a acreditar que o faziam através de alguma frequência indecifrável para nossos ouvidos despreparados. Algumas vezes chegamos a nos imaginar paranóicos, loucos por acreditar que aquelas pequenas gracinhas pudessem fazer mal a alguém, mas após uma quarentena – as quais freqüentemente nos submetíamos a fim de afastar a influência que impregnava nossas células – quando nos deparávamos com outra imagem daqueles monstros sendo venerada, reassumíamos a certeza de que algo precisava ser feito.

E o tempo todo éramos alvos de chacota, piadas ou brincadeiras envolvendo bonecos, desenhos, imagens, ou qualquer objeto que carregasse aquele cara maligna portando um laço de fita. As pessoas não queriam ver a verdade, e eu me lembrava da história do espelho rúnico, sobre a cegueira que cobre a razão dos que veneram.

O espelho rúnico é a história de uma jovem mulher que conversava mais com o espelho do que com as poucas pessoas que a cercavam. Limpava-o com vinho tinto virgem, cobria-o para que não apanhasse sol. Dizia que era um espelho rúnico e que, um dia, sua imagem não se refletiria por alguns instantes em sua superfície, chegando atrasada, pronta para lhe responder qualquer questão sobre o presente, o passado, e o futuro. Passava horas do dia em frente ao espelho, ora sentada, ora em pé, admirando a moldura repleta de símbolos, a superfície lisa, a ausência de arranhões. Entrava e saía da área de reflexão, esperando o momento em que não mais estaria lá. O momento em que se atrasaria. Quando saía de casa, cobria-o com um lençol branco, evitando o pó, a ação do tempo, e o sol que nunca, nunca deveria tocar sua superfície. Chegava em casa e o descobria, e descobria-se sempre

mais esperançosa, sempre mais próxima do dia em que saberia. Foi então que, numa determinada noite de inverno, acordou de sobressalto. Calafrios percorriam seu corpo e a sudoração a impulsionava. Sabia que havia chegado o momento. O futuro lhe viera aos olhos. O reflexo do espelho atrasou-se. Atrasou-se tanto que não teve tempo de revelar-lhe nada. Tanto que talvez nunca tenha chegado.

As pessoas agiam dessa maneira. Como a mulher que possuía o espelho, mas na verdade era possuída por ele. Como a mulher que não viu que o tempo inteiro o que o espelho refletia era o tempo que ela perdia, a proximidade de seu fim. E o tempo todo nós, da oposição, éramos testados em nossa resistência, tendo de evitar festas infantis onde a exposição beirava o absurdo com todas aquelas imagens cercando o ambiente - o que me fazia pensar em cultos fanático suicidas -, lojas de conveniência e bazar, e posteriormente



shoppings, grandes espaços de mercado, e locais públicos de movimento intenso.

Como sabíamos que seria impossível descobrir um meio de aniquilar a praga que crescia exponencialmente em nossa sociedade, começamos a nos preparar para a reclusão, a proteção ou a fuga. Armazenávamos enlatados com prazos de validade amplos, que substituíamos de tempos em tempos para termos alimento na eventualidade de termos que nos esconder. Nos armávamos e aprendemos a atirar, ainda que tivéssemos que transgredir algumas leis para conseguir armamento e munição. Fizemos simulações de fuga, treinamentos, e planejamos tudo. Éramos um grupo, uma sociedade, uma família. Cuidávamos uns dos outros, e nos divertíamos.

Em muitas de nossas reuniões, nós simplesmente relaxávamos. Não tínhamos apenas a resistência como ponto em

comum. Todos gostávamos de histórias de terror, o que acredito tenha sido fato imprescindível para o reconhecimento do perigo que as criaturas representavam. A história do espelho rúnico foi contada numa dessas reuniões por Sharon. Sharon era envolvida com misticismos e bruxarias e sempre contava histórias envoltas em seus temas favoritos. Em um de nossos encontros, Michele, a outra mulher do grupo, contou-nos uma história surpreendente. Uma história sobre três amigos.

Naquela noite eu quase me apaixonei. Michele era deslumbrantemente linda, e quando terminou sua história, que deixou muitas pessoas com vontade de ouvir mais, concluiu dizendo: - Uma história termina quando tem que terminar. Nem antes, nem depois.

Michele devia ser fã de Stephen King, Tolkien, Bradbury e todos os outros autores que eu venerava. E era linda. Mas

eu resisti ao sentimento de paixão. Se não tivesse resistido, eu talvez não tivesse sangue frio para matá-la pouco tempo depois.

Apesar de todo o treinamento, poucos de nós conseguiram chegar a tempo a este abrigo subterrâneo onde estou agora, e restam apenas dois sobreviventes e uma arma com munição para apenas dois disparos. Enquanto escrevo estes fatos, meu último amigo vivo emite sons sufocados pela mordaca, sacudindo o corpo na cama onde o amarrei, balbuciando palavras ininteligíveis, clamando pela morte rápida, descrente da possibilidade de tornar a ver a luz do sol.

Eles não chegaram do céu como alguns de nós acreditávamos que ocorreria. Não desceram de naves, não deram ordens, não fizeram exigências, nem nos ordenaram em língua inglesa que os levassem até nossos líderes, como sugerem os filmes *hollywoodianos*. Eles apenas acordaram.

Saíram do estado de hibernação e começaram a tomar o planeta das mãos dos homens como quem tira doces da mão de crianças, perdoe-me o chavão. Foi tudo muito fácil para eles. No estágio em que se encontrava a influência hipnótica deles sobre a humanidade, poucas pessoas tentaram escapar de seus ataques. As crianças, surpresas por seus brinquedos estarem caminhando, tinham o último momento de diversão antes de serem absorvidas pelos lindos gatinhos monstruosidades com quem tinham dividido tantos bons momentos juntos. Os adultos levavam algum tempo até se dar conta do que estava acontecendo. O efeito sugestivo tinha durabilidade variada de pessoa para pessoa. Após o impacto de ver-se frente a frente com os assassinos que instantes antes eram inofensivos brinquedos, chaveiros, e mochilas, poucos reagiam. Depois que os pretensos inofensivos ganhavam vida (na verdade,

“ **A criatura tem grandes orbes negros no lugar onde deveria haver olhos, sem pálpebra, pestana, cílios ou sobrancelhas, o que confere a ela poder para vê-lo, independente do lugar para onde você corra. Olhos que tudo vêem.**

saíam da hibernação) alguns conseguiram dar meia volta e correr, mas não o suficiente.

Não demoramos a ouvir os primeiros gritos aterrorizados. Levamos menos tempo para entender o que estava acontecendo. Havíamos previsto aquilo uma centena de vezes, talvez mais. Havíamos nos preparado, treinado, prevenido. Dentro do prazo estipulado nos treinamentos, oito de nós estávamos fechados no abrigo que construímos e abastecemos para manter seguros quinze homens por um período estimado de sessenta dias. Cada um de nós havia adquirido um revólver calibre 38 com capacidade para seis tiros, que mantínhamos carregados em nossas casas, e que em hipótese alguma deveria ser esquecido em caso de necessidade de esconder-se. Apenas três de nós estavam armados quando lacrámos a entrada. Possuíamos pouca munição.

O pânico da realidade fez com que a maioria de nós esquecesse o treinamento e fugisse para a salvação. Alguns não alcançaram tal salvação a tempo. Éramos, a partir daquele momento, oito contra o mundo, com apenas dezoito disparos.

Mal tivemos tempo para recuperar o fôlego e nos entristecer pelos que se perderam. Eles já deveriam estar mortos àquela hora, e nós estávamos vivos. Vivos e em perigo.

Como se as criaturas soubessem de nosso ardil, alguns dos pequenos – os que hibernavam em forma de chaveiros em sua maioria – começaram a infiltrar-se em nossa câmara pelo estreito duto de ar. Duas das criaturas chegaram a entrar antes que pudéssemos vedá-lo. Mateus deu cinco tiros na direção das falsas gatinhas errando todos. O sexto tiro reservou para si. Foi Jonas quem acertou as mini gatinhas gastando quase toda sua munição para nos dar a certeza de que elas eram vulneráveis. Pelo menos as pequenas, que explodiram deixando uma gosma de cor ocre espalhada pelo chão do abrigo. As balas que atingiam o corpo dos invasores não os afetavam. Em um tiro de sorte, Jonas atingiu a primeira delas no laço de fita. A segunda teve o mesmo fim por dedução. O segredo é atirar no laço de fita.

Ligamos o televisor que havíamos instalado aqui em baixo, não querendo pensar em quanto ar ainda teríamos, e vimos o que terminou de enlouquecer o resto de nós. Uma rede de TV nacional conseguiu, num furo de reportagem, transmitir imagens da barbárie, e foi como soubemos de que modo eles atacavam, antes que o repórter e o cinegrafista fossem mortos.

Eles têm boca.

Não. Aquilo não é uma boca. Talvez a expressão não-boca fosse mais apropriada. A imagem clara da transmissão de TV é o que me mantém acordado e alerta, mesmo depois de Mateus ter encontrado em Sharon uma seguidora. Sharon surpreendeu Jonas tomando-lhe a arma das mãos sem encontrar resistência nenhuma. Levou o cano da pistola calibre 38 para dentro da boca, puxando o gatilho em ângulo que dirigiria a bala diretamente a seu cérebro, acabando com o próprio sofrimento e com a munição da arma do companheiro.

O que surge na face das monstruosidades é algo que mesmo no momento mais paranóico não poderíamos ter imaginado. As esponjas marinhas absorvem, sugam a água através de óstios, filtram os nutrientes e liberam a água pelo ósculo. A imagem dos óstios nas esponjas é o mais próximo que podemos chegar em um

sistema real. Mas aquilo nem parecia real. Lembrava um vórtex, um tipo de buraco negro portátil que suga tudo pelo caminho. Tudo que é vivo. Durante a transmissão foi possível ver a agonia no rosto da mulher que fora absorvida, instante em que aparentemente a inanição gerada pela hipnose perdeu o efeito, tarde demais. Ao assistir a cena, Cléber foi surpreendido por um infarto fulminante, tendo talvez sofrido menos do que o resto de nós.

Àquela altura éramos cinco, e precisávamos pensar em alguma coisa para garantir nossa sobrevivência. Já ficava difícil raciocinar naquela situação, e um ambiente onde a quantidade de oxigênio diminuía a cada segundo, dado nosso estado ofegante, não colaborava com o raciocínio.

O calor, o choque, e principalmente o medo fizeram com que Lucas corresse até a parede no outro extremo da sala e des tapasse de modo descuidado a vedação improvisada do duto de ar. Foi na face de Lucas que vimos a repetição da expressão de agonia que havíamos assistido poucos instantes antes em rede nacional, se é que ainda havia alguma nação no lado de fora do abrigo. A diferença crucial da transmissão televisiva foi o som. Lucas foi sugado como um *milk-shake* que é tomado de uma só vez, do som surdo inicial, denso, forçado, até o som roncado final, como o resto de água que é puxado pela gravidade do ralo, quebradiço, espaçado e mortal. Foi a minha vez de testar a mira, e, apesar da tensão, minha mão não tremeu em nenhum instante.

A própria gosma ocre parece ter afastado qualquer outra criatura que resolvesse se aproximar do abrigo pelo sistema de ar, pois durante alguns instantes, nenhum som se fez ouvir naquela sala, a não ser o zumbido aparentemente eterno nos ouvidos, gerado pelo décimo terceiro tiro disparado em um ambiente fechado. Quis acreditar que não havia nenhum som, ao invés de pensar que estava ficando definitivamente surdo.

Enquanto Jonas corria para vedar novamente a entrada de ar, Michele correu para a entrada, ameaçando abrir a porta de acesso e correr para o destino fatal que lhe pareceu inevitável. A linda, deliciosamente linda Michele, que nos contou a história dos três amigos. Fiz o décimo quarto disparo. Não podia correr o risco de ter a porta aberta, e uma multidão de invasores entrando em nosso abrigo, prontos para transformar-nos em alimento. Agora éramos apenas eu, Jonas e Tobias.

Foi Tobias quem elaborou todo o sistema de nosso atual cárcere. Engenheiro, ele planejou cada detalhe, desde a rede

elétrica e hidráulica, até as vedações que poderiam se fazer necessárias, apesar de todo o lacre do ambiente, informação da qual se lembrou após estarmos calados há algumas horas. Resolveu o problema do duto de ar com uma tela resistente pela qual as criaturas não poderiam passar, apesar de ainda temermos que o efeito de suas pseudo bocas pudesse ser acionado mesmo através dos minúsculos espaços que a tela possuía.

A noite já caía e a manhã já se assomava quando decidimos nos revezar em turnos de observação para que um de nós pudesse dormir enquanto os outros dois montavam guarda. Durante a noite contávamos histórias de terror, como se nossas vidas já não fizessem parte de uma delas. Como se contar histórias de terror nos pusesse em um lugar hiper-real onde o terror só existisse na literatura.

Nos entretemos naquela noite, em nossos últimos instantes como trio. Mas eu falava que decidimos nos revezar em turnos de observação para que um de nós pudesse dormir enquanto os outros dois montavam guarda. Permitir que dois dormissem ao mesmo tempo era o mesmo que garantir que o terceiro, sem ter com quem conversar, se entregasse ao sono. Tobias agradeceu aquela decisão, imaginando que não teria que usar a arma. Foi o primeiro a dormir.

Nós o acordamos quatro horas depois, para que Jonas pudesse descansar. Eu seria o último. Controlávamos as horas pelo meu relógio que, ao deitar quatro horas sem novidade nenhuma depois, deixei sobre a mesa onde ficava o televisor e os apetrechos de cozinha. Dos canais abertos que deveriam estar transmitindo possíveis notícias do país e do mundo naquele horário, recebíamos apenas estática. Quando me deitei, Jonas e Tobias assumiram o posto de vigias, e Jonas pôde deliciar-se com torradas e sardinha, algumas das delícias enlatadas e artigos secos que nos manteriam pelos próximos anos.

Mas não pude dormir meu turno de quatro horas. Aliás, acordei pouco tempo depois com o primeiro disparo, e não pude evitar o segundo. Senti a repulsiva gosma ocre que resta da morte dos invasores respingar no meu rosto, e percebi o quão perto a criatura esteve. Tobias não conseguiu me explicar com perfeição o que acontecera, mas pude deduzir a maior parte.

Jonas necessitou dirigir-se até o fosso que utilizávamos para nossas necessidades e, aparentemente em meio a um tranquilo esvaziamento da bexiga, uma das criaturas

de porte médio saltou de dentro da latrina improvisada e o sugou de modo rápido e vergonhoso para um homem. Na fragilidade da nudez, uma morte quase sexual. Tobias, sem reação, escondeu-se num canto. Quando percebeu que a criatura se deslocava em minha direção, transformou covardia em desespero. Com a arma em punho imaginou-se sozinho naquele ambiente subterrâneo, e isso fez com que saltasse de trás de onde quer que estivesse escondido e atingisse o topo da cabeça do monstro antes que ele fizesse comigo o que fez com Jonas instantes antes. O primeiro tiro foi certo, o segundo um desperdício impulsivo. Admira-me, ainda, ele não ter descarregado a arma às cegas sem atingir a criatura.

Permiti que ele voltasse para a cama a fim de se recompor, se acalmar e descansar, mas tendo em vista os comentários que ele fez antes de adormecer novamente, fui impulsionado a tomar medidas drásticas. Tobias sugeriu que talvez, apenas talvez, aquelas criaturas estivessem tentando nos salvar, nos teletransportando para outro lugar no cosmo, um planeta com menos devastações, mais tecnologia, algum tipo de paraíso. Sugeriu que, se a pseudo boca era o equivalente aos óstios das esponjas, talvez o ósculo por onde saíam aqueles que foram sugados fosse um lugar melhor. Sugeriu com isso que estávamos matando Deuses. Amarrei-o à cama com uma corda que encontrei no armário de ferramentas, e o amordacei com uma camisa. Já se passou uma semana depois disso.

Tenho tido sonhos estranhos quando consigo dormir. Neles meus sentidos acordam e não sabem quem são. Nada do que ouço me diz algo, e a visão me diz apenas cuidado. Todos os sons são miragens, ecos fantasmagóricos de lembranças aprisionadas em meu corpo há mais tempo do que existo. E só há o cheiro do passado.

Coloco meus sonhos repetidos no papel em busca de autoconhecimento. Não os divido com Tobias como quando contávamos histórias de terror. Ele vive seu próprio terror. Eu vivo o meu. Nenhuma criatura apareceu no abrigo desde que Tobias explodiu o invasor de médio porte. Talvez eles sejam capazes de farejar o cheiro da morte dos seus e estejam com medo, mas pelo que vi desses monstros acredito que se fossem capazes de farejar a morte de um igual, eles fariam qualquer coisa pela vingança. Talvez algum exército de algum lugar do mundo onde a influência hipnótica não tenha sido bem sucedida tenha destruído a ameaça, o que não

consigo descobrir desde que ficamos sem energia e não temos mais como ligar o televisor. Talvez as emissoras tenham voltado a funcionar. Talvez algum sinal esteja sendo transmitido aos sobreviventes. Talvez as criaturas estejam apenas esperando do lado de fora da porta esse tempo todo, pacientemente, tentando nos fazer acreditar que eles se foram.

Dois amigos, uma arma, duas balas. Seria simples, mas não posso facilitar assim a vida dessas criaturas. Vou desamarrar Tobias, e conceder a ele o livre arbítrio que lhe tirei. Se ele não quiser subir à superfície comigo, permitirei que ele feche a porta rapidamente depois que eu sair. Duas balas. Aposto que não morro antes de levar dois monstros comigo.

Eu não sei para quem escrevi este relato. Talvez para mim. Mas se você estiver lendo isso em algum lugar do futuro, um futuro onde as criaturas já não estejam sobre a Terra, pois o que lhes interessava já havia acabado, tenha cuidado. Eu acredito que o que elas queriam era nossa força vital. Se a população mundial começar a crescer de maneira sem limites como acontecia até semana passada, elas podem farejar essa energia e voltar.

Se elas ainda estiverem aqui, lembre-se. Atire no laço de fita. É o ponto fraco delas. Se elas não estiverem mais na Terra, cuide-se. Espalhe essa mensagem para evitar uma nova catástrofe. Espero que você tenha um futuro melhor do que o meu presente. Se eu tiver tido sorte, haverá duas criaturas a menos na próxima invasão. **BANG!**



Anderson Santos é professor de Matemática, poeta e escritor de ficção. Dentre suas publicações recentes de destaque estão o livro “Imortal” (Editora 21), que narra as aventuras de um clã de caçadores de vampiros pelas ruas de Porto Alegre e de São Sebastião do Caí no estado do Rio Grande do Sul, e o conto “Nano”, participante da coletânea FCdoB - Panorama da Ficção Científica do Brasil 2008-2009 (Tarja Editora). Seu livro de contos “(r) EVOLuções” está em processo de conclusão, com previsão de lançamento para o 1º semestre de 2011. Mais sobre o autor pode ser encontrado em <http://imortal-anderson-santos.blogspot.com>

Os Crisântemos Africanos

Um conto de Jorge Palinhos

Ter insónias é uma coisa que me aborrece. E juntamente com os jantares pesados, as visitas de que não se está à espera, os talheres e loiças mal lavados, a chuva inesperada a meio dos passeios pela quinta e tudo o resto que me arrelia é também das situações mais recorrentes na minha vida. O meu falecido papá costumava dizer de ar enfadado no rosto e copo de conhaque na mão que todas as nossas maleitas têm gosto em se acotovelar à nossa porta. Foi em parte por me lembrar disso que o matei com uma machadinha de carne no meio da testa. O papá sempre odiou roupa manchada e não me lembrei de melhor para lhe sujar o pijama de flanela. Mas como ele sempre teve um espírito de fina ironia, sem dúvida que ambos ainda nos riremos bastante desta pequena partida que lhe preguei.

Mas não nos apressemos, pois eu, tal como o papá, sempre odiei gente que acha que o tempo tem prazo de validade.

As minhas insónias. Um incómodo, dizia eu. E são raras as noites que me recordo de não as ter. Deitava-me pontualmente, desde criança, às 22h, pois o sono depois das doze vale menos do que bronze, como dizia a mamã, para me levantar às sete e dar trabalho à retrete, ainda nas palavras sábias da mamã, que as aprendera com a sua avó, que as aprendera com a sua mãe, que as aprendera com a sua mãe, que as aprendera com a sua tia, numa feliz cadeia de saber feminino que remontava pelo menos à esposa do tio de Martim Moniz, Mono Martins, de que a família da mamã se orgulhava de descender em linha quase directa, quase pura e quase isenta de mordomos e moços de estrebaria mais viris do que o apropriado numa casa de respeito.

Salvagarde-se, porém, que tenho informações rigorosas de que no tempo de Martim Moniz e seu tio as retretes funcionavam de modo algo diferente dos dias de hoje.

E assim, em grande parte das minhas noites permanecia deitado, no meu leito, com o meu pijama lavado de fresco, os lençóis aconchegados, um jarro e um copo de água em cima da cómoda para refrescar a boca e um penico debaixo do estrado para aliviar a garganta. Eu próprio me certificava de que tudo estava preparado para uma boa noite de sono, e por vezes a mamã ou o papá ainda faziam questão de fazer uma vistoria,

nunca tendo reparado em nada que me escapasse.

E no meio da quinta silenciosa, no quarto quente e na cama lavada e aconchegante, estava eu deitado, de olhos abertos ou fechados, estendido de costas ou de lado, escutando o bater cadenciado do relógio de sala que o tio-avô Hermínio trouxera de Goa, o latir do cão de pastor inglês antigo que o primo Rodrigo nos oferecera ao voltar de Oxford, o chiar do balde do poço no meio da estufa, e às vezes o ranger da cama da Maria dos Anjos, a nossa criada, que também ela sofria de insónias, embora as suas fossem sempre à quarta-feira, felizmente o dia em que a mamã visitava a tia Graça e lá passava a noite.

Desde criança que as noites passavam muito devagar, mais devagar do que os dias, que eu ocupava a ler, a estudar, a ter aulas com os preceptores que vinham a casa ensinar-me línguas vivas e mortas, história, geografia, física, matemática, história do cristianismo e outros saberes que o papá e a mamã tinham como ideais para a formação de um jovem de boas famílias. Algumas aulas tinha-as sozinho, outras eram com Ricardina, a minha irmã.

A minha irmã: ainda não falei dela. Tenho-lhe grande afeição. Crescemos e brincámos sempre juntos e creio que nunca houve desavenças entre nós, o que gerava grande contentamento nos nossos pais (irmãos queridos, legados protegidos - era a sentença da mamã), que nos davam todas as liberdades, como dormirmos juntos, passearmos de mão dada por entre os crisântemos africanos da nossa estufa ou banharmo-nos nus no ribeiro ao largo da nossa propriedade. Por isso era profundo o amor que nos unia e me fazia admirar sem rodeios o seu rosto oval e pálido, os olhos grandes, de grandes pupilas e ainda maior esclera, o cabelo negro caído em torno do pescoço e a inteligência erudita e espirituosa. O único incómodo que me causava devia-se ao seu respirar e tossir de asmática, que por vezes se assemelhava ao estertor de um podengo doente que o papá abatera para não contaminar os outros galgos. Foi, aliás, o seu rosto magnífico e o medo de que qualquer outro método lhe causasse um perturbante ataque respiratório que me levaram a sufocá-la com uma almofada na cabeça. Mas precipito-me. O que me preocupava eram as minhas insónias e não as maleitas dos meus familiares. Que não rareavam, diga-se.

Passei quase todas as noites da minha vida na-

quele estado insone e imóvel. Decorei todas as falhas do soalho, todos os sons da noite, todos os padrões dos lençóis e fronhas da minha cama, e até mesmo todas as molas às quais o meu corpo franzino não se acomodava na perfeição.

Creio que inicialmente essas minhas noites eram claras, de uma escuridão tão límpida e sólida que se assemelhava a uma parede de obsidiana que me cobria como um túmulo. Depois, sem que disso tivesse consciência, uma forma de nebulosidade começou a tapar a muralha que me sepultava. Era uma névoa espessa, como um banho de natas lento, de onde nasciam formas fantásticas que me divertia a identificar. Vi um potro, a rainha D. Amélia, madrinha da minha mãe, segurando o ramo de flores com que tentara afugentar os assassinos do marido, o primeiro-ministro actual, um cisne, o cavaleiro Lord Dunsany com cujas obras o meu preceptor de inglês entendera fomentar o meu gosto por aquela língua, plantações de feijocas, um lagarto de Arduin e o meu tio Casimiro. Esta última visão divertiu-me bastante, pois o tio Casimiro fora um irmão muito mais velho da mamã, de ideias desgovernadas, que há vinte anos se matara com um tiro de escopeta no quarto onde eu me encontrava agora, causando grande admiração à família por a escopeta ainda funcionar. E, de facto, aos meus olhos, o tio Casimiro continuava a envergar um orifício de um diâmetro considerável no peito, o que lhe prejudicava a elegância do casaco de montar e da camisa branca que sempre usava (roupa imaculada, alma purificada - nas palavras de sua irmã e minha mãe).

Tomo-me por pessoa de grande racionalidade, que procura lidar com o mundo de modo lógico e inteligente. Por isso, perante as imagens fantásticas que me surgiam diante dos olhos, mantive a circunspecção e examinei atentamente essas formas, decidido a obter delas o maior usufruto artístico que me fosse possível, tendo em conta a minha triste condição de insone inveterado.

(Uma palavra em favor do papá e a da mamã: ambos conheciam as minhas insónias e lidaram com elas no seu modo inteligente e nobre — o papá esboçou um pequeno sorriso, bebeu um gole de conhaque e emitiu um breve comentário sobre as vantagens de estar lúcido quando os que nos rodeiam estão incapacitados de falar. A mamã mostrou-se dignamente preocupada e, depois de se assegurar junto do doutor Freitas, o médico de família que nos visitava, a minha relativa saúde, deu instruções à Maria dos Anjos para me preparar várias beberagens quentes, comprimidas peitorais e compostos aromáticos que facilitassem a

chegada do sono. Já quanto à possibilidade de apoio psicológico, o papá e a mamã, tal como eu próprio, partilhavam da sensata opinião de que não era mais do que banha da cobra e curandaria. A doce Ricardina insistiu em fazer-me algumas massagens nos pés, nas costas e noutras partes do corpo para me ajudar a dormir. Nada resultou.)

Todas aquelas formas (retomo agora a minha narrativa) se deixaram examinar sem problemas, permitindo-me fazer várias observações sobre estes seres oníricos, que depois tive oportunidade de confirmar e desmentir durante algumas pesquisas na biblioteca do papá, que me deixaram maravilhado com a exactidão e fantasia da memória humana.

Todas as formas, disse eu? Engano. O tio Casimiro mostrou-se um pouco in-tratável. Fitou-me carrancudo e sibilou:

- Para onde raio estás a olhar?

(O tio Casimiro fora sempre um pouco comunista, tratando a restante família por tu.)

Continuei a examiná-lo sem prestar grande atenção à sua rudeza, curioso por perceber os efeitos de um tiro de uma arma antiga disparada de tão grande proximidade.

- Pára de olhar para mim! Não sou nenhuma estátua.

O seu incómodo era evidente, pelo que, respeitando a minha boa educação, o passei a mirar de forma mais discreta, mas não menos interessada.

- Estás-me a fazer olhinhos, ou quê?

Desta vez não me consegui conter e expliquei-lhe que seria preferível juntar o pronome pessoal ao verbo principal e não ao verbo auxiliar, para não se assemelhar a um campónio — e eu sabia que a possibilidade de confundirem um parente seu com uma figura popular era coisa para dar um achaque à mamã.

- Não seas parvo! Está certo das duas maneiras.

Ponderei contra-argumentar que a minha proposta tornava o seu discurso mais claro e intuitivo, mas pareceu-me inútil manter uma polémica com um filamento da minha imaginação, e prescindi de lhe responder.

- Agora estás-me a ignorar, é?

Poderia alongar-me, mas creio que é já óbvio que a nossa primeira conversa não foi das mais auspiciosas e terminou comigo a tentar ignorá-lo e ele a tornar-se cada vez mais agressivo verbalmente, embora, sejamos justos para com quem partilha os nossos frutos (palavras da mamã para exprimir a necessidade de sermos verdadeiros para com os nossos familiares), nunca esboçou qualquer gesto menos digno para comigo — e agora que penso nisso, provavelmente de nada lhe serviria fazê-lo, estando ele morto, entre outros obstáculos — apesar da minha

atitude bastante desrespeitosa para com um familiar falecido.

Mais tarde tive oportunidade de me explicar e de lhe pedir desculpa pela minha soberberia, pois na terceira noite acabámos por nos render a uma conversa não hostil e ele explicou-me a sua situação de alma penada. afirmou que os Moniz que são alvo de morte violenta têm certa propensão para assombrar os locais que habitaram, enchendo-os de melancolia e revolta pela sua triste situação de defuntos. Com o meu tio Casimiro passar-se-ia o mesmo, apesar, ou talvez com a agravante, de a violência ter nascido do seu próprio punho e não do punho de terceira pessoa.

Devo referir desde já que não aceitei esta explicação de boa mente. A minha atitude eminentemente racional, herdada do papá, levava-me a pôr em causa a sua existência como fantasma e a inclinar-me antes para uma explicação mais material — nomeadamente a de que, por algum efeito bizarro, naquelas conversas nocturnas eu estaria de facto a dormir e a ter vívidos sonhos, mas que o meu hábito de insone me fazia crer estar acordado.

Com uma capacidade argumentativa e racional que o seu modo de expressão não fariam suspeitar, o tio Casimiro apontou algumas inconsistências na minha teoria, observando, por exemplo, que ambos podíamos contar em unísono os toques do relógio do tio-avô Hermínio ou os latidos dos podengos do papá. E, para confirmar a realidade da sua existência, transmitiu-me alguns conhecimentos de que eu não dispunha, como a localização das jóias de família da mamã ou o esconderijo da colecção de pornografia do papá— descoberta com que pretendo confrontar este muito em breve.

Tais descobertas abalaram as minhas convicções racionais e levaram-me a outras pesquisas.

Vasculhando a bem fornecida biblioteca familiar, consultei várias obras sobre ciência, que se revelaram demasiado materialistas para o meu problema. Estando a biblioteca desprovida de estudos de psicologia ou psique humana, estudos que, julgo já ter referido, eram alvo de total desprezo por parte do papá e da mamã, entretive-me durante algumas noites a folhear alguns tomos que encontrei na parte mais alta das estantes, e que, segundo sabia, teriam vindo do Egipto como espólio do tio Álvaro Filipe, que desaparecera ao investigar alguns túmulos do Vale dos Reis. Grande amante do saber e do desconhecido, após o seu desaparecimento apenas nos fora remetida alguma roupa e objectos pessoais, doados à caridade, e uma série de livros que o papá folheara durante algum tempo antes de se decidir a colo-



cá-los na estante mais alta do recanto mais escuro da biblioteca doméstica. As obras davam por nomes estranhos como *Livro de Dzyan*, *Necronomicon*, *A Chave de Salomão*, *Pert Em Hru*, *Manuscritos Pnakóticos*, *Liber Ivonis*, entre outros, e estavam em várias línguas, o que, para a minha esmerada educação, não constituiu problema.

Numa primeira leitura enfastiou-me o estilo rebuscado e repetitivo dos textos e a abundância de referências desconhecidas, mas a minha curiosidade e algumas descrições que se aproximavam da minha própria experiência levaram-me a insistir na leitura. Li-os uns atrás dos outros e a sua lógica estranha mas, de alguma forma, racional, deixou-me bastante perturbado.

Tomei conhecimento de esquecidas civilizações avançadas, entidades inteligentes não-humanas, seres colossais para quem a raça humana não passava de um mero incómodo, entes de loucura surgidos das arestas do tempo e do fundo da inconsciência e que fazem do mundo o lugar vil, cruel e brutal de que o papá e a mamã tanto se esforçaram por me proteger.

Tive oportunidade de conversar sobre estas questões com o tio Casimiro, que parecia conhecer bastante bem os livros que eu lera e me confirmou grande parte das minhas suspeitas de que não havia esperança possível para este mundo. Tinha sido essa percepção, na verdade, que o levara a cometer o seu acto suicida, do qual, afirmava, não se arrependia, pois considerava a imortalidade fantasmagórica uma condição de vida muito mais racional e apetecível do que a existência física sob o constante terror da morte, da perda e do sofrimento. As suas palavras afectaram-me muito e, após reflectir um pouco, perguntei-lhe se não seria melhor que eu próprio me suicidasse. O tio Casimiro foi bastante ponderado e disse-me que essa era uma escolha pessoal, na qual ele preferia não intervir. Explicou-me que seria necessário ter uma morte violenta e dolorosa, embora a recompensa fosse a libertação da dor e de todas as necessidades e perigos corporais. No entanto, entre outras limitações, não era possível sair de casa e sofria-se de alguma solidão, que, no seu caso, só se atenuara no convívio comigo. Reflecti sobre estas observações e observei que na verdade eu já mal saía de casa e, depois de conhecer os horrores sobrenaturais que havia para lá dos seus muros, perdera de todo a vontade de explorar o mundo. A perda das necessidades físicas parecia-me claramente uma vantagem no meu caso. Embora provavelmente fosse sentir a falta dos cozinhados da Maria dos Anjos e das massagens de Ricardina, pelo menos também ficaria livre das insónias, com que

me conformara a passar o resto da vida. Quanto mais pensava no assunto, mais esta me parecia a decisão certa e comecei a tomar medidas para tratar o mais rapidamente possível do caso.

A fim de preparar o papá e a mamã, tive uma conversa com esta onde abordei, de forma um pouco oblíqua, a possibilidade de eu morrer. A mamã ficou apavorada e quis logo chamar todos os médicos ao serviço da família. Consegui convencê-la de que falava apenas de forma muito remotamente hipotética, mas a experiência demonstrou como a minha morte seria um pesado fardo para os meus pais, que depositavam em mim a esperança de um matrimónio com a menina Leonor, a filha mais velha dos Álvares Pereira, unindo assim duas famílias de glorioso passado.

Conversei sobre este problema com o tio Casimiro, que admitiu a dificuldade e sugeriu que a melhor opção seria a de os tentar convencer de que esta seria a minha escolha e aquela que me deixaria mais feliz.

Levei a ideia por diante, discutindo com o papá as vantagens da vida além-morte. O papá escutou-me em silêncio, bebeu um gole de conhaque, como costumava fazer antes de emitir um dos seus ditos espirituosos, e ficou calado. Uma hora depois fui visto pelo doutor Freitas e por mais meia dúzia de médicos que só conhecia vagamente, que me declararam fisicamente bem, mas algo debilitado mentalmente devido às insónias.

Confirmei assim, em definitivo, que a minha família não aceitaria de bom grado a minha opção e, em conversa com o tio Casimiro, este também considerou que, sem evidências palpáveis, a minha família não levaria a bem o meu suicídio.

Reflecti profundamente sobre esta questão das evidências palpáveis. Nessa meditação ocorreu-me que, embora a conversa com o tio Casimiro fosse de grande interesse intelectual, iria sentir a falta da ironia do papá, dos cuidados da mamã e do afecto da minha irmã. Na verdade, era esta sensação de falta — saudade, como diria o grande escritor Teixeira de Pascoais - que me levava a hesitar, até me surgir uma ideia muito simples que resolvia todos os meus problemas.

A ideia era tão clara, tão sensata, tão inegável no seu valor, eficácia e generosidade, que não esperei para conversar sobre ela com o tio Casimiro. Dirigi-me de imediato à sala de costura onde espetei uma agulha de tricô na garganta da mamã. Esta tomou do sofá onde estava sentada, sem pronunciar uma das suas sábias sentenças e olhando-me atónita enquanto a vida lhe escorria dos olhos. Tratei em seguida do papá e de minha irmã segundo o modo como

referi antes e não deixei de degolar também a Maria dos Anjos, não fosse ser precisa a sua ajuda no além.

Fui tão prático e metódico nas minhas acções que ao anoitecer já tinha trazido toda a família morta para o meu quarto. Contemplei-os com uma profunda sensação de felicidade, sabendo que a generosidade do meu acto os poupara a uma vida física de horror, sofrimento e morte e de que poderia contar para todo o sempre com a sua eterna companhia no além.

Dirigi-me então à estufa, de onde extrai o pólen das corolas dos crisântemos africanos, e cujas propriedades conhecia das minhas frequentes leituras. Tomei uma pequena refeição improvisada à hora habitual, regando-a com um vinho velho onde misturara uma boa dose do pó dos crisântemos. Também considerara a hipótese de usar uma das pistolas do papá, mas não me agradava a ideia de ir para o além-túmulo de corpo desfigurado como o tio Casimiro. E estou certo de que isso também não agradaria ao resto da família. Por isso agora ocupo-me a redigir esta pequena explicação a fim de ordenar na minha cabeça as razões que darei aos meus pais e à minha irmã. Possivelmente o mesmo papel servirá para justificar à restante criadagem e familiares o motivo das minhas acções. Esperava que o tio Casimiro estivesse aqui para me ajudar a articular as ideias, mas hoje está a demorar-se um pouco, o que não é habitual nele. Vou reler algumas vezes este texto para fixar bem os argumentos, enquanto espero que o veneno dos crisântemos surta efeito, causando-me convulsões, náuseas e paralisia muscular e respiratória. Essa será a parte mais difícil, receio, e bem que gostaria que o tio Casimiro estivesse aqui para me dar algum apoio moral. Tinha prometido fazê-lo no caso de eu me decidir a avançar com o suicídio. O que o poderá estar a demorar tanto? **BANG!**



Jorge Palinhos nasceu em 1977. Colaborou com o Jornal Universitário do Porto, as revistas 365, águasfurtadas e Drama. Escreveu peças de teatro apresentadas em Portugal e no Brasil, pelas quais recebeu o prémio INATEL — Miguel Rovisco e o Prémio Manuel Deniz-Jacinto. Escreveu guiões de curtas-metragens de animação e imagem real e de duas série para a internet. Participou ainda nas antologias “More Tales of Terror”, editada nos Estados Unidos por Pagan Publishing, e “Almanaque do Dr. Thackery T. Lambshead de Doenças Excêntricas e Desacreditadas”, editado pela Saída de Emergência.

E sclareçamos isso logo desde o início, porque parece haver por aí uns equívocos. Por um lado, tenho leitores que nunca tinham ouvido falar de mim até pegarem em “A Guerra dos Tronos”¹, e que parecem convencidos de que nunca escrevi nada a não ser fantasia épica. Por

TARTARUGAS (QUASE) NINJAS

Os bairros sociais não permitiam que os inquilinos tivessem cães ou gatos. Mas podia-se ter animais de estimação mais pequenos. Eu tive barrigudinhos, tive periquitos e tive tartarugas. Montes e montes de tartarugas. Eram daquelas que se compravam na loja dos trezentos,

George R. R. Martin: “Eu e a fantasia temos uma longa história”

O autor de *As Crônicas de Gelo e Fogo* divaga sobre a infância, as suas influências, e os tempos distantes em que a ficção científica e a fantasia tinham os papéis trocados

George R. R. Martin fotografado no castelo de Sintra, aquando da sua visita a Portugal em 2008

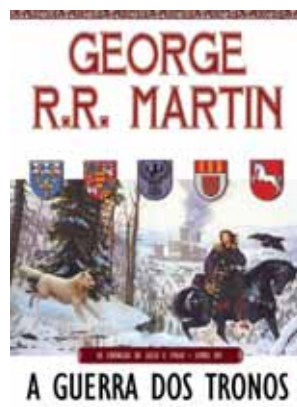
Tradução de Jorge Candeias

outro lado tenho a malta que leu todo o meu material antigo, e no entanto insiste na ilusão de que eu sou um escritor de ficção científica que se “virou para a fantasia” por razões iníquas.

A verdade é que tenho vindo a ler e escrever fantasia (e horror, já agora) desde os meus tempos de rapaz em Bayonne. A primeira história que vendi pode ter sido ficção científica, mas a segunda foi uma história de fantasmas, e deixem lá aqueles malditos hovercamhões a andar dum lado para o outro.

E “The Exit to San Bre- ta” não foi de forma alguma a primeira fantasia que escrevi. Mesmo antes de Jarn de Marte e do seu bando de piratas espaciais alienígenas, eu tinha o hábito de preencher as minhas horas de ócio inventando histórias sobre um grande castelo e os bravos cavaleiros e reis que lá habitavam. A única questão era que todos eles eram tartarugas.

¹ - Editado em Portugal em dois volumes, como *A Guerra dos Tronos* e *A Muralha de Gelo* (Saída de Emergência) (NT)



A Guerra dos Tronos é o primeiro volume daquela que é considerada pela crítica mundial a melhor e mais adulta saga de fantasia épica da actualidade.

e vinham com pequenas bacias de plástico, divididas ao meio, um lado para água, o outro para gravilha. No meio da bacia havia uma palmeira falsa de plástico.

Também tinha um castelo de brincar que viera com os meus cavaleiros de brincar (um castelo de lata pintada Marx, embora não me lembre do modelo). Tinha-o em cima da mesa que me servia de secretária, e o seu pátio tinha espaço mesmo à justa para duas bacias para tartarugas postas lado a lado. Portanto era aí que as minhas tartarugas viviam... e uma vez que viviam dentro dum

castelo, deviam ser reis, cavaleiros e príncipes. (Eu também tinha o Forte Apache da Marx, mas tartarugas cowboy seria simplesmente errado.)

O primeiro rei tartaruga foi o Grandalhão, que deve ter sido duma espécie diferente porque era castanho em vez de verde e tinha duas vezes o tamanho de qualquer um dos tipos de ouvidos vermelhos. Mas um dia encontrei o Grandalhão morto, sem dúvida vítima de alguma si-

nistra conspiração dos lagartos-de-chifres e dos camaleões que viviam nos reinos contíguos. A tartaruga que sucedeu ao Grandalhão no trono era bem intencionada mas incapaz e depressa morreu também, mas mesmo na altura em que as coisas pareciam mais desesperadas, Brincalhão e Animado juraram amizade eterna e deram início a uma tábua redonda de tartarugas. Animado I veio a ser o maior dos reis tartaruga, mas quando envelheceu...

O Castelo das Tartarugas não tinha princípio nem fim, mas teve montes de meio. Só partes da história chegaram a ser escritas, mas eu representava na cabeça todos os melhores fragmentos, os combates à espada, as batalhas e as traições. Houve pelo menos uma dúzia de reis tartaruga. Os meus grandiosos monarcas tinham o hábito

desconcertante de fugir do castelo Marx e de aparecer mortos debaixo do frigorífico, o equivalente a Mordor para tartarugas.

Portanto aí têm. Eu *sempre* fui escritor de fantasia.

A INFLUÊNCIA DE CONAN, O BÁRBARO

Não posso dizer que sempre tenha sido um leitor de fantasia, porém,

pela simples razão de que não havia muita fantasia para ser lida nos anos 50 e 60. Os mostruários giratórios da minha infância eram dominados por ficção científica, policiais, westerns, e romances góticos e históricos; podiam ser examinados de cima a baixo e não se encontrar um livro de fantasia em lado nenhum. Eu tinha-me inscrito no Science Fiction Book Club (três livros de capa dura por dez cêntimos,



Conan o Bárbaro, de Robert E. Howard, está a ser publicado na colecção Bang! e já tem 4 volumes. Venha ler os excertos na nossa página: saidadeemergencia.com



Em jovem, Martin foi um ávido leitor

e colecionador de banda desenhada. O número 20 (Novembro de 1960) da revista Quarteto Fantástico contém uma carta ao editor que ele escreveu no liceu, assinada como George R. Martin. Ele dá crédito à atenção que recebeu com esta carta, bem como o interesse que se seguiu em fanzines, como aquilo que lhe despertou o interesse em tomar-se escritor.

Martin escreveu ficção curta no princípio da década de 70 e ganhou vários Prémios Hugo e Nébulas antes de começar a escrever romances ainda nessa década. Embora muito do seu trabalho seja fantasia ou horror, alguns dos seus trabalhos iniciais eram ficção ambientada numa história futura pouco definida. Também escreveu um conto de ficção político-militar,

“Night of the Vampyres”, incluindo

na antologia de Harry Turtledove “The Best Military Science Fiction of the 20th Century”.

Nos anos 80 dedicou-se à televisão e à edição de livros. Na televisão, trabalhou na nova “Twilight Zone” e na série “A Bela e o Monstro”. Como editor, supervisionou o longo ciclo “Wild Cards”, que se desenrola num universo partilhado, no qual um vírus alienígena conferia estranhos poderes ou desfiguramentos a uma fatia da humanidade durante a Segunda Guerra Mundial, afectando a história do mundo daí em diante.

Em 1987, o conto homónimo de Martin foi adaptado ao cinema em “Nightflyers”. Em 1996, Martin regressou à escrita de histórias longas, iniciando o seu longo ciclo “As Crônicas de Gelo e Fogo” (segundo parece inspirado nas Guerras

das Rosas e em “Ivanhoe”). Em Novembro de 2005, “O Festim dos Corvos”, (7º volume da série em Portugal), chegou ao 1º lugar do New York Times e do The Wall Street Journal. Além disso, foi nomeado para um prémio Quill e um British Fantasy Award e a série recebeu os mais rasgados elogios de escritores, editores, leitores e críticos.

Em Janeiro de 2007 a HBO (produtora de séries como “Sopranos” e “Sete Palmos de Terra”) comprou os direitos de “As Crónicas de Gelo e Fogo” e convidou o autor a ser co-produtor executivo do projecto. O plano é que cada livro da série seja transformado numa temporada televisiva. A produção está a ter lugar na Europa e Martin vai escrever o guião de um episódio por temporada (o trailer já está disponível na internet).

Martin também foi professor de jornalismo (no qual detém o grau de mestre) e director de torneios de xadrez. No tempo livre, colecciona miniaturas medievais e continua a acarinhlar a sua colecção de banda desenhada, que inclui os primeiros números do Homem-Aranha e do Quarteto Fantástico.

Embora seja bastante activo na internet, faz notar: “Escrevo num computador completamente diferente daquele que uso para o email e a internet, em parte para me defender de vírus, worms e pesadelos deste tipo. (...) Escrevo em WordStar 4.0 numa máquina puramente DOS.”

Os críticos descreveram o trabalho de Martin como escuro e cínico. O seu primeiro romance, “Dying of the Light”, estabeleceu o tom para a maior parte do trabalho seguinte; ambienta-se num mundo em grande medida abandonado que

se vai tomando lentamente inabitável enquanto se afasta do seu sol. Esta história e muitas das outras histórias de Martin, possuem um profundo sentido de melancolia. As suas personagens são frequentemente infelizes, e pelo menos insatisfeitas, e muitas ostentam elementos de heróis trágicos. O crítico T. M. Wagner escreveu “que nunca se diga que Martin não partilha do gosto de Shakespeare pela tragédia sem sentido”. No entanto, esta melancolia pode constituir um obstáculo para alguns leitores. O Grupo Inchoatus escreveu: “se esta ausência de alegria vos perturbar, ou se procuram alguma coisa mais afirmativa, então provavelmente deverão procurar noutro sítio.”

As suas personagens são também multifacetadas, cada uma possui passados, inspirações e ambições intrincadas. A Publisher Weekly disse sobre a sua fantasia épica “As Crónicas de Gelo e Fogo”: “A complexidade de personagens como Daenerys [sic], Arya ou o Regicida manterão os leitores a virar todas as páginas deste vasto volume, pois o autor, como Tolkien ou Jordan, consegue fazer-nos preocupar com os seus destinos”. Mas a ninguém é dado um golpe de sorte pouco realista, e o azar, os ferimentos e a morte (e até a falsa morte) podem acontecer a qualquer personagem, por mais ligado que o leitor se sinta a ela. Martin descreveu uma vez os seus motivos para matar personagens: “quando as minhas personagens estão em perigo, quero que os leitores tenham medo de virar a página, portanto, tenho de mostrar logo desde o início que não estou a brincar.” **BANG!**

melhor é impossível), mas nessa altura tratava-se do clube de leitura de *ficção científica*, e a fantasia não era aceite.

Foi cinco anos depois de *Have Space Suit, Will Travel*² que tropecei no livro que realmente me daria a saborear fantasia pela primeira vez: uma fina antologia da Pyramid intitulada *Swords & Sorcery*, editada por L. Sprague de Camp e publicada em Dezembro de 1963. E bem saborosa foi. Lá dentro havia histórias de Poul Anderson, Henry Kuttner, Clark Ashton Smith, Lorde Dunsany e H. P. Lovecraft. Havia uma história de Jirel de Joiry por C. L. Moore e um conto do Fafhrd e do Rateiro Cinzento por Fritz Leiber... e havia uma história intitulada “Shadows in the Moonlight”³, por Robert E. Howard.

“Sabei, oh príncipe,” começava, “que entre os anos em que os oceanos beberam a Atlântida e as cidades cintilantes, e os anos do surgimento dos filhos de Aryas, houve uma era não sonhada, em que brilhantes reinos se espalhavam pelo mundo como mantos azuis sob as estrelas — Nemédia, Ofir, Britúnia, Hiperbórea, Zamora com as suas mulheres de cabelo escuro e torres de mistério assombrado por aranhas, Zingária com a sua cavalaria, a Cótia que fazia fronteira com as terras pastorais de Shem, a Estígia com as suas sepulturas guardadas por sombras, Hircânia, cujos cavaleiros usavam aço, seda e ouro. Mas o mais orgulhoso dos reinos do mundo era a Aquilónia, reinando supremo no oeste sonhador. Daí veio Conan, o Cimério, de cabelo negro, de olhos carrancudos, de espada na mão, um ladrão, um salteador, um assassino, com gigantescas melancolias e gigantescas alegrias, para calcar os tronos cravejados de jóias da Terra sob

2 - Publicado em Portugal por três vezes, com os títulos de *Viajantes do Espaço* (Europa-América) e *Equipagem Espacial* (Livros do Brasil) (NT)
3 - Publicada em Portugal como “Sombras ao Luar”, integrada no livro *Conan: O Demónio de Ferro* (Saída de Emergência) (NT)

os seus pés calçados de sandálias.”⁴

Howard apanhou-me em Zamora. As “torres de mistério assombrado por aranhas” tê-lo-iam feito sozinhas, apesar de eu ter quinze anos em 1963 e aquelas “mulheres de cabelo escuro” também despertarem algum interesse. Os quinze anos são uma bela idade para travar conhecimento com Conan da Ciméria. Se *Swords & Sorcery* não me pôs a comprar fantasia heroica por todo o lado como *Have Space Suit, Will Travel* me pusera a comprar ficção científica, foi só porque era difícil encontrar fantasia, heroica ou não.

FC E FANTASIA

Nos anos 60 e 70, a fantasia e a ficção científica eram frequente-

mente vistas como um único campo, embora ele geralmente respondesse pelo nome de “ficção científica.” Era comum que os mesmos escritores trabalhassem em ambos os géneros. Robert A. Heinlein, Andre Norton e Eric Frank Russell, três dos preferidos da minha juventude, eram todos fortemente identi-

ficados com a ficção científica, mas todos escreviam também fantasia. Poul Anderson escreveu *The Broken Sword*⁵ e *Three Hearts and Three Lions* entre as suas histórias de Nicholas van Rijn e Dominic Flandry⁶. Jack Vance criou o *Big Planet* e *Dying Earth*. As Aranhas e Serpentes de Fritz Leiber travaram a sua *Guerra no Tempo*⁷ ao mes-

4 - Martin, aqui, comete um erro. De facto, a história de Conan publicada na *Swords & Sorcery* é “Shadows in the Moonlight”, mas o início que aqui nos apresenta pertence a outra história de Howard, “Phoenix on the Sword”, ainda inédita em Portugal. (NT)
5 - Publicado em Portugal como *A Espada Quebrada* (Dêagá) (NT)
6 - Há pelo menos quatro romances da série sobre Dominic Flandry publicados em Portugal: *Essas Estrelas são Nossas*, *O Planeta Neutral*, *Espião Interstelar* e *Mundos Rebeldes*, os três primeiros pelos Livros do Brasil, o último pela Galeria Panorama (NT)
7 - Está publicado em Portugal o único romance pertencente a esta série, com o título de *O Tempo, o Espaço e o Cérebro* (Livros do Brasil) (NT)

mo tempo que Fafhrd e o Rateiro Cinzento⁸ combatiam os Senhores de Quarम्मall.

E no entanto, embora todos os escritores de topo escrevessem fantasia, não escreviam *muita*, pelo menos se quisessem pagar a renda e comer. A ficção científica era muito mais popular, muito mais comercial. As revistas de FC só queriam FC e não publicavam fantasia, por melhor que ela fosse. De tempos a tempos eram lançadas revistas de fantasia, mas poucas duravam. A *Astounding* durou anos e décadas até acabar por se transformar na *Analog*, mas a *Unknown* não sobreviveu à escassez de papel da Segunda Guerra Mundial. Os editores da *Galaxy* e da *If* tentaram editar a *Worlds of Fantasy*, e rapidamente a mataram. A *Fantastic* resistiu durante décadas, mas o cavalo mais estimado desse estábulo era a *Amazing*. E quando Boucher e McComas lançaram a *The Magazine of Fantasy*, bastou-lhes um número para a rebaptizarem como *The Magazine of Fantasy and Science-Fiction*. É frequente que estas coisas sejam cíclicas, claro. Aconteceu que enormes mudanças se encontravam mesmo ao virar da esquina.

LEVEM OS DEDOS, FIQUEM OS ANÉIS

Em 1965, a Ace Books iria aproveitar-se de uma lacuna nas leis do direito de autor para lançar uma reedição não autorizada, em capa mole, d’*O Senhor dos Anéis* de J. R. R. Tolkien. Acabaram por vender centenas de milhares de exemplares antes que Tolkien e a Ballantine Books, à pressa, conseguissem responder com uma edição autorizada. Em 1966, a Lancer Books, talvez inspirada pelo sucesso que a Ace e a Ballantine estavam a ter com Tolkien, começaria a reeditar todas as histórias de Conan numa série de livros de bolso com capas de Frank Frazetta. Ao chegar 1969, Lin Carter (um escritor horrível mas um bom editor) lançaria a Ballantine Adult Fantasy Series e reeditaria dúzias de fantasias clássicas. Mas tudo isso estava bem no futuro em 1963, quando eu termi-

8 - Uma coletânea de histórias desta série foi publicada em Portugal sob o título de *As Crónicas da Espada - O Encontro* (Saída de Emergência) (NT)

nei a *Swords & Sorcery* de De Camp e olhei em volta à procura de mais fantasia para ler.

Encontrei alguma num sítio muito improvável: um fanzine de banda desenhada.

A IMPORTÂNCIA DA BANDA DESENHADA

O fandom inicial da BD nasceu do seio do fandom da ficção científica, mas após alguns anos transformara-se de tal forma num mundo próprio que a maior parte dos novos fãs nem sequer tinha consciência da existência do fandom-pai, mais antigo. Ao mesmo tempo, todos esses rapazes do liceu estavam a crescer, e os seus interesses diversificavam-se para incluir outras coisas além das BDs de super-heróis. Coisas como música, carros, raparigas... e livros sem bonecos. Inevitavelmente, o âmbito dos seus fanzines começou também a diversificar-se. A roda foi devidamente reinventada, e não faltou muito até que fanzines especializados comessem a aparecer, dedicados não só aos super-heróis, mas também a agentes secretos, ou a detectives privados, ou aos velhos *pulps*, ou às histórias de Barsoom de Edgar Rice Burroughs... ou a fantasia heroica.

Cortana era como se chamava o fanzine de espada e feitiçaria. Editado “numa base trimestral” (hah) por Clint Bigglestone, que mais tarde seria um dos fundadores da Society for the Creative Anachronism, surgiu na zona de São Francisco em 1964. Impresso no tradicional púrpura desbotado dos mimeógrafos, o aspeto do *Cortana* não era nada de especial, mas era muito divertido de ler, cheio de artigos e notas noticiosas sobre Conan e os seus competidores, e fantasias heroicas originais de alguns dos principais escritores do fandom de BD dos anos 60: Paul Moslander e Victor Baron (que eram a mesma pessoa), o meu correspondente Howard Waldrop (que não era), Steve Perrin e o próprio Bigglestone. As histórias de Waldrop tinham como estrela um aventureiro conhecido apenas como Errante, cujas proezas eram registadas nos “Cânticos de Chimwazle”. Howard também de-

senhava as capas do *Cortana*, e fornecia alguma da arte interna.

No *Star Studded Comics* e na maior parte dos outros fanzines de BD, a ficção em prosa era a irmã feia; os lugares de honra iam para as pranchas de BD. Aqui, não. No *Cortana* eram as histórias em texto que dominavam. Uma vez escrevi uma exuberante carta a comentar uma delas, mas queria ter mais participação do que essa naquele novo e ótimo fanzine. Portanto pus Manta Ray e o Dr. Weird de lado, e pus-me a escrever a minha primeira fantasia desde o Castelo das Tartarugas.

Chamei-lhe “Dark Gods of Kor-Yuban” e, sim, a minha versão de Mordor soa a marca de café. Os meus heróis eram o habitual par de aventureiros contrastantes, o melancólico príncipe exilado R’hlloor de Raugg e o seu exuberante e fanfarrão companheiro Argilac, o Arrogante. “Dark Gods of Kor-Yuban” era a mais longa história que já tentara escrever (umas cinco mil palavras), e tinha um trágico final em que Argilac era comido pelos deuses sombrios do título. Tinha andado a ler Shakespeare no Marist High School e a estudar a tragédia, portanto dei a Argilac o defeito trágico da arrogância, que causava a sua queda. R’hlloor escapava para contar a história... e para lutar outro dia, esperava eu. Quando a história ficou pronta, enviei-a para São Francisco, onde Clint Bigglestone prontamente a aceitou para publicação no *Cortana*.

O *Cortana* não publicou mais nenhum número.

No meu ano de finalista no liceu eu já sabia como usar papel químico, juro. Mas era demasiado preguiçoso para me incomodar com isso. “Dark Gods of Kor-Yuban” transformou-se numa das minhas histórias perdidas. (Mas foi a última. Na faculdade, fiz cópias a papel químico de todas as histórias que escrevi.) Antes de guardar a sua tenda de mimeografias purpúreas, o *Cortana* fez-me mais um favor. No seu terceiro número, Bigglestone editou um artigo chamado “Não Façam Disso um Hobbit,” onde, pela primeira vez, ouvi falar de J. R. R. Tolkien e da sua trilogia de fantasia, *O Senhor dos*



Revistas *Astounding* e *Worlds of Fantasy*. E os míticos Frank Frazetta e J. R. R. Tolkien.

MEMORIAL



por E L I Z A B E T H B E A R

Tradução de Fernanda Semedo

Título Original: Tideline

Chalcedony não fora feita para chorar. Era algo que não existia nela, a não ser que as suas lágrimas fossem gotículas de vidro frias e afiadas, temperadas pelo calor infernal que a tinha inutilizado. Lágrimas assim, escorreriam pela sua pele, por cima de sensores derretidos, para retinirem, sem serem sentidas, na areia. E, se isso acontecesse, ela haveria de recolhê-las, juntamente com todas as outras bugigangas gastas, e haveria de acrescentá-las ao tesouro de jóias sem valor que levava penduradas nas redes de reforço da sua carapaça maltratada.

Tê-la-iam considerado um salvado, se restasse alguém para a salvar. Mas ela era a última das máquinas de guerra, uma lágrima achatada de três pernas, do tamanho de um tanque de guerra principal, com dois grandes grampos e um manipulador fino dobrado como um palpo de aranha sob a cabeça pontiaguda que a encimava, a sua armadura polícerâmica com um padrão em teia de aranha, como vidro anti-estilhaço. Sem orientação dos seus amos remotos, coxeava pela praia, arrastando um membro fundido. Era pouco mais que um destroço.

Foi na praia que encontrou Belvedere.

Bivalves com conchas em forma de bor-

boleta, desenterrados pelas grandes ondas que deixavam a praia, retorciam-se no trilha de areia molhada deixado pela perna de Chalcedony. Era uma do par traseiro e dava menos problemas quando a areia estava compacta. Funcionava bem como pivô e, desde que ela não fosse para as rochas, podia arrastá-lo sem obstáculos.

Enquanto avançava com esforço ao longo da linha de maré-alta, apercebeu-se de que alguém a observava. Não levantou a cabeça. Tinha o chassis equipado com sensores dirigidos que captaram automaticamente a figura andrajosa agachada junto de uma rocha gasta pela erosão. Precisava do input óptico para examinar o emaranhado de algas e tábuas devolvidas pela maré, esferovite e vidro do mar que traçavam a linha da maré-alta.

Ele observou-a a percorrer a praia, mas estava desarmado e os algoritmos dela não o consideraram uma ameaça. Tanto melhor. Ela gostava da estranha rocha de topo plano ao lado da qual ele se agachava.

No dia seguinte, ele voltou a observá-la. Tinha sido um dia bom; encontrara uma pedra da lua, uns quantos cristais de rocha, um pedaço de cerâmica vermelho-alaranjado e alguns vidros que o mar tornara opalescentes.

— Qu’andas a apanhar?

— Contas do naufrágio — respondeu Chalcedony. Ao longo dos dias, ele fora-se arrastando para mais perto, até que começara a segui-la, como as gaivotas, recolhendo as conchas desenterradas pelo seu pé a arrastar para um saco de rede remendado. Comida, calculou ela, e, de facto, ele tirou um dos pequenos moluscos do saco e fez surgir de algures um canivete de lâmina partida para o abrir. Os seus sensores pintaram o canivete de cores ténues. Uma arma, mas não uma ameaça para ela.

Com bastante destreza, abriu-a, sugou-a, e deitou a concha fora em menos de três segundos. Mas não podia conter mais que um pedacinho de carne. Muito trabalho para tão pequena recompensa.

Ele era esquelético, além de esfarrapado, e pequeno para um ser humano. Devia ser jovem. Pensou que ia perguntar-lhe qual naufrágio, ao que ela responderia com um gesto vago sobre a baía, onde outrora ficara a cidade, dizendo que havia muitos. Mas ele surpreendeu-a.

— Que vais fazer com elas? — Limpou a boca com um mão coberta de areia, o canivete partido projectando-se imprudentemente do fundo do seu punho.

— Quando tiver que cheguem, farei colares. — Vislumbrou qualquer coisa sob

Anéis. A história parecia suficientemente intrigante, e assim eu não hesitei alguns meses mais tarde quando calhou encontrar a edição pirata da Ace da *Irmandade do Anel* num expositor.

Ao mergulhar no grosso livro de bolso vermelho durante a viagem de autocarro até casa comecei a perguntar a mim próprio se não teria cometido um erro. A *Irmandade* não parecia nada fantasia heróica como devia ser. Que diabo era tudo aquilo a propósito da erva-de-cachimbo? As histórias de Robert E. Howard costumavam abrir com uma serpente gigantesca a deslizar por ali, ou com um machado a abrir em duas a cabeça de alguém. Tolkien abriu a sua com uma festa de aniversário. E aqueles hobbits com os seus pés peludos e amor por batatas pareciam ter fugido dum livro do Pedro Coelho. *Conan teria aberto um caminho sangrento mesmo pelo meio do Shire, dum lado até ao outro*, lembro-me de ter pensado. *Onde estão as gigantescas melancolias e as gigantescas alegrias?*

No entanto, continuei a ler. Quase desisti ao chegar a Tom Bombadil, quando as pessoas largaram a cantar “Hô, Tom Bombadil, Tom Bombadillo!” Mas as coisas tornaram-se mais interessantes nas colinas das antas, e ainda mais em Bree, onde Passo de Gigante entrou em cena. Quando chegámos ao Cume do Tempo, Tolkien tinha-me agarrado. “Gil-Galad foi um rei elfo,” recitou Sam Gamgee, “Dele os harpistas cantam, tristemente.” Um arrepio percorreu-me a espinha, um arrepio que Conan e Kull nunca tinham evocado.

AS CRÓNICAS DE GELO E FOGO

Quase quarenta anos mais tarde, dou por mim a meio da minha própria alta fantasia, *As Crônicas de Gelo e Fogo*⁹. Os livros são enormes e enormemente complexos, e demoro anos a escrevê-los. Dias depois de cada volume ser publicado começo a receber emails a perguntar quando sairá o próximo. “Você não sabe como é difícil esperar,” gritam queixosamente. *Mas sei, apetece-me dizer-lhes, sei precisamente como é difícil. Eu também esperei*. Quando terminei *A Irmandade do Anel*, esse era o único volume que tinha saído em capa mole. Tive

9 - Integralmente publicada em Portugal (os livros já escritos) (NT)

de esperar que a Ace publicasse *As Duas Torres*, e de novo esperei pel’*O Regresso do Rei*. Não foi uma longa espera, admito, mas de alguma forma pareceu durar décadas. No momento em que deitei as mãos ao segundo volume, pus tudo o resto de parte para o poder ler... mas a meio d’*O Regresso do Rei* abrandei. Só restavam algumas centenas de páginas, e depois de acabarem nunca poderia voltar a ler *O Senhor dos Anéis* pela primeira vez. Por mais que desejasse saber como tudo ficaria, não queria que a experiência terminasse.

Foi essa a intensidade com que amei esses livros, enquanto leitor.

Como escritor, no entanto, fiquei seriamente intimidado por Tolkien. Quando lia Robert E. Howard, pensava: *Um dia talvez consiga escrever tão bem como ele*. Quando lia Lin Carter ou John Jakes, pensava: *Já sou capaz de escrever coisas melhores do que estas*. Mas quando li Tolkien, desesperei. *Nunca serei capaz de fazer o que ele fez*, pensava. *Nunca serei capaz sequer de me aproximar*. Embora tivesse escrito fantasia nos anos seguintes, a maior parte dela manteve um tom mais próximo do de Howard do que do de Tolkien. Não se pode ter o atrevimento de pisar os calcanhares do mestre.

Comecei uma segunda história de R’hlloor durante o meu ano de caloiro na Northwestern University, quando ainda me iludia pensando que o *Cortana* estava só atrasado, não morto, e que “Dark Gods of Kor-Yuban” devia estar mesmo quase, quase a sair. Na sequência, o meu príncipe exilado encontra-se no Império de Dothrak, onde se junta a Barron da Lâmina Sangrenta para combater os demónios alados que mataram o avô, o Rei Barristan, o Ousado. Tinha vinte e três páginas escritas quando um dia uns amigos descobriram a história em cima da minha secretária e se divertiram tanto a ler a prosa pretensiosa em voz alta que fiquei demasiado desgostoso para continuar. (Ainda tenho as páginas e, sim, são um bocadinho presunçosas.)

Não escrevi mais fantasia durante os anos de faculdade. E à excepção de “The Exit to San Breta,” que não é nem alta fantasia nem fantasia heróica, não lhe toquei como profissional novato. Não porque gostasse menos dela do que de ficção científica. Os meus motivos eram mais pragmáticos. Tinha uma renda a pagar.

DOS ANOS SETENTA ATÉ AGORA

O início dos anos 70 foi uma altura magnífica para se ser um jovem escritor de ficção científica em início de carreira. Eram lançadas novas revistas de FC todos os anos. *Vertex*, *Cosmos*, *Odyssey*, *Galileo*, *Asimov’s*. (Não havia novas revistas de fantasia.) Entre as revistas existentes, só a *Fantastic* e a *F&SF* compravam fantasia, e esta última preferia excêntricas fantasias modernas, que iam beber mais a Thorne Smith e a Gerald Kersh do que a Tolkien ou Howard. Novas ou antigas, as revistas de FC tinham sérias rivais nas colecções de antologias de originais: *Orbit*, *New Dimensions*, *Universe*, *Infinity*, *Quark*, *Alternities*, *Andromeda*, *Nova*, *Stellar*, *Chrysalis*. (Não havia antologias de originais dedicadas à fantasia.) As revistas para homens também estavam em expansão, depois de acabarem de descobrir que as mulheres tinham pêlos púbicos; muitas queriam histórias de FC para preencher as páginas entre as imagens. (Também compravam horror, mas nem a alta fantasia nem a fantasia heróica eram aceites.)

Havia mais editoras do que hoje em dia (a Bantam Doubleday Dell Random House Ballantine Fawcett era seis editoras, não uma, e a maioria delas tinha colecções de FC. A colecção principal de fantasia era a Ballantine Adult Fantasy Series, que se dedicava em grande medida a reedições. A Lancer tinha os seus títulos de Robert E. Howard... mas a Lancer era peixe de fundo, uma editora de pouco prestígio que pagava pouco, da qual a maior parte dos escritores fugia assim que conseguiam vender noutros mercados.) A Convenção Mundial de Fantasia ainda não existia, e a Convenção Mundial de Ficção Científica raramente nomeava fantasias para prémios Hugo, tal como a Science Fiction Writers of America (que ainda não acrescentara “and Fantasy” ao nome) pouco as nomeava para os Nébula.

Em suma, não se podia fazer carreira como escritor de fantasia. Nessa altura não. Ainda não. Portanto fiz o que todos os escritores antes de mim tinham feito, o que Jack Williamson tinha feito, e Poul Anderson, e Andre Norton, e Jack Vance e Heinlein e Kuttner e Russell e de Camp e C. L. Moore e os outros. Escrevi ficção científica... e de vez em quando, por amor, enfiei na pilha uma fantasia ou outra. **BANG!**

Introdução a ser publicada na Retrospectiva da obra de George R. R. Martin a ser publicada em 2011.

um emaranhado de algas a que se chamava dedos de homem morto, um reflexo de luz, e encetou o laborioso processo de se baixar para a apanhar, compensando matematicamente os seus giroscópios avariados.

A possível-criança observou-a avidamente. — Não, não — disse. — Não podes fazer um colar com isso.

— Porquê? — Baixou-se mais um decímetro, equilibrando-se contra o peso do seu membro fundido. Não lhe apetecia nada cair.

— Vi as que apanhaste. São todas diferentes.

— E daí? — perguntou ela, conseguindo baixar-se mais alguns centímetros. Os seus hidráulicos guincharam. Um dia qual-

quer, aqueles hidráulicos ou as células de combustível falhariam e ela quedar-se-ia como estivesse, uma estátua corroída pelo ar salgado e pelo mar, continuamente enrolada pela maré. Tinha a

carapaça quebrada e já não era à prova de água.

— Não são todas contas.

Com o manipulador, ela arrastou para o lado os dedos de homem morto. Deixou a descoberto o tesouro, um pedaço de pedra cinzento-azulado, esculpido com a forma de um homem gordo e alegre. Não tinha buracos. Chalcedony endireitou-se e virou a figurinha para a luz. A pedra era estruturalmente sólida.

Extraiu do manipulador do outro lado um furador de ponta de diamante, fino como um fio de cabelo, e furou a figura de cima a baixo. Depois introduziu-a numa volta de arame, fez um nó em cada ponta, que enrolou e reforçou, e acrescentou-o à grinalda de contas que oscilava contra o seu chassis desfigurado.

— E daí?

A possível-criança tocou o pequeno Buda com a ponta do dedo, fazendo-o bater contra chapa de cerâmica quebrada. Ela voltou a erguer-se, fora do alcance dele. — Mim Belvedere — disse ele.

— Olá — disse Chalcedony. — Sou a Chalcedony.

★

Ao pôr-do-sol, quando a maré estava no ponto mais baixo, ele seguiu-a às corrinhas e a tagarelar, irrompendo como

uma flecha entre bandos de gaivotas, para apanhar punhados de conchas, que lavava nas ondas antes de devorar o seu conteúdo cru. Chalcedony estava mais ou menos a ignorá-lo enquanto activava os seus focos, concentrando a radiação ao longo da linha de maré. Depois de mais alguns passos arrastados, outro tesouro chamou-lhe a atenção. Era um pedaço de corrente com algumas contas brilhantes incrustadas – vidro, com pedaços de folha de ouro e de prata embebidos nas suas voltas. Chalcedony deu início ao laborioso processo de a apanhar, mas deteve-se quando Belvedere saltou diante dela. Pegou na corrente com uma mão suja, de unhas partidas, e ergueu-a. Chalcedony ficou imóvel, quase perdendo

veis, desatou-o do cinto de corda e entregou-lho. Ela enganchou-o num manipulador e ergueu-o. Verificou que a trama era de algodão e não de nylon, enrolou o saco nos dois manipuladores maiores e deu ao conteúdo um impulso de micro-ondas de baixa voltagem. Não devia. Era um desgaste nas suas células de energia que não tinha maneira de recarregar, e ela tinha uma tarefa para completar.

Não devia — mas fê-lo.

O vapor ergueu-se dos seus grampos e as conchas abriram-se, assando no seu próprio molho e na humidade das algas com que ele forrara a rede. Cuidadosamente, ela devolveu-lhe o saco, tentando não entornar o líquido.

— Cuidado — avisou. — Está quente.



o equilíbrio. Preparava-se para arrebatar o tesouro das mãos da criança e atirá-la ao mar quando ele se pôs em bicos de pés e lho estendeu, esticando-o por cima da cabeça. Os focos reflectiram a sua sombra na areia, iluminando cada fio do seu cabelo e das sobrançelas num forte contraste.

— É mais fácil se for eu a apanhar — disse ele, enquanto o fino manipulador dela se fechava molemente sobre a ponta da corrente.

Ela ergueu o tesouro para o examinar à luz dos focos. Um segmento bastante comprido, sete centímetros, quatro contas brilhantes da cor de pedras preciosas. A sua cabeça rangeu quando ela a ergueu, a corrosão a escorrer-lhe das articulações.

Ela prendeu a corrente à rede enrolada na sua carapaça. — Dá-me o teu saco — disse.

Belvedere levou a mão à rede encharcada, cheia de bivalves crus, que escorria para a sua perna nua. — O meu saco?

— Dá-mo. — Chalcedony levantou-se, torta por causa do membro arruinado mas, ainda assim, dois metros e meio mais alta que a criança. Estendeu um manipulador e, de algum ficheiro há muito fora de uso, extraiu um protocolo para lidar com humanos civilizados. — Por favor.

Ele remexeu no nó com dedos flexí-

Ele pegou cautelosamente no saco e sentou-se, de pernas cruzadas, aos pés dela. Quando afastou as algas, os bivalves jaziam, como jóias minúsculas — laranja-pálido, rosa, amarelo, verde e azul – no seu ninho de Ulva verde-erva, a alface do mar. Provou um com cautela, depois começou a sorver com grande deleite, atirando conchas em todas as direcções.

— Come também as algas — aconselhou Chalcedony. — São ricas em nutrientes importantes.

★

Quando a maré subiu, Chalcedony subiu a praia como se fosse um grande caranguejo encurvado e com cinco pernas amputadas. Era uma figura rotunda ao luar, os seus tesouros abanando e restolhando na rede, tinindo uns de encontro aos outros como pedras agitadas num punho fechado. A criança seguiu-a.

— Devias dormir — disse Chalcedony, quando Belvedere se aquietou junto dela no crescente seco ao cimo da praia, sob imponentes penhascos de barro, onde as ondas não chegavam.

Ele não respondeu, e a voz dela enrouqueceu e esvaiu-se até se tornar mais clara quando ela voltou a falar. — Deves subir para fora da praia. As falésias são instáveis. Não é seguro estar por baixo delas.

Belvedere chegou-se mais para ela, a fazer beicinho. — Tu estás aqui em baixo.

— Eu tenho armadura. E não consigo subir. — Bateu com a perna avariada na areia, rolando o corpo para a frente e para trás sobre as duas pernas boas.

— Mas a tua armadura está partida.

— Isso não importa. Deves subir. — Pegou em Belvedere com ambos os grampos e ergueu-o por cima da cabeça. Ele gritou. Ao princípio ela temeu tê-lo magoado, mas os gritos transformaram-se em gargalhadas antes de ela o colocar numa saliência rochosa inclinada que o levaria ao cimo da falésia.

Iluminou a saliência com os seus focos. — Sobe — disse, e ele subiu.

E regressou de manhã.

“*Enterrou os corpos na praia, pois estava programada para tratar respeitosamente os inimigos mortos, cumprindo os protocolos da guerra.*”

★

Belvedere continuou esfarrapado, mas com a ajuda de Chalcedony ficou mais roliço. Ela capturava e assava pássaros marinhos para ele, ensinou-o a fazer e manter fogueiras e rebuscou as suas vastas bases de dados, procurando sugestões para o manter saudável enquanto crescia – por vezes, visivelmente, fracções de milímetro por dia. Investigou e analisou vegetais marinhos e intimou-o a comê-los, e ele ajudou-a a recolher tesouros que os manipuladores dela não conseguiam agarrar. Algumas das contas dos naufrágios eram quentes e faziam os detectores de radiação de Chalcedony funcionar ao ralenti. Não eram uma ameaça para ela mas, pela primeira vez, deitou-as fora. Tinha um aliado humano; o seu programa exigia-lhe que o mantivesse saudável.

Ela contou-lhe histórias. A sua biblioteca era vasta e repleta de histórias de guerra e de histórias acerca de veleiros e de navios espaciais, as que mais lhe agradavam, por qualquer razão inexplicável. Catarse, pensou ela, e voltou a contar-lhe a história de Rolando e do Rei Artur, a de Honor Harrington, de Napoleão Bonaparte, de Horatio Hornblower e do Capitão Jack Aubrey. Projectava as palavras num monitor enquanto as recitava, e, mais depressa do

que ela imaginava, ele começou a recitá-las com ela.

Então, o Verão chegou ao fim.

Por altura do equinócio, ela reuniu memoriais suficientes. As jóias dos naufrágios continuavam a dar à praia e Belvedere ainda lhe levava as melhores, mas Chalcedony instalou-se ao lado daquela rocha torcida de topo plano e organizava aí os seus tesouros. Cortou arame a partir de latão resgatado, enfiou-lhe as contas e fabricou elos que entrelaçou nas grinaldas.

Foi uma experiência de aprendizagem. Ao princípio, o seu sentido estético não estava desenvolvido e ela fazia e desfazia muitas dúzias de combinações de contas até encontrar uma que lhe agradasse. Além de ser preciso que as formas e as

mente em baixo, com a chegada do Inverno a sua capacidade para utilizar a energia solar seria ainda mais limitada. E, com o Inverno, viriam as tempestades, e ela já não seria capaz de se esquivar ao mar. Estava resolvida a terminar a sua última tarefa antes de perecer.

Belvedere começou a deambular sem ela, caçando pássaros e trazendo-os para os assar na fogueira de tábuas que o mar devolvera à praia. Isto era bom, ele tinha de ser capaz de se manter. À noite, contudo, voltava para junto dela e trepava para a rocha de topo plano, para escolher contas e ouvir as suas histórias. O mesmo fio condutor que a levava a trabalhar repetidamente com os grampos e manipuladores finos — o dever de os vivos recor-

darem os caídos com honra – era desenvolvido nas histórias de guerra que ela ainda lhe contava, embora agora tivesse posto de lado a ficção e a história e lhe contasse as suas próprias experiências. Contara-lhe como Emma Percy

resgatara aquele miúdo perto de Savannah, e como o soldado Michaels fora ferido ao provocar o fogo do sargento Kay Patterson quando os robôs de batalha foram atraídos a uma armadilha numa escaramuça perto de Seattle.

Belvedere escutava-a, e surpreendera-a ao mostrar-lhe como era capaz de repetir a ideia essencial, ainda que não as palavras exactas. Tinha uma boa memória, se bem que não tão boa como a de uma máquina.

★

Um dia, quando ele se afastara na praia muito fora do alcance da vista, Chalcedony ouviu Belvedere gritar.

Há dias que ela estava imóvel. Agachou-se na areia num ângulo estranho, o seu membro imobilizado apontado para a praia, os colares em que estava a trabalhar dispostos sobre a rocha que lhe servia como bancada de trabalho improvisada. Pedaços de pedra, vidro e arame foram varridos do cimo da rocha enquanto ela se erguia nos membros saudáveis. Conseguiu pôr-se na vertical à primeira tentativa, o que a surpreendeu, e cambaleou por um momento instavelmente, sentindo falta da estabilização dos giroscópios há muito tempo avariados.

Quando Belvedere gritou outra vez, quase capotou. Subir estava fora de questão,

mas ainda era capaz de correr. O membro danificado lavrava um sulco na areia atrás dela e a maré estava a subir, obrigando-a a chapinhar na corrosiva água do mar. Disparou em volta da protuberância rochosa atrás da qual Belvedere desaparecera, a tempo de o ver ser atirado ao chão por dois humanos maiores, um dos quais tinha um taco erguido sobre a cabeça e o outro segurava o saco de rede gasto de Belvedere. Belvedere soltou um queixume quando sentiu o taco na coxa. Chalcedony não se atreveu a usar os seus projectores de micro-ondas.

Porém, dispunha de outras armas, incluindo um laser de precisão e um propulsor de químico apropriado para disparar. Os inimigos humanos eram alvos fáceis. Estes nem sequer usavam armadura.

Enterrou os corpos na praia, pois estava programada para tratar respeitosa-mente os inimigos mortos, cumprindo os protocolos da guerra. Belvedere não corria perigo de morte iminente, depois de ela lhe ter posto uma tala na perna e lhe ter tratado as feridas, mas ela decidiu que ele estava demasiado ferido para a ajudar. A areia estava macia e fácil de escavar, embora não houvesse maneira de manter os corpos fora do alcance do mar. Foi o melhor que ela conseguiu. Quando terminou, voltou a transportar Belvedere para a rocha e começou a recolher os seus tesouros espalhados.

A perna estava distendida e magoada, mas não partida, e qualquer efeito perverso relacionado com a lesão tornou-o ainda mais incansavelmente determinado a ultrapassar os seus limites logo que recuperou um pouco. Ao fim de uma semana estava de pé, apoiado em muletas e arrastando uma perna tão rígida como a de Chalcedony. Assim que tirou a tala, começou a deambular ainda por maiores distâncias. O seu recente coxear não o fazia abrandar e ele passava noites fora. Estava a crescer muito, quase tão alto como um soldado, e cada vez mais capaz de cuidar de si próprio. O incidente com os assaltantes ensinara-o a ter cautela.

Entretanto, Chalcedony elaborava os seus colares fúnebres. Cada um deles tinha de ser merecedor de um camarada caído e o seu ritmo era agora mais lento por não poder trabalhar à noite. Salvar Belvedere custara-lhe mais energia cuidadosamente acumulada, e ela não podia carregar os focos se quisesse acabar antes de as suas células secarem. Podia ver ao luar com absoluta precisão, mas os seus olhos térmicos, preparados para a baixa

luminosidade, não funcionavam quando se tratava de equilibrar as cores.

Seriam 41 colares, um por cada membro do seu pelotão extinto, e ela não aceitaria trabalho mal feito. Por mais depressa que trabalhasse, era uma corrida contra o sol e a maré.

O quadragésimo colar estava acabado em Outubro, quando os dias começaram a ficar mais curtos. Começou o 41º, para a chefe operacional do pelotão, sargento Patterson, o que levava o Buda cinzento-azulado no fundo – antes do pôr-do-sol. Não via Belvedere há alguns

“Tens de o fazer por mim. Encontrar pessoas para recordar as histórias. Encontrar pessoas para lhes falar do meu pelotão.”

dias, mas isso era normal. Não acabaria o colar naquela noite.

A voz dele acordou-a da inactividade com que aguardava o sol. — Chalcedony? Algo guinchou quando ela acordou. Um bebé, identificou, mas a forma quente nos seus braços não era a de um bebé. Era um cão, um cachorrinho, um pastor alemão como os que faziam equipa com tratadores que por vezes trabalhavam com a Companhia L. Os cães nunca se tinham preocupado com ela, mas alguns dos tratadores temiam-na, embora não o admitissem. O sargento Patterson disse-ra a um deles, Oh, a Chase é, ela própria, um grande cão de ataque, e exibira Chalcedony teatralmente sob as suas miras telescópicas, ao som de muitas gargalhadas.

O cachorro estava ferido. O sangue cáldo das suas feridas escorria-lhe pela pata traseira. — Olá, Belvedere — disse Chalcedony.

— Encontrei um cachorrinho — Abriu o seu cobertor esfarrapado para deitar o cão.

— Vais comê-lo? — Chalcedony! — repreendeu ele e protegeu o animal nos braços. — Está ferido.

Ela reflectiu. — Queres que o trate? Ele fez que sim e ela considerou a ideia. Precisaria dos seus armazenamentos insubstituíveis de luz e de energia. Antibióticos, coagulantes e provisões cirúrgicas, e o animal podia, mesmo assim, morrer. Mas os cães eram valiosos; ela sabia que os tratadores os tinham em grande estima, ainda maior que a estima do sargento Patterson por Chalcedony. Na sua biblioteca, havia ficheiros de medicina veterinária. Acendeu os focos e procurou os ficheiros.

Acabou antes de a manhã nascer e de as suas células se esgotarem. Por pouco. Quando o Sol se levantou e o cachorrinho respirava confortavelmente, com o corte ao longo da anca cosido e a hemorragia saturada com antibióticos, ela voltou a dedicar-se ao último colar. Teria de trabalhar rapidamente, e o colar do sargento Patterson continha as contas mais frágeis e belas, aquelas que Chalcedony tivera mais medo de partir e por isso guardara para o fim, quando tivesse mais experiência.

Os seus movimentos tornaram-se mais lentos, mais laboriosos, à medida que o dia passava. O sol não a alimentava o suficiente para substituir os gastos da noite anterior. Mas, conta após conta, o colar cresceu – pedacinhos de peltre, de cerâmica, de vidro e de madrepérola. E o Buda de calcedónia, porque o sargento Patterson fora o operador de Chalcedony.

Quando o Sol se aproximava do zénite, Chalcedony começou a trabalhar mais depressa, aproveitando um ímpeto de energia. O cachorro dormia à sua sombra, depois de devorar os restos de ave que Belvedere lhe dera, quando Belvedere subiu a rocha e se agachou ao lado da pilha de colares terminados.

— Este é para quem? — perguntou, tocando a corrente frouxa enrolada no manipulador.

— Kay Patterson — respondeu Chalcedony, acrescentando uma conta castanha-esverdeada, como um camuflado de combate.

— Sir Kay — disse Belvedere. A voz

dele estava a mudar e de vez em quando abandonava-o completamente a meio das palavras, mas conseguiu dizer essa frase inteira. — Era a cavaliça-mor do rei Artur e do seu irmão adoptivo e cuidava dos robôs de combate no estábulo — disse, orgulhoso da sua memória.

— Eram dois Kays diferentes — emendou ela. — Não te podes demorar aqui.

Inseriu outra conta na corrente, fechou o elo e endureceu o metal com o manipulador fino.

— Não podes sair da praia. Não és capaz de subir.

Ociosamente, ele pegou num colar, o de Rodale, e estendeu-o entre as mãos, de maneira que as contas apanhassem luz. Os elos tiniram suavemente.

Belvedere ficou com ela enquanto o Sol descia e os movimentos dela ficavam mais lentos. Nesse momento, trabalhava quase completamente a energia solar. Com a noite, voltaria a ficar quiescente. Quando chegassem as tempestades, as ondas rolariam sobre ela e nem mesmo o Sol voltaria a acordá-la. — Tens de ir — disse ela, com os grampos imóveis sobre o colar quase pronto. Depois, mentiu: — Não te quero aqui.

— Este é para quem? — perguntou ele. Lá em baixo, na praia, o cachorro ergueu a cabeça e latiu. — Garner — respondeu ela, e depois falou-lhe de Garner, e Antony, e de Javez, Rodriguez, Patterson, White e Wosczyzna, até estar tão escuro que a sua voz e visão falharam.

De manhã, ele pôs o colar acabado de Patterson nos grampos de Chalcedony. Devia ter estado a trabalhar durante a noite, à luz da fogueira. — Não consegui endurecer os elos — disse, quando o colocou sobre os seus grampos.

Silenciosamente, ela fê-lo, um a um. O cachorrinho estava de pé, a coxear, fajejando em torno da base da rocha e ladrando às ondas, às aves, a um caranguejo apressado. Quando Chalcedony acabou, colocou o colar em torno dos ombros de Belvedere e ele ficou muito quieto. Tinha pêlos macios nas faces. Os Marines homens barbeavam-se sempre bem e as mulheres não tinham pêlos no rosto.

— Disseste que era para Sir Kay.

Ergueu o colar nas mãos e examinou a forma como o vidro e as pedras reflectiam a luz.

— É para alguém a recordar — disse Chalcedony. Desta vez, não o corrigiu. Pegou nos outros quarenta colares. Todos juntos, eram pesados. Perguntou-se se Belvedere os conseguiria levar todos. —

Por isso, recorda-a. Lembras-te para quem é cada um deles?

Um a um, ele disse os nomes e, um a um, ela passou-lhos para as mãos. Rogers e Rodale, e van Metier, e Percy. Estendeu um segundo cobertor – onde teria arranjado um segundo cobertor? Talvez no mesmo sítio onde arranjava o cão – e colocou-os lado a lado na lâ azul-marinho. Resplandeciam.

— Conta-me a história de Rodale — pediu ela, percorrendo o colar suavemente com o grampo. Ele contou-a, mais ou menos, com metade da história de Rolando e de Oliver misturadas. De qualquer maneira, como ele a contou, era uma história bastante boa. Pelo menos, na opinião dela.

— Leva os colares — disse ela. — Leva-os. São joalharia fúnebre. Dá-os ao povo e conta-lhes as suas histórias. Devem ser entregues às gentes, que recordarão e honrarão os mortos.

— E onde é que eu encontro essa gente? — perguntou ele, carrancudo, cruzando os braços. — Não estão na praia.

— Não — concordou ela. — Não estão. Terás de os procurar.

Mas ele não queria deixá-la. Ele e o cão percorreram a praia para a frente e para trás à medida que arrefecia. Ela dormia cada vez mais tempo e mais profundamente, pois o ângulo baixo do Sol não era suficiente para a acordar, excepto ao meio-dia. Vieram as tempestades e, como a mesa de rocha cortava a pulverização, a água salgada endureceu-lhe as articulações, embora, por enquanto, não lhe tivesse corroído o processador. Já não se mexia e, mesmo à luz do dia, raramente falava, e Belvedere e o cachorro usavam a sua carapaça e a rocha como abrigo, o fumo das suas fogueiras enegrecendo-lhe a barriga.

Ela estava a acumular energia. Em meados de Novembro, tinha suficiente. Esperou e falou com Belvedere quando ele voltou com o cão dos seus passeios. — Tens de ir — disse-lhe, e quando ele abriu a boca para protestar, acrescentou, — Está na hora de partires na tua errância.

Estendeu a mão para o colar de Patterson, que ele usava com duas voltas em torno do pescoço, sob o casaco velho. Ele devolvera-lhe os outros, mas ela oferecera-lhe este. — Errância?

Rangendo, por causa da corrosão que lhe moía as articulações, ela ergueu os colares acima da cabeça. — Tens de encontrar as pessoas a quem isto pertence.

Ele desdenhou das suas palavras com

um gesto. — Estão todos mortos. — Os guerreiros estão mortos — disse ela. — Mas as histórias não. Porque salvaste o cão?

Ele lambeu os lábios e voltou a tocar no colar de Patterson. — Porque tu me salvaste. E contaste-me as histórias. Sobre guerreiros bons e guerreiros maus. Estás a ver, Percy teria salvo o cão, não é? E Hazel-rah também.

Emma Percy, Chalcedony tinha quase a certeza, teria salvo o cão, se pudesse. E Kevin Michaels teria salvo a criança. Ela estendeu-lhe os outros colares. — Quem vai proteger as outras crianças?

Ele fitou-a, retorcendo as mãos diante do corpo. — Tu não consegues subir.

— Eu não. Tens de o fazer por mim. Encontrar pessoas para recordar as histórias. Encontrar pessoas para lhes falar do meu pelotão. Eu não sobreviverei ao Inverno — Teve uma inspiração. — Por isso, entrego-lhe esta missão, Sir Belvedere.

Os colares brilharam sob a luz de Inverno, as ondas rebentavam, cinzentas e fatigadas atrás deles. — Que género de pessoas?

— Pessoas capazes de ajudar uma criança — disse ela. — Ou um cão ferido. Pessoas como devem ser as de um pelotão.

Ele deteve-se. Estendeu as mãos, acariciou os colares, deixou as contas chocalharem. Dobrou ambas as mãos e introduziu-as nos colares até aos cotovelos, retirando o fardo das mãos dela. **BANG!**



Nascida em Connecticut em 1971, a autora norte-americana Elizabeth Bear revelou-se em anos recentes como uma das vozes mais promissoras e sólidas da ficção especulativa. Autora das séries “The Promethean Age” e “Edda of Burdens”, publicou também inúmeros contos e noveletas nas mais conceituadas revistas do género. Ao longo da sua carreira, arrecadou os prémios John W. Campbell para Melhor Novo Autor (2005), Locus para Melhor Romance de Estreia (2006) e os Prémios Hugo para Melhor Conto (2008) e Melhor Noveleta (2009).



VIDA NOUTROS PLANETAS

Tradução de Safaa Dib

*Sabemos que existe vida noutros planetas e queremos descobrir tudo o que há para saber sobre ela. Aqui damos protagonismo a membros activos de fandoms internacionais que nos concedem o privilégio de partilhar connosco as suas experiências, seja como editores, autores, fãs, bloggers ou organizadores. Neste número: Stephen Hunt**

Para mim, a minha descoberta do fandom da ficção científica no Reino Unido começou, literalmente, em casa. O meu pai é um grande fã de fantasia e ficção científica, e cresci rodeado de uma biblioteca massiva que consistia grandemente em ficção científica, fantasia e romances de horror – com a presença de algum policial nas margens. Foi uma educação bastante boa. Para a maioria das pessoas, os clássicos são Shakespeare e Charles Dickens. Na minha casa, foram H. G. Wells, Jules Verne, E. E. Doc Smith e Robert Heinlein. De qualquer modo, eu culpo o meu pai por ter acabado como um autor do género fantástico. Ele culpa os americanos – quando ele ainda era um rapaz, os EUA enviavam navios de liberdade cheios de armas, munições e tanques para ajudarem a Grã-Bretanha a lutar na II Guerra Mundial. Também trouxeram algo igualmente perigoso nos porões de carga. Milhares e milhares de revistas pulp a servirem de lastro, que tinham que ser descarregadas antes de fazerem a viagem de volta a casa rodeados de submarinos alemães. Revistas como *Amazing Stories* e *Astounding Science Fiction* eram oferecidas de graça às toneladas aos miúdos ingleses nas docas, recrutando um novo público leitor do fantástico ainda antes do pó causado pelos ataques dos mísseis V1 assentar na nossa terra verdejante e prazenteira.

UM AUTÓGRAFO DE MICHAEL MOORCOCK

E assim, curiosamente, fui parar às convenções de ficção científica às quais era levado pelo meu pai. Uma das minhas primeiras foi a *Seacon' 79* – A *Worldcon* de 1979 realizada em Brighton (uma grande cidade costeira na nossa costa sul), tinha eu treze anos. Um membro muito jovem e com entrada paga que caminhava aos tropeços e com olhos abismados pela galeria de arte e a sala de exibição, onde eram exibidas peças enviadas pelo George Lucas de um pequeno filme dele chamado “O Império Contra-Ataca”. Estas peças incluíam um *Snow Speeder* em tamanho real, no qual me pude sentar e tirar uma foto com o presidente da Câmara de Brighton... bom, eu era o fã mais jovem registado na convenção. Também consegui um autógrafo de Michael Moorcock numa ilustração

de capa do *Elric*, oferecida à borla pelo editor para promover o seu trabalho. A ilustração está agora pendurada no meu escritório, onde eu tento, à minha maneira, criar enredos e personagens tão memoráveis como o assassino albino e atormentado de Moorcock com uma espada viva e malévola.

Desde então tenho assistido a todas as *Worldcon* realizadas no Reino Unido. Imensos americanos e canadianos também participam, bem como um número saudável de europeus continentais, elevando os números para dois ou três mil. Também tento assistir à maioria das *EasterCon* – a convenção de ficção científica do Reino Unido. Esta é frequentada por cerca de mil pessoas, se incluirmos os visitantes de passagem.

MEGA-HIPER-SUPER CONVENÇÕES

De todos os géneros literários, a fantasia e ficção científica deu-me a impressão de ter a comunidade de fãs mais activa no que concerne à organização de eventos e encontros. Apenas o género do crime se aproxima no Reino Unido, e mesmo então, a ficção científica não encontra rival pela extensão e diversidade das suas convenções. De um lado, temos eventos profissionais, como o *SFX Weekender*, organizado pela sofisticada revista de sci-fi, *SFX*. Este é um evento que conta com a presença de muitas estrelas de cinema e televisão, bem como dezenas de autores best-sellers dentro do género.

Depois temos os eventos anuais geridos por fãs, como *EasterCon* e as suas equivalentes regionais, como por exemplo, o *Picocon* de Londres no *Imperial College*. Podemos encontrar também outro tipo de eventos mais específicos, como o *Wadfest* em *Nottingham*, inteiramente dedicado à criação de fantasia humorística do autor Terry Pratchett, *Discworld*, mas existem também encontros mais intimistas em pubs como as noites da *British Fantasy Society*, realizados regularmente em *Truckles*, uma das casas de cerveja e vinho mais

tradicionais de Londres, à luz de velas e chão coberto de serradura.

Nos EUA, o número de pessoas que assiste a este tipo de convenções pode atingir proporções surpreendentes. No ano passado, quarenta mil pessoas estiveram presentes na *DragonCon*. A assistência na *ComicCon* também pode alcançar estes números arrasadores. Muitos fãs britânicos aproveitam as datas destes dois eventos, para, *ahem*, tirar umas férias nos EUA (bom, é dessa forma que nos justificamos perante as nossas mulheres, maridos e crianças). Até temos a nossa própria cerimónia de Óscares, os prémios Arthur C. Clarke, que se realiza todos os anos num cinema luxuoso de Londres em paralelo com o *SciFi London Film Festival*. Aqui, os actores de Hollywood convidados para o evento sentam-se lado a lado com editores do género e autores para assistir ao prémio que galardoa anualmente o melhor romance de ficção científica na Grã-Bretanha. Que me lembre, este é dos poucos eventos de alto nível onde algumas pessoas usam *smokings*, enquanto outras usam a armadura completa de um *Imperial Stormtrooper*!

O PONTO DE VISTA DO AUTOR

Como autor a trabalhar no seu sexto romance para a *HarperCollins*, tenho agora a oportunidade de assistir a muitos destes eventos do lado do palco. O lado nervoso, onde dou por mim próprio a piscar os olhos na semi-escuridão perante centenas de leitores sentados, que se dedicam à tradição de lançar perguntas ao autor no final da sessão. O mais preocupante é o facto de a maioria dos interrogadores lembrar-se dos livros melhor do que o próprio escritor, e não hesitarão em empalar o autor na ponta afiada do seu conhecimento se ele vacilar.

Os fãs raramente apreciam que um escritor tenha que se esquecer das suas obras anteriores, de certa forma, para poder comprometer-se por inteiro com a sua presente criação literária – criação essa que

irá esperançosamente pôr o pão na mesa da família no próximo ano. Actores e produtores aparentemente também sentem o mesmo – com poucos deles disponíveis para visitar as suas obras mais antigas. Do lado positivo, como figura literária, as convenções pagam as minhas despesas de viagem e dão-me um bilhete de borla para entrar nelas! Um pouco de suor e interrogatório em frente a uma audiência fazem com que valha a pena, não?

FANDOM

Se o fandom constitui o tijolo do nosso género, então a Internet é, sem dúvida, o seu cimento. Devido ao facto de partilharmos a língua inglesa, existe agora uma comunidade amorfa online de amantes de ficção científica e fantasia composta por britânicos, americanos, canadianos, australianos e neozelandeses. Visitamos os mesmos sites, comentamos no Facebook, seguimos os tweets uns dos outros, participamos juntos nas mesmas convenções, assistimos aos mesmos filmes e séries (*Dr. Who*, *Gallactica*, *Smallville*, *Mad Max*, etc.) e lemos os mesmos romancistas de FC&F – George R. R. Martin, Peter V. Brett e, espero eu, eu próprio!

Tendo observado o bom trabalho que a minha editora portuguesa, Saída de Emergência, tem feito para incutir a mesma loucura pelo fantástico entre os leitores portugueses (sim, eu estive presente no Fórum Fantástico 2010), será apenas uma questão de tempo antes que exista uma sociedade dedicada a encontros regulares semanais num bar lisboense sombrio para discutir as estranhas criações de Stephen Hunt. É bom sonhar... **BANG!**

* Stephen Hunt trabalhou como escritor e editor de um grande número de revistas e jornais do Reino Unido, e trabalha presentemente na área de investigação de um banco de investimento. É o fundador do *sfcrownsnest.com*, um dos mais antigos e populares portais dedicados a ficção científica e fantasia, com milhares de leitores por mês. Nascido no Canadá, o autor vive actualmente em Londres e passa grande parte do seu tempo em Espanha, com a família. “A Corte do Ar”, nas livrarias dia 4 de Março de 2011, é o primeiro da sua série de steampunk vitoriano e fantasia.



“A Corte do Ar”, na sua edição especial e assinada pelo autor, que só estará disponível nas lojas Fnac.



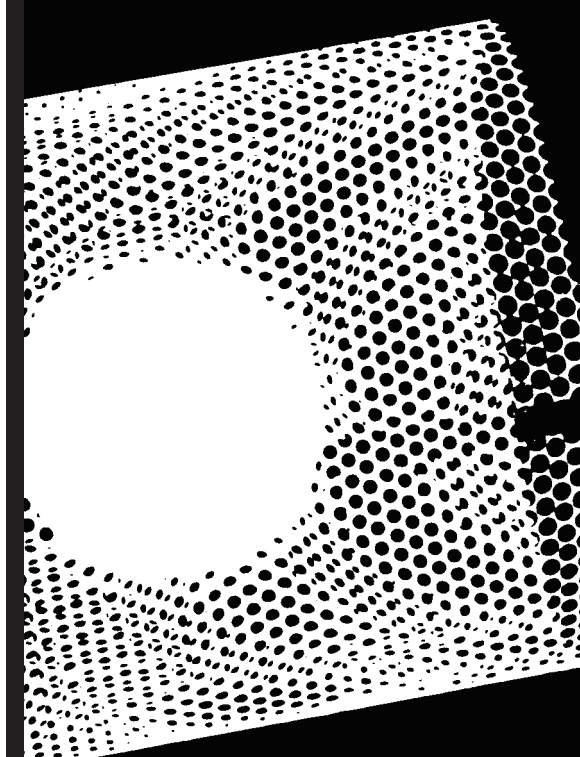
Michael Moorcock, um dos autores incontornáveis do fantástico, tem vários volumes do anti-herói *Elric* publicados na Coleção Bang!



Stephen e a esposa em frente aos Jerónimos, aquando da sua visita ao Fórum Fantástico de 2010.



Os negros anos-luz de Terry James



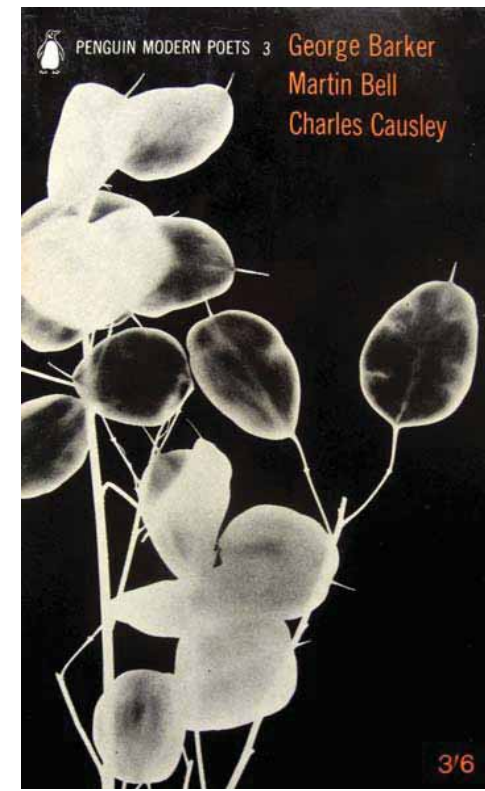
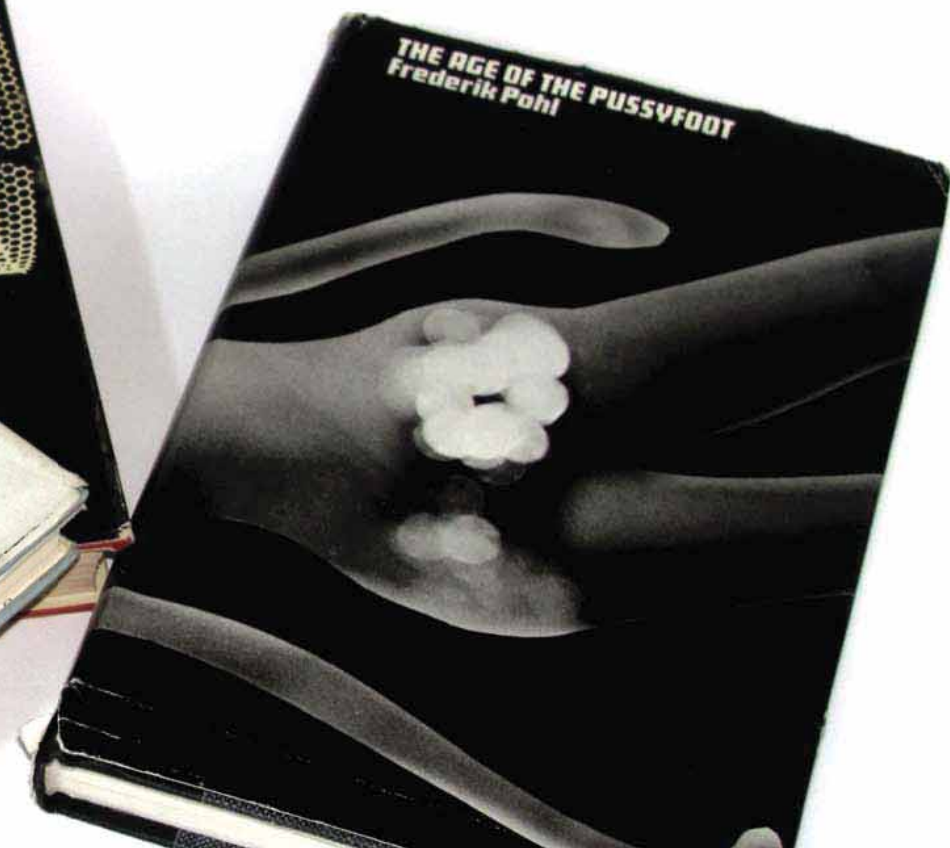
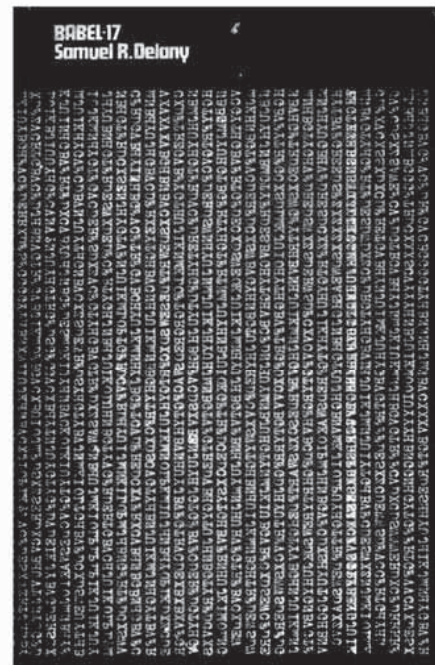
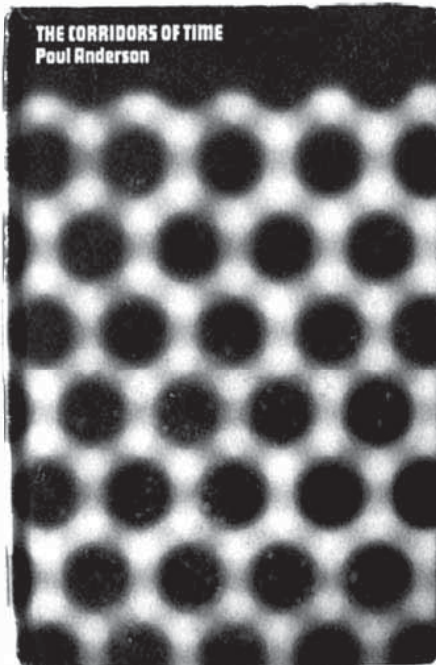
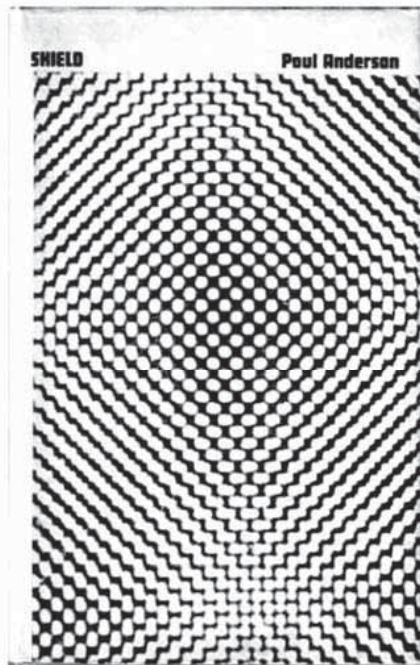
De 1967 a 1971, um único designer foi o responsável por uma das séries de capas de Ficção Científica mais arrojadas na história editorial do género. Minimalistas, poéticas, sugestivas, nada se lhes assemelhou antes, e muito pouco se lhes comparou depois. A idade maior na imagem da FC?

Pedro Piedade Marques

PERANTE uma ou duas destas capas, e apesar da sua qualidade, a pergunta e a curiosidade por trás desta fariam pouco sentido. Perante cinco dezenas de capas, numa série que se impôs pela coerência formal e que, mesmo assim, permitiu soluções arrojadas, a pergunta é inevitável: quem foi Terry James? Pois bem: não sei. Factos: em 1967, ano em que James terá pegado na encomenda de criar capas para o Science Fiction Book Club (SFBC) de Londres, este era publicado por um aglomerado de clubes do livro, o Reader's Union, que por sua vez pertencia à editora J.M. Dent & Sons. James era o ou um dos designers na Dent. E é esse o único facto que poderá explicar a sua ligação a este projecto. De resto, mais nada sei do seu trabalho.

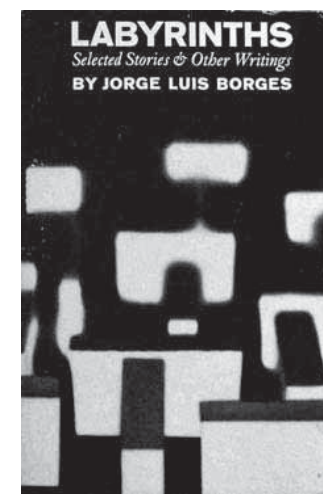
O SFBC de Londres tinha sido criado em 1953, e do seu corpo directivo (cuja função era sobretudo seleccionar, dentre os títulos de FC publicados em Inglaterra, os mais meritórios para circulação no clube) tinham feito parte Arthur C. Clarke e Kingsley Amis. Em 1967, a New Wave e o movimento Pop fazem Londres fervilhar de novas ideias e formas, mas o Clube parece adormecido. A Penguin, graças à direcção de arte de Germano Facetti, renovara já a imagem da sua colecção de FC e impunha agora uma referência estética a que as outras editoras de *paperbacks* (e algumas das editoras mais tradicionais, como a Jonathan Cape) não são surdas. Teria sido esta a missão pedida a James?

A opção pelo monocromatismo seguia a imagem anterior nas capas do SFBC, certamente motivada por uma necessária economia de meios no que mais não era do que um "reencapamento" de títulos já publicados comercialmente. Mas o uso quase exclusivo da fotografia, em manipulações que chegam à abstracção, é algo de muito novo num género dominado pela ilustração, quer a de cariz mais naturalista vinda do universo "pulp", quer a que seguia uma linguagem mais expressionista ou surrealizante, exemplificada no portfolio de Richard Powers ou de Leo e Diane Dillon. É precisamente numa das séries redesenhadas a mando de Facetti na Penguin que podemos encontrar uma possível inspiração para James nesta "nova" imagem para um género de iconografia tão limitada, por então: a série de "novos poetas" que a Penguin lançou no início da década. O detalhe fotográfico, o preto e branco de alto contraste e o gosto pela abstracção estão já lá, James apenas fazendo a transposição decisiva de um género para outro, uma espécie de caução "nobilitadora" num "contrabando" de valores culturais que tinha sido, precisamente, a estratégia de Facetti na série de FC da Penguin. Descontextualizando o género dos textos publicados pela escolha de uma iconografia que não remetia directamente para ele, criava-se um efeito de distanciamento muito proveitoso a novas leituras e a novos significados. Também Michael Moorcock percebe e pratica isso mesmo na *New Worlds*, por essa altura.



A poesia como referência

A série de livros de poesia da Penguin de inícios da década de 1960, concebida sob a direcção de arte de Germano Facetti, poderá ter sido um importante ponto de referência para Terry James. Algumas capas da editora americana New Directions, conhecidas pelo seu monocromatismo com base em manipulações fotográficas, poderão também ter inspirado o design da série do SFBC (em baixo, a edição de *Labyrinths* de Borges em 1964).



PÁGINA ANTERIOR

Variação permanente sobre um tema

Só uma visão conjunta de uma série de capas permite apreciar a mestria de James em manter de uma forma rigorosa as directivas que impôs a si mesmo, sem nunca cair no perigo da monotonia e da repetição, possíveis resultados de um ritmo de uma capa por mês durante mais de quatro anos. Do mais puro abstraccionismo, puxando o grão e os contrastes de detalhes fotográficos, a experiências com a Op Art, passando pelo recurso ao fotograma ou à simples inversão de fotografias, este portfolio é um "case study" de como se pode variar continuamente e de forma surpreendente numa série sem nunca sair do "tema".



A Ficção Científica (ainda) a preto-e-branco

O preto-e-branco intenso do ecrãs de TV e de alguns filmes “heterodoxos” de FC era ainda uma referência visual muito poderosa no final dos anos 60. São claras as ligações entre muitas das capas de James e alguns dos genéricos de séries como *Dr. Who* ou *Outer Limits*. De cima para baixo, da esquerda para a direita: fotograma de *La Jetée* de Chris Marker (1962); frame do genérico de *The Outer Limits* (1963); frame do genérico de *Dr. Who* (1963, design de Bernard Lodge); frame do genérico de *The Tomorrow People* (1973; ainda que posterior ao período de 1967-1971, o genérico desta série inglesa inscreve-se nos mesmos moldes visuais dos precedentes); fotograma do genérico de *Seconds* de John Frankenheimer (1966; design de Saul Bass).



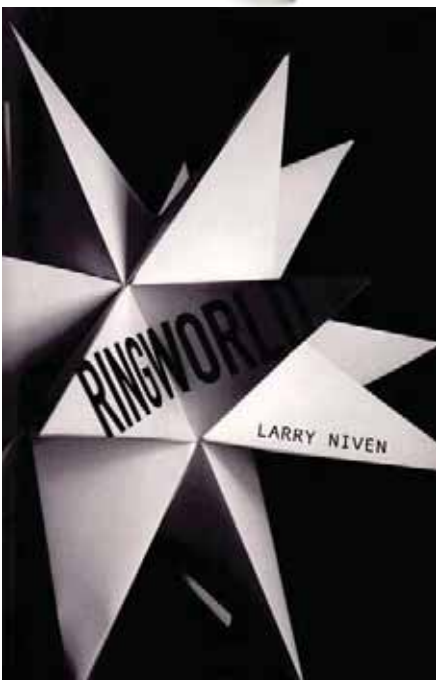
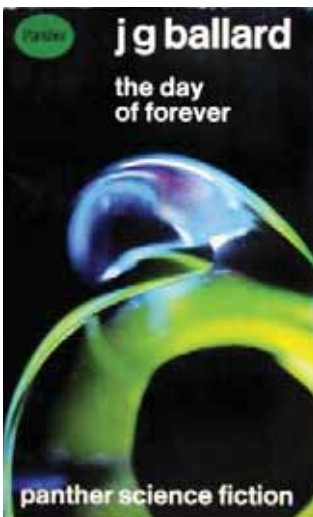
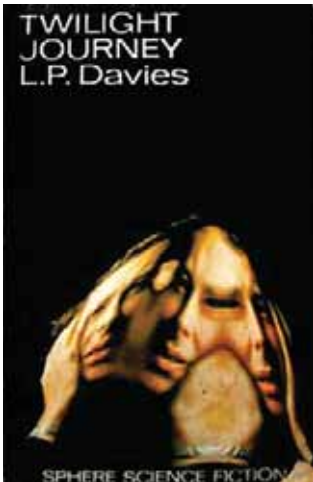
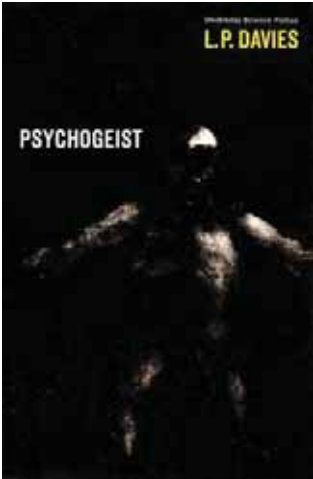
E todo esse negro! *The Dark Light-Years* tinha sido o título de uma novela de Brian Aldiss de 1964 e, não fosse pelo seu lado satírico que falta a estas capas tão serenas e “sérias”, poderia bem ter sido o *motto* a guiar James na sua tarefa. Em 1967 a Ficção Científica era, nas capas dos *paperbacks* nos dois lados do Atlântico e também no cinema, uma experiência colorida. “Cor” era quase um sinónimo deste género. Mas, na televisão, a FC era igualmente popular e ainda coada pelo intenso contraste monocromático. Séries como *The Twilight Zone*, *Outer Limits* ou *Dr. Who* traziam um confronto semanal com um imaginário a preto-e-branco, e em detalhes dos seus genéricos podemos encontrar um perfeito contexto visual para algumas das capas de James, com um pendor para a abstracção que ecoa nitidamente no portfolio do SFBC. E a FC que vinha de França, altamente imaginativa, como *Alphaville* de Godard ou *La Jetée* de Chris Marker (muito elogiado por Ballard pelo seu lado “heterodoxo” nas páginas da *New Worlds* em 1966), era toda filmada num preto-e-branco intenso.

Simplicidade, contenção tipográfica, referências “eruditas” e modernistas (como não pensar nas *raiografias* de Man Ray?) inventividade no uso dos recursos (uma simples inversão da foto de uma silhueta humana sobre uma superfície molhada dá uma capa antológica para *The Werewolf Principle* de C. Simak), uma noção de conjunto sem perda das necessidades individuais de cada título. Eis o programa para esta pequena revolução na imagem da FC que durou menos de cinco anos: o termo do trabalho de James para o SFBC poderá ter-se devido às mesmas causas que o levaram até ele, mas o certo é que a partir de 1971 a qualidade das capas do clube entra em queda acentuada, até à sua extinção no início dos anos 80. A “new wave” dispersou-se, a FC regressou à sua paixão pelo *pulp* e pelo excesso, os aerógrafos trouxeram de volta as naves e as alienígenas antropomórficas, o preto-e-branco começou a ser uma coisa do passado com a TV a cores, e Terry James entrava num limbo de onde nem uma enciclopédia de FC o conseguiu resgatar. E estas dezenas de capas continuam a sugerir a questão: quem foi Terry James? **BANG!** O copyright das imagens das capas reproduzidas pertence aos seus designers/ilustradores e/ou editoras, todos devidamente identificados.

PÁGINA SEGUINTE

O negrume alastra-se

Algumas capas dentro do género que, mesmo usando a cor, optaram por soluções análogas às que James empregou. A da Panther é do mesmo período destas capas do SFBC, e revela, tal como muitas outras na série de FC dessa editora de paperbacks, enormes semelhanças no tratamento das imagens e no gosto pela abstracção a partir de detalhes fotográficos. Uma série mais recente, mas que remete nitidamente para a do SFBC pelo seu rigoroso preto-e-branco, é a da “Totally Space Opera” da Gollancz. Ainda assim, trata-se de manifestas excepções num género ainda dominado pelo colorido intenso e pela representação naturalista. De cima para baixo, da esquerda para a direita: capa da primeira edição hardback de *Behold the Man* de Michael Moorcock (1969, ed. Allison & Busby, design/foto de Gabe Nasemann); capa da edição hardback de *Psychogest* de L.P. Davies (1967, ed. Doubleday); capa da edição paperback de *Twilight Journey* de L.P. Davies (1969, ed. Sphere); capa do n.º 1 da revista *Interzone* (1982, design de Philippa Bramson); capa da edição paperback de *The Day of Forever* de J.G. Ballard (1967, ed. Panther); capa da edição paperback de *Ringworld* de Larry Niven (2009, ed. Gollancz, série “Totally Space Opera” design de Sanda Zahirovic).



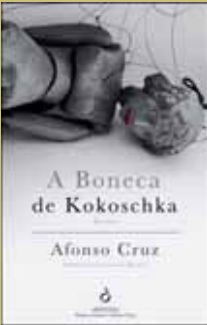
O autor nasceu em Luanda em 1971, e é designer gráfico e editor no projecto Livros de Areia. Tem textos sobre livros e design gráfico publicados na revista “Os Meus Livros” e nos projectos PNETdesign (<http://www.pnetdesign.pt>) e Alice (<http://www.clubalice.com>). Edita também o blogue Montag (<http://pedromarquesdg.wordpress.com>).

RASCUNHOS
acrisalves.wordpress.com

A BONECA DE KOKOSCHKA

AFONSO CRUZ

★★★★☆



Menos fantástico que os anteriores livros de Afonso Cruz, mas igualmente fabuloso, este romance desenvolve várias personagens cujos destinos se interligam, iniciando-se com um tom infantil e frases desconexas enquanto acompanha um rapaz e um tolo na cidade de Dresden. Com o crescimento do rapaz e a introdução de novas personagens, também a complexidade aumenta, o tom amadurece e a história se torna cada vez mais cativante e glamorosa, entre traições e desilusões, onde uma boneca de madeira, fruto de uma paixão, é temporariamente espectadora. / Cristina Alves

BELA LUGOSI IS DEAD
belalugosiisdead.blogspot.com

O SÍTIO DAS COISAS SELVAGENS

DAVID EGGERS

★★★★☆



Ao fugir de casa após um desentendimento familiar, Max embarca numa viagem que o leva a uma ilha habitada por “criaturas selvagens”, e de quem se toma rei... Foi no decorrer da adaptação cinematográfica que David Eggers foi convidado a escrever a novelização. E assim,

o curioso livro infantil de Maurice Sendak, “Where the wild thing Are”, de 1963, ficou mais adulto, mas sem nunca perder o melhor da infância. / Rui Baptista

SEGREDO DOS LIVROS
www.segredodoslivros.com

ALEX 9 — A COROA DOS DEUSES

MARTIN S. BRAUN

★★★★☆



Um livro de leitura voraz, repleto de acção e de personagens fortes. A sequência de acontecimentos evolui de forma frenética mas não deixa que a história peque pela falta de profundidade. O número de personagens pode ser assustador, mas grande parte delas acabam por ser surpreendentemente fortes e apelativas. Uma harmonia inesquecível entre ficção científica e o género fantástico.



Espelho Negro

Um conto de Drizzt, o elfo negro
por R. A. Salvatore

Tradução de Mário Matos

Título Original: *Dark Mirror*

Nascer do Sol. O nascer de um novo dia. Um acordar da superfície do mundo, preenchido com as esperanças e os sonhos de um milhão de corações. E cheio também, conforme vim a saber dolorosamente, dos trabalhos sem esperança de outros tantos.

Não há nada que se assemelhe a um nascer do Sol no escuro mundo da minha herança de elfo negro, nada em todo o Subescuro sem luz que se compare com a beleza do Sol a erguer-se sobre a orla do horizonte de leste. Não há dia, não há noite, não há estações.

Decerto o espírito perde alguma coisa no calor e escuridão constantes. Decerto ali, na eterna sombra do Subescuro, não se poderiam experimentar as esperanças elevadas, por muito irrazoáveis que pudessem ser, que parecem tão ao alcance nesse momento mágico em que o horizonte rebrilha prateado com a chegada do sol matinal. Quando a escuridão é para sempre, a disposição sombria do anoitecer depressa se instala, e os mistérios da noite da superfície são substituídos por inimigos concretos e pelos perigos muito reais do Subescuro.

Para sempre, também, perdura a estação do Subescuro. Na superfície, o Inverno anuncia um tempo de reflexão, um tempo para pensamentos sobre a mortalidade, sobre aqueles que partiram antes de nós. Porém, na superfície isto é apenas uma estação do ano, e a melancolia não assenta demasiado profundamente. Vi os animais ganharem vida na Primavera, vi os ursos acordarem e os peixes

a abrirem caminho por entre correntes rápidas até aos seus locais de desova. Vi as aves nos seus jogos aéreos, o primeiro voo de um melro recém-nascido

Os animais do Subescuro não dançam.

Os ciclos do mundo da superfície são mais voláteis, creio. Parece não haver uma disposição constante, cá em cima; nem sombria, nem exuberante. Os picos emocionais a que se pode chegar com o nascer do Sol podem igualmente ser diminuídos enquanto a orbe em fogo desce a oeste. Isso é melhor. Que os medos sejam entregues à noite, e que o dia seja cheio de sol, de esperança. Que a ira seja acalmada pelas neves do Inverno, e depois esquecida no calor da Primavera.

No constante Subescuro, a ira ferve até que o travo da vingança seja saboreado.

Esta constância também afecta a religião, que é tão central para os meus irmãos elfos negros. As sacerdotisas governam a cidade onde nasci, e todas se curvam perante a vontade da cruel Rainha Lolth. A religião dos drow, contudo, é apenas uma maneira de obter ganhos concretos, de atingir mais poder e, apesar de todos os seus rituais e cerimónias, a minha gente está espiritualmente morta. Porque a espiritualidade é um tumulto de emoções, o contraste do dia e da noite que os elfos drow nunca conhecerão. É uma descida ao desespero e uma subida até ao mais elevado cume.

Maiores parecem, de facto, os cumes, quando se seguem às profundezas.

Não poderia ter escolhido melhor dia para partir de Mithril Hall, onde o meu amigo anão, Bruenor Battlehammer, era de novo rei. Durante dois séculos, a terra natal dos anões estivera nas mãos de malévolos anões cinzentos, os duergar, e do seu líder, o dragão das sombras Shimmergloom. Agora, o dragão estava morto, vencido pelo próprio Bruenor, e os anões cinzentos tinham sido expulsos.

A neve acumulava-se densamente sobre as montanhas em redor do bastião dos anões, mas o azul cada vez mais profundo do céu antes do alvorecer estava límpido, com as últimas e teimosas estrelas a brilharem até ao último momento, até a noite ceder o seu domínio sobre a terra. A minha escolha do momento fora acertada, pois fui dar a um local voltado para leste onde me podia sentar; era uma rocha lisa, limpa das neves pelo vento, momentos antes do evento diário que rezo para que nunca perca.

Não posso descrever a dor no meu peito, o palpar do meu coração, nesse último momento antes de a orla dourada do Sol de Faerun coroar a linha brilhante do horizonte. Ando pelo mundo da superfície há quase duas décadas, mas nunca me cansarei do nascer do Sol. Para mim, tornou-se a antítese dos meus tempos conturbados no Subescuro, símbolo da minha fuga do mundo sem luz e dos costumes malévolos dos da minha raça. Mesmo quando termina, e quando o Sol já vai bem alto e sobe no céu de leste, sinto o seu calor a penetrar a minha pele de ébano, dando-me uma vitalidade que nunca conheci nas profundezas do mundo.

E assim foi também neste dia de inverno, na ponta mais a sul da montanha da Espinha do Mundo. Só tinha saído de Mithril Hall

havia apenas algumas horas, e tinha cem quilómetros diante de mim na minha viagem até Silverymoon, que deve estar entre as mais maravilhosas cidades de todo o mundo. Custava-me deixar Bruenor e os outros, quando tinham ainda tanto para fazer nas minas. Tínhamos conquistado as cavernas no início desse Inverno, tínhamo-las limpo da escumalha duergar e de todos os outros monstros que se tinham ali enfiado durante a ausência de dois séculos do Clã Battlehammer. O fumo das fornalhas dos anões já se erguia no ares por cima das montanhas; já se ouviam os martelos dos anões a bater na pedra em busca do precioso mithral.

Os trabalhos de Bruenor mal tinham ainda começado, especialmente com o noivado da sua filha adoptiva humana, Cat-ti-brie, com o rapaz bárbaro, Wulfgar. Bruenor não poderia ter ficado mais feliz, mas, como tanta gente que vim a conhecer, o anão não conseguia manter essa felicidade acima das suas preocupações com os muitos preparativos que o casamento implicava, ou acima dos seus desejos irrealistas de que o casamento fosse a melhor cerimónia que as terras do norte jamais tinham visto.

Não fiz notar isso a Bruenor. Não vi que isso tivesse utilidade, se bem que o incrível volume de trabalho do anão tivesse de facto temperado os meus desejos de deixar as cavernas.

Mas os convites de Alustriel, a maravilhosa senhora de Silverymoon, não são coisa que se ignore com facilidade, especialmente para um drow renegado tão determinado a encontrar a aceitação entre as gentes que receiam a sua raça.

O meu passo era leve nesse primeiro dia de caminho. Queria chegar ao rio Surbrin e deixar para trás as montanhas maiores. Foi

ao longo dessas margens, algures a meio da tarde, que encontrei os rastos. Um grupo misto, talvez de uma vintena, tinha passado por ali, e não muito tempo antes. Os rastos maiores pertenciam a ogres. O que me preocupava mais, porém, uma vez que tais criaturas não são invulgares nem inesperadas naquela região, eram as pegadas mais pequenas de botas. Pelo tamanho e forma dessas pegadas, tive de concluir que tinham sido feitas por humanos, e algumas delas tinham de ser de uma criança humana. Mais perturbante ainda era que algumas delas estavam cobertas parcialmente por pegadas de monstros, enquanto outras cobriam parcialmente as pegadas desses monstros. Tinham todas sido feitas aproximadamente na mesma altura. Quem era, então, o cativo, e quem era o captor?

O rasto não era difícil de seguir. Os meus receios aumentaram ainda mais quando detectei alguns pontos vermelhos brilhantes ao longo do caminho. Mas senti-me um pouco reconfortado com o equipamento que levava comigo. Catti-brie tinha-me emprestado Taulmaril, o Procura-corações, para esta que seria a minha primeira viagem a Silvermoon. Com esse poderoso arco encantado nas mãos, prossegui o caminho, confiante em que poderia lidar com quaisquer perigos que estivessem à minha espera mais adiante.

Avançava cuidadosamente, mantendo-me o mais possível nas sombras e com o capuz da minha capa verde-floresta bem puxado para a cara. Mesmo assim, sabia que estava a ganhar terreno rapidamente, e que o bando, que se mantinha junto à margem do rio, não podia estar mais do que uma hora à minha frente. Era altura de convocar o aliado em que mais confiava.

Peguei na estatueta da pantera, o meu elo de ligação com Guenhwyvar, tirei-a da bolsa que trazia à cintura e coloquei-a no chão. O meu chamamento pelo felino não foi feito em voz alta, mas também não precisava de o ser, porque Guenhwyvar reconheceria sempre a minha voz. Depois, surgiu a bruma reveladora, que um momento depois seria substituída pela pantera negra – trezentos quilos de perfeição em combate.

— Podemos ter de libertar alguns prisioneiros — disse para o felino enquanto lhe mostrava os rastos.

Como sempre, o rugido surdo de Guenhwyvar, mostrando que compreendia, tranquilizou-me; e juntos seguimos em frente, esperando descobrir o inimigo antes do cair da noite.

O primeiro movimento surgiu inesperadamente do outro lado do vasto leito do Surbrin. Agachei-me atrás de um rochedo, com Taulmaril retesado e pronto. A reacção de Guenhwyvar foi igualmente defensiva, e a pantera agachou-se atrás de uma pedra mais próxima do rio, com as pernas traseiras pisando o chão excitadamente. Sabia que Guenhwyvar poderia facilmente dar o salto de dez metros até à outra margem. Mas eu demoraria mais tempo a atravessar, e receei não poder dar muito apoio ao felino estando do outro lado do rio.

Um restolhar do outro lado mostrou que também nós tínhamos sido detectados, facto confirmado instantes depois quando uma flecha rasgou o ar por cima da minha cabeça. Pensei responder na mesma moeda. O arqueiro estava escondido atrás de uma rocha, mas eu sabia que, com Taulmaril, poderia provavelmente enfiar uma flecha através dessa fraca cobertura rochosa.

Contudo, refreei o tiro, e pedi a Guenhwyvar que se mantivesse no seu lugar. Se aquele era o bando que tinha estado a seguir, então por que razão não tinham vindo mais flechas junto com a primeira? Porque não tinham os estúpidos monstros iniciado os seus típicos uivos de guerra?

— Não sou inimigo! – gritei. De qualquer forma, a minha posição também já não era segredo. A resposta permitiu-me aliviar a tensão sobre a corda do arco.

— Se não és inimigo, então quem és?

Isto deixou-se numa situação delicada que só um elfo negro na superfície poderia reconhecer. Evidentemente, não era inimigo destes homens – agricultores, presumi — que tinham vindo em perseguição do bando de monstros. Estávamos, sem o saber, a trabalhar para o mesmo objectivo; mas o que pensaria aquele gente simples quando visse um elfo drow à sua frente?

— Sou Drizzt Do’Urden, um ranger e amigo do rei Bruenor Battlehammer de Mithril Hall! — gritei.

Atirei o capuz para trás e avancei, desejo de ver acabado este tipicamente tenso encontro.

— Um drow malcheiroso! — ouvi exclaimar um dos homens; mas um outro, um homem mais velho, dos seus cinquenta anos, disse-lhe a ele e aos outros que baixassem os arcos.

— Estamos a perseguir um bando de ogres e de orcs — explicou o homem mais velho. Mais tarde soube que se chamava Tharman.

— Então, estão do lado errado do rio – gritei em resposta. – Os rastos estão aqui e seguem ao longo da margem. Calculo que levem a um trilho não muito distante deste ponto. Conseguem atravessar para cá?

Tharman conferenciou com os seus homens por instantes — eram cinco, no total — e depois fez-me sinal para esperar onde estava. Tinha passado por uma secção gelada do rio, salpicada por várias grandes pedras, pouco mais atrás, e bastaram poucos minutos para que os agricultores se me reunissem. Estavam vestidos com roupas esfarrapadas e fracamente armados; eram gente simples e provavelmente não estariam à altura dos impiedosos orcs e ogres que tinham passado por ali. Tharman era o único de entre eles que tinha visto mais de trinta invernos. Dois dos agricultores pareciam ainda não ter visto vinte invernos, e um deles nem sequer mostrava a barba por fazer que os outros tinham nas caras.

— Pelas lágrimas de Illmater! – gritou um deles, surpreendido, quando se aproximaram.

Se a visão de um elfo negro não bastasse para os deixar nervosos, a presença de Guenhwyvar era mais do que suficiente para esse efeito.

A imprecisão do homem assustou Guenhwyvar. A pantera deve ter considerado a invocação do Deus do Sofrimento como uma ameaça de algum tipo, pois baixou as orelhas e mostrou as garras tremendas.

O homem quase desmaiou, e um companheiro ao seu lado deitou uma mão hesitante a uma flecha.

— Guenhwyvar é uma amiga – expliquei. – Tal como eu.

Tharman olhou para um homem de aspecto rude, com metade da sua idade e trazendo um martelo mais adequado a um ferreiro do que a um grupo de combate. O homem mais novo imediatamente deu uma palmada brutal na mão do nervoso arqueiro, afastando-a do arco. Pude perceber imediatamente que aquele bruto era o chefe do grupo, e provavelmente aquele que tinha coagido os restantes a virem para a floresta consigo.

Embora a minha afirmação tivesse aparentemente sido aceite, a tensão não desapareceu, de forma nenhuma. Conseguia sentir o cheiro do medo, a apreensão que emanava daqueles homens. Incluindo Tharman. Reparei que os jovens agricultores seguravam as armas com cada vez mais força. Não tomariam a iniciativa contra mim, isso eu sabia – porque esse era o único benefício da selvática reputação da minha raça. Poucos se dispunham a lutar contra elfos negros. E mesmo que eu não fosse um exótico elfo negro, os agricultores não atacariam com aquela magnífica pantera deitada ao meu lado. Sabiam que estavam em inferioridade, e sabiam também que precisavam de um aliado, qualquer aliado, que os ajudasse na sua perseguição.

Cinco homens, todos agricultores, fracamente armados e fracamente couraçados. Que diabo esperariam eles conseguir contra um bando de vinte monstros, incluindo ogres? Fosse como fosse, tinha de admirar a coragem deles, e não os podia considerar simplesmente tontos. Acreditava que os salteadores tinham feito prisioneiros. Se esses desgraçados eram familiares destes homens, talvez mesmo seus filhos, então o desespero deles era decerto compreensível, e os seus gestos admiráveis.

Tharman avançou, com uma mão calejada estendida. Tenho de admitir que a saudação, nervosa mas sinceramente calorosa, me tocou. Tantas foram as vezes em que me deparei com insultos e armas desembainhadas!

— Ouvi falar de ti — notou Tharman.

— Então, estás em vantagem – respondi delicadamente, agarrando-lhe o pulso.

Atrás dele, o homem mais forte semicerrou os olhos irritadamente. Fiquei um pouco surpreendido; a minha resposta cautelosa tinha, aparentemente, ferido o orgulho dele. Considerar-se-ia um combatente famoso?

Tharman apresentou-se, e o rude líder do grupo correu a fazer o mesmo imediatamente.

— Sou Rico – declarou, avançando ousadamente para mim. – Rico Pengallen, da aldeia de Pengallen, vinte quilómetros a sul e a leste.

O óbvio orgulho na voz de Rico levou Tharman a encolher-se e fez soar alarmes silenciosos de que este Rico poderia causar sarilhos quando chegasse o momento de enfrentar os monstros.

Já ouvira falar de Pengallen, embora apenas a tivesse notado pelas suas luzes distantes ao cair da noite. De acordo com os mapas de Bruenor, a aldeia não passava de meia dúzia de quintarolas. Lá se iam, portanto, quaisquer esperanças de que uma milícia organizada chegasse em breve.

— Fomos atacados ontem à noite, logo após o pôr-do-sol – prosseguiu Rico, afastando rudemente o outro homem para o lado. – Orcs e ogres, como já dissemos. Fizeram alguns prisioneiros

— A minha mulher e o meu fi-

lho — interrompeu Tharman, com a voz cheia de ansiedade.

— E o meu irmão, também – disse outro.

Passei um longo momento a avaliar essas sinistras notícias, tentando encontrar algum consolo que pudesse dar a estes homens desesperados. Não queria, porém, dar-lhes demasiadas esperanças; não quando os seus entes queridos estavam nas mãos de ogres e orcs e tínhamos as probabilidades tão claramente a nosso desfavor.

— Estamos a menos de uma hora deles — expliquei. – Esperava encontrá-los antes do cair do dia. Mas com Guenhwyvar ao meu lado, conseguirei encontrá-los, seja dia ou noite.

— Estamos prontos para lutar — declarou Rico.

Deve ter sido a minha expressão – talvez involuntariamente condescendente – que lhe desagradou, porque bateu com o martelo na mão aberta e quase rangeu os dentes com o esgar de desagrado que se seguiu.

— Esperemos que não venha a ser preciso lutar – disse eu. – Tenho alguma experiência com ogres e orcs. Nem uns nem outros são muito dados a montar guarda.

— Pretendes simplesmente meter-te no meio deles e libertar os nossos?

A ira mal contida de Rico continuava a surpreender-me, mas quando me voltei para Tharman à espera de alguma explicação silenciosa, este limitou-se a meter as mãos dentro das pregas da coçada capa e desviou os olhos.

— Faremos tudo o que for preciso para libertar os prisioneiros — respondi.

— E para impedir os monstros de regressarem a Pengallen — acrescentou Rico secamente.

— Podemos tratar deles mais tarde – respondi, tentando convencê-lo a lidar com um problema de cada vez.

Uma palavra enviada a Bruenor traria dezenas de anões para patrulhar a região, guerreiros teimosos e experientes que nunca parariam a sua perseguição até a ameaça ser eliminada.

Rico virou-se para os seus camaradas, ou, mais precisamente, virou-me as costas.

— Parece que vamos ter de seguir um raio de um elfo drow — disse.

Não me ofendi. Certamente já tinha sofrido piores tratamentos do que aqueles insultos, e estes bando desesperado, à excepção de Rico, parecia suficientemente agradado por ter encontrado um aliado, independentemente da cor da minha pele.

O acampamento inimigo mostrou-se fácil de encontrar. Demos com ele no nosso lado do rio, enquanto o crepúsculo descia sobre a região. Muito convenientemente – ou melhor, estupidamente –, os monstros tinham acendido uma grande fogueira para afastar o frio da noite de Inverno.

A luz da fogueira também permitia ver a configuração do acampamento. Não havia tendas; apenas a fogueira e uns quanto troncos assentes em pedras a servir de bancos. O terreno era razoavelmente plano, coberto por um leito de seixos do rio muito polidos, e salpicado por rochedos maiores e uma ou outra árvore ou arbusto. As sentinelas orcs, com cara de porco, estavam colocadas a norte e a sul da fogueira, armadas com armas rudes mas letais nas mãos sujas. Presumi que guardas semelhantes tivessem sido colocados a oeste, longe do rio. Os prisioneiros, que não pareciam gravemente feridos, estavam aninhados uns com os outros atrás da fogueira, com as costas contra uma grande pedra. Eram quatro, e não três: os dois rapazes e a mulher do agricultor estavam acompanhados por um duende surpreendentemente bem vestido. Na altura, não me questioneei sobre esta inesperada presença. Estava mais preocupado com simplesmente encontrar um caminho para entrar e outro para sair.

— O rio — sussurrei por fim. – Guenhwyvar e eu podemos atravessá-lo sem sermos vistos. Podemos fazer o reconhecimento melhor do outro lado.

Rico estava a pensar a mesma coisa – com alguma diferença.

— Tu vens de leste, pelo rio, e nós atacamo-los com toda a força neste flanco.

O esgar de desprezo alargou-se-lhe no rosto enquanto eu abanava a cabeça. Este Rico não



“*O orc ficou virado de lado para mim. Acertei-lhe no ombro mais próximo, com a flecha a sair pelo outro ombro. Ainda estava vivo quando caiu ao chão, sacudindo-se impotente, sem conseguir usar nenhum dos braços.*”

parecia capaz de perceber que eu queria trazer os prisioneiros sem entrar numa luta em larga escala.

— Cheguei perto deles indo através do rio com Guenhwyvar — tentei explicar. — Mas não antes que a fogueira se transforme apenas num braseiro.

— Devíamos atacá-los enquanto a luz da fogueira está forte — argumentou Rico. — Nós não somos como tu, drow — e cuspiu a palavra com desdém. — Não conseguimos ver no escuro.

— Mas eu consigo — retorqui com bastante segura; Rico começava a incomodar-me mais do que apenas um bocadinho. — Eu posso entrar, libertar os prisioneiros e atacar as sentinelas pelas costas, espero que sem alertar os restantes. Se tudo correr bem, estaremos longe daqui antes que os monstros sequer se apercebam que os seus prisioneiros desapareceram.

Tharman e os outros homens faziam que sim com a cabeça, em concordância com o plano simples, mas Rico mantinha-se teimoso.

— E se as coisas não correrem bem?

— Guenhwyvar e eu deveremos ser capazes de manter os monstros suficientemente confundidos para que vocês e os vossos prisioneiros libertados possam fugir. Não creio que os monstros tentem sequer perseguir-vos, tendo em conta que pensarão que os seus prisioneiros foram roubados por elfos negros.

Mais uma vez, vi Tharman e os outros a acenarem com as cabeças ansiosamente, e quando Rico tentou encontrar um novo argumento, o homem mais velho pousou-lhe uma mão pesada com força no ombro. Rico sacudiu-a, mas não disse mais nada. Não me senti muito confortado pelo silêncio dele, vendo o ódio profundamente gravado na cara rude e barbuda.

Atravessar o rio semi-gelado mostrou-se fácil. Guenhwyvar atravessou-o simplesmente com um salto. Segui-a escolhendo o caminho cuidadosamente por sobre o gelo. Mas não queria depender totalmente de uma ponte tão frágil como aquela, e por isso escolhi um percurso até ao outro lado que tinha as pedras mais proeminentes.

A minha nova perspectiva do campo inimigo, do outro lado do rio, revelou alguns problemas potenciais — mais precisamente, os ogres gigantesco, que tinham mais do dobro da minha altura. A pele deles tinha um brilho escuro e pardo à luz tremeluzente da fogueira, com as verrugas proeminentes mais escuras, e com os cabelos longos e sebosos a brilhar num tom azulado-escuro. Havia pelo menos dois agachados entre um grupo de rochedos a norte dos prisioneiros. Os prisioneiros, por sua vez, estavam de frente para o rio, de frente para mim, com as costas contra um rochedo, e agora eu via mais um orc de sentinela, sentado com as costas contra a face norte da mesma rocha. Tinha uma espada nua no colo. Tendo muitas vezes testemunhado as tácticas brutais dos orcs, calculei que este guarda teria ordens para sair detrás da rocha e chacinar os prisioneiros, se surgissem problemas. Decidi que esse orc apresentava o maior perigo. A garganta dele seria a primeira que teria de rasgar nessa noite.

A única coisa que faltava, em matéria de preparação, era manter-me agachado e esperar que o fogo morresse, e que o acampamento caísse na sonolência do aborrecimento.

Mal passara meia hora quando me começaram a chegar sussurros — ira-

dos, vindos do outro lado do rio — mas não do acampamento inimigo. Não podia acreditar no que ouvia: Rico e os outros estavam a discutir! Felizmente, os dois guardas orcs mais próximos do local onde os homens estavam escondidos não reagiram de imediato. Só podia esperar que os ouvidos deles, que não eram nem de longe tão apurados como os meus, não tivessem captado nenhum ruído.

Passaram mais alguns momentos e, felizmente, as vozes calaram-se de novo. Mas não me descontraí. Os meus instintos avisavam-me de que algo de drástico estaria para acontecer em breve, e o rugido surdo de Guenhwyvar confirmou-me essa sensação.

Nesse momento crítico, não queria acreditar que Rico fosse tão incrivelmente tolo, mas os meus institutos e sentidos de guerreiro sobrepunham-se ao que a minha mente queria acreditar. Puxei Taulmaril do ombro, coloquei uma flecha e procurei de novo o caminho exacto que me levaria rapidamente até ao outro lado da água.

Os dois orcs de vigia a sul começaram a remexer-se nervosamente e a falar um com o outro, na sua língua gutural. Observei-os atentamente, mas mantive ainda mais atenção no orc que estava mais perto dos prisioneiros. E observei igualmente os ogres, que eram de longe os adversários mais perigosos. Um ogre de quatrocentos quilos e três metros de altura poderia não ser tão facilmente abatido pelas minhas cimitarras, ainda que um golpe bem assestado com Taulmaril pudesse abater um deles. No entanto, o meu plano inteiro assentava na ideia de fazer sair dali os prisioneiros sem que os ogres sequer dessem por isso — porque uma batalha com esses monstros brutais custaria mais tempo do que eu, ou os prisioneiros, tínhamos para dar.

Depois, o meu plano desmoronou-se diante dos meus olhos.

Uma das sentinelas orc gritou qualquer coisa. O orc ao seu lado lançou uma flecha para os arbustos que escondiam os prisioneiros. Previsivelmente, o orc com a espada pôs-se de pé instantaneamente, mesmo ao lado dos indefesos prisioneiros. Os ogres no meio dos rochedos começaram a agitar-se, mas pareciam mais curiosos do que alarmados. Ainda mantinha alguma esperança de que a situação pudesse ser salva — até que ouvi o grito de Rico incitando à carga.

Há um momento em qualquer batalha em que um guerreiro tem de largar os seus pensamentos conscientes e tem de deixar que os instintos orientem os seus movimentos; e deve confiar nesses instintos completamente, sem perder tempo precioso a questioná-los. Só dispunha de um tiro para fazer parar o orc com a espada e o impedir de matar o prisioneiro que estava mais perto dele, e que era a mulher de Tharman. A espada da criatura já estava no ar quando a minha flecha partiu do arco, com o seu poderoso encantamento a deixar um rasto prateado enquanto zunia por cima do Surbrin.

Creio que lhe acertei num olho, mas, onde quer que o projectil o tenha atingido realmente, a cabeça do orc foi literalmente desfeita em pedaços. A criatura lançou-se para trás na escuridão, e eu comecei a correr atravessando o rio, em busca de sítio para pôr os pés e sem desviar a atenção da margem oposta.

Os orcs mais próximos dos

agricultores dispararam os arcos mais uma vez, e depois desembainharam as armas para combate próximo. E embora não me tenha dado ao trabalho de olhar, soube que Rico estava a liderar um ataque. Os três orcs a norte gritaram e olharam para o rio, tentando perceber o que tinha morto o seu companheiro. Como me senti vulnerável ali, apenas rodeado de vazio, avançando lentamente enquanto escolhia cuidadosamente cada passo! Esses receios mostraram-se válidos, porque os orcs deram quase imediatamente comigo. E vi os arcos deles a levantarem-se para disparar.

Talvez os guardas não me conseguissem ver claramente, ou talvez a pontaria deles simplesmente não fosse tão boa como a minha. Fosse qual fosse a razão, os primeiro tiros apressados deles passaram longe. Parei na minha carga frenética e ripostei com duas flechas minhas; uma acertou no alvo, com a sua tremenda força a lançar o orc do meio, de entre os três, para trás e para o chão. Ouvi uma flecha a assobiar junto ao meu ouvido, a apenas uns centímetros. Penso que Guenhwyvar, saltando à minha frente, apanhou a flecha seguinte, porque nunca a cheguei a ouvir e, graças aos deuses, não a senti.

Guenhwyvar pousou na margem à minha frente e inverteu completamente o balanço, com os músculos elegantes a exercerem toda a força, e a fazerem-na voltar-se de novo. Já vira a pantera executar manobras como essa centenas de vezes; no entanto, como sempre, quase fiquei sem fôlego ao vê-la. O voo da pantera fora em direcção a oeste, mas assim que as suas patas assentaram no chão, e com apenas um único passo para diante, fez uma curva incrível para norte e caiu sobre os arqueiros antes que estes conseguissem retirar outra flecha das aljavas.

Para meu alívio, ouvi os sons da batalha a sul, enquanto Rico e os outros lutavam com os orcs. Tinha espicaçado aquele ninho de vespas. Ao menos, iam agora partilhar a tarefa de levar aquilo a bom termo.

Vi então os ogres a levantarem-se — e eram quatro, e não dois — e lancei mais uma flecha. Acertei no monstro mais adiantado em cheio no peito, e a flecha rasgou as roupas sujas que vestia e enterrou-se até às aletas prateadas. Para meu espanto e horror, a malcheirosa criatura prosseguiu em frente por mais alguns passos. Depois, caiu de joelhos, atordoada, mas não morta. Enquanto caía para o chão, olhava em volta, intrigada, como se não fizesse ideia do que a tinha feito parar o ataque.

Tinha tempo para mais um tiro antes de chegar à margem, e queria desesperadamente matar mais um ogre. Mas um orc apareceu por detrás dos prisioneiros, e as suas intenções malévolas eram óbvias, quando levantou a espada cruel sobre as cabeças deles.

O orc ficou virado de lado para mim. Acertei-lhe no ombro mais próximo, com a flecha a sair pelo outro ombro. Ainda estava vivo quando caiu ao chão, sacudindo-se impotente, sem conseguir usar nenhum dos braços.

Parece-me agora estranho, mas lembro-me que quando cheguei à margem oposta, deixando cair o arco e desembainhando as cimitarras, estava verdadeiramente preocupado por poder perder Taulmaril. Pensei até no

raspanete que Catti-brie me daria quando regressasse a Mithril Hall sem a sua preciosa arma! As imagens passageiras, porém, eram uma necessária distração até me poder juntar à refrega.

Twinkle, a espada da minha mão direita, rebrilhou num azul irado, reflectindo adequadamente o fogo que ardia em mim. A outra cimitarra brilhava com uma luz forte e azulada, num testemunho do frio invernal, porque a lâmina só brilhava quando o ar em seu redor estava muito frio.

Os três ogres que restavam avançaram para mim sem coordenação — sempre que combate contra estes estúpidos monstros, lembro-me de quão poderosos poderiam ser se conseguissem encontrar algum sentido de ordem que se sobrepusesse ao caos que lhes é natural.

Tinham errado na sua carga, pois o que vinha mais adiantado estava demasiado distante dos companheiros. Avancei mais depressa do que o monstro esperava, carregando por baixo. Twinkle bateu com força contra um joelho dele, e a outra lâmina abriu um golpe fundo na coxa oposta enquanto eu passava por entre as pernas enormes e mergulhava numa cambalhota. O ogre tentou parar abruptamente — demasiado abruptamente — e deslizou desequilibrado nas pedras lisas e escorregadias.

Caiu e ficou sentado no mesmo momento em que eu me punha de pé atrás dele. Não há muitas oportunidades para se dar um golpe tão certo na cabeça de um ogre, e aproveitei a vantagem ao máximo, abatendo Twinkle com força contra o crânio do monstro e cortando-lhe uma orelha mesmo ao meio.

O golpe não matou aquele monstro gigantesco, mas deixou-o atordoado. Antes que ele pudesse recuperar, saltei para a frente, apoiei um pé num ombro dele e lancei-me para diante, directamente para a cara do monstro seguinte. Este movimentos apanhou o segundo ogre completamente de surpresa. A enorme moca que trazia estava colocada em posição de defesa em baixo. E não conseguiria erguer a pesada arma a tempo de bloquear o meu ataque.

Twinkle rasgou um lado do pescoço maciço do ogre, enquanto a minha outra lâmina lhe golpeava a cara, rasgando a pele de tal forma que os dentes negros do monstro brilhavam agora à luz das estrelas. Mas nenhum desses ferimentos era mortal, e receei estar em grandes sarilhos quando o monstro lançou o braço livre em volta das minhas costas, puxando-me com força contra o peito. Felizmente, o meu braço direito estava dobrado, de forma que pude puxar Twinkle para trás e colocar a ponta da cimitarra em linha. Empurrei-a com toda a força, sabendo que precisava de uma morte rápida, por mim e pelos indefesos prisioneiros.

A lâmina mágica deslizou pela carne do ogre, foi desviada por uma costela que devia ser tão grossa como um tronco de árvore, e depois enterrou-se mais. Senti mesmo o estremeção quando Twinkle encontrou o coração do ogre, com o violento bombear do órgão a quase fazer saltar a espada da minha mão.

Precisava de uma morte rápida, e



tivera-a. O ogre debateu-se ainda uma vez e caímos juntos no chão. Afastei-me imediatamente, e o ogre moribundo recebeu o golpe da moca que o seu companheiro apontara para mim.

Mas a batalha estava longe de terminada. Este último ogre que se mantinha de pé estava agora inclinado para a frente, preparado e à espera. Pior ainda, tanto o bruto que tinha atingido com a flecha como o outro cuja orelha tinha cortado não estavam mortos. Teimosamente, continuavam a tentar levantar-se e regressar à luta.

Senti algum alívio quando Guenhwyvar passou por mim a correr mais uma vez, mesmo entre mim e o meu oponente mais recente. Pensei que o felino ia acabar com um dos ogres feridos, mas Guenhwyvar seguiu a direito, passando entre os monstros, e saltou por cima dos aterrorizados prisioneiros, que se encolhiam uns contra os outros. Percebi então porquê, ao ouvir o som surdo das cordas dos arcos a vibrarem; os guardas orcs do lado oeste tinham chegado. Ouviu-se um rugido tremendo, seguido, como era de esperar, por gritos aterrorizados.

Seria preciso muito mais do que umas flechas de orcs para fazer parar a poderosa Guenhwyvar.

Reparei também, quando olhei para o lado, que o prisioneiro duende estava agora de pé e corria, escapulindo-se na noite. Não dei importância a essa criatura, sem fazer ideia nessa altura da profunda importância que esse duende em particular viria a ter na minha vida.

Todos os pensamentos acerca de duendes cobardes desapareceram da minha mente enquanto o ogre ainda não ferido me puxava de novo para a luta. Acertei o primeiro golpe e, na verdade, até os primeiros dois ou três. Mantinha-me na defensiva, escolhendo as minhas abertas cautelosamente. Tal como esperava, a frustração do ogre crescia a cada vez que falhava um ataque. Esses ataques eram cada vez mais selvagens, e mais abertos a contra-golpes. Atingira já o monstro por quatro vezes, abrindo-lhe feridas dolorosas, ainda que não muito graves, quando notei que o ogre da orelha cortada começava a levantar-se.

O meu oponente atacou uma e outra vez, forçando-me a esquivar. Carreguei então com uma série de golpes rápidos e furiosos, fazendo-o recuar. Depois, virei-me e corri para o ogre atordoado. O monstro ergueu a moca com dificuldade, sem ter ainda recuperado o suficiente das forças para apontar sequer a arma. O ataque foi lento e desajeitado e facilmente recuei, afastando-me do perigo. Respondi ao golpe avançando com as minhas cimitarras dançando selvaticamente à minha frente. Quantas linhas de sangue desenhei na cara do monstro, não sei. Mas num rápido instante, todas as feições do monstro tinham desaparecido por trás de uma massa sangrenta.

Perscrutei o acampamento enquanto o grande cadáver se abatia, e fiquei aliviado por ver que o ogre com a flecha atravessada desistira da luta, e desistira de tudo. Estava caído de cara no chão, tão quieto que soube que estava morto.

Isso deixava apenas mais um atrás de mim, e ligeiramente ferido. Sabia que conseguia vencer qualquer ogre num combate singular, e sabia que ele nunca seria capaz de me atingir, desde que mantivesse absoluta concentração. Sempre desejoso de combater contra estas vis criaturas, admito que me atingiu um pouco de desapontamento quando me virei e descobri que o ogre tinha fugido, mergulhando na escuridão.

A sombra desse desapontamento desapareceu quando me lembrei dos prisioneiros. Para meu alívio, os orcs a sul tinham sido derrotados pelos cinco agricultores, com apenas um deles, o mais jovem, a mostrar alguns ferimentos. Rico exibia uma expressão de soberba, uma expressão que eu queria fazer-lhe desaparecer a murro da cara.

Guenhwyvar regressou em passo leve de corrida para o acampamento, pouco depois, e com a área a oeste já segura. A pantera mostrava um par de pequenas feridas de flechas dos orcs, mas nada de sério. Assim terminou a luta, com três ogres e oito orcs mortos, mais um ogre e talvez meia dúzia de orcs fugindo pela noite fora. Uma vitória completa, pois nem um único dos meus companheiros fora morto.

Mesmo assim, não podia dei-

xar de considerar que esta batalha não deveria ter sequer acontecido. Quaisquer ideias que mantivesse de ralarhar com Rico não perduraram, porém, muito tempo, tendo em conta as efusivas saudações de Tharman e da sua família, e entre outro dos agricultores e o seu irmão mais novo perdido.

— Onde está Nojheim? — perguntou Rico.

O tom agreste dele surpreendeu-me. Se tinha perdido algum parente, um filho ou um irmão, teria esperado ouvir dele tristeza. Mas não ouvi nenhuma tristeza por detrás da pergunta daquele homem, mas apenas uma ira desesperada, como se tivesse sido insultado.

Os agricultores trocaram olhares confundidos, acabando todos esses olhares por recair sobre mim.

— Quem é Nojheim? — perguntei.

— Um duende — explicou Tharman.

— Havia um duende entre os prisioneiros — disse-lhes eu. — Escapuliu-se durante a luta, seguiu para noroeste.

— Então, continuamos — disse Rico, sem a menor hesitação, e sem a mínima consideração pelo estado deplorável dos prisioneiros acabados de libertar.

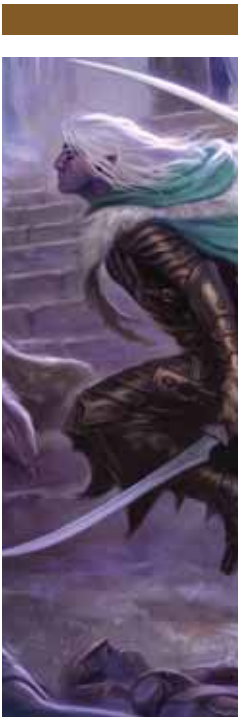
Considereei a exigência dele absurda; poderia um simples duende valer mais do que os sofrimentos daquele homem, daquela mulher e daquela criança, que tinham passado por tantos horrores?

— A noite já vai adiantada — disse eu, com um tom longe de cordial. — Reavivem o fogo e tratem dos vossos feridos. Eu irei em busca do duende fugitivo.

— Quero-o de volta! — rosnou Rico. Mas deve ter percebido a minha expressão intrigada e cada vez mais irada, porque se acalmou subitamente e tentou explicar-se. — Nojheim liderava um grupo de duendes que atacaram Pengallen há várias semanas — disse Rico, olhando em redor para os outros. — Esse duende é um líder, e o mais provável é que regresse com um grupo de aliados. Estávamos a mantê-lo prisioneiro para ser julgado quando chegaram estes novos salteadores.

Não tinha nenhuma razão para não aceitar as palavras de Rico — mas pareceu-me estranho que os agricultores de uma aldeia tão pe-

“Precisava de uma morte rápida, e tivera-a. O ogre debateu-se ainda uma vez e caímos juntos no chão. Afastei-me imediatamente, e o ogre moribundo recebeu o golpe da moca que o seu companheiro apontara para mim.”



quena, tão frequentemente assediada pelos muitos monstros daquela região selvagem, se dessem ao trabalho de preparar um julgamento por causa de um duende. As expressões hesitantes (ou seriam antes receosas?) dos outros agricultores, e especialmente de Tharman, também me deram que pensar, mas acabei por pôr de lado as aparentes reservas deles, considerando-as como apenas medo de que Nojheim regressasse com uma força maior e arrasasse a vulnerável aldeia.

— Não tenho pressa de chegar a Silverymoon — garanti-lhes. — Apanharei Nojheim e levá-lo-ei de volta a Pengallen amanhã.

Virei-me para me pôr a caminho, mas Rico agarrou-me por um ombro e fez-me virar para ficar cara a cara com ele.

— Vivo — rosnou.

Não gostei de ouvir isto. Nunca tive nenhum pejo em fazer justiça dura contra os duendes, mas o tom cruel de Rico parecia mostrar uma sede de vingança. Mesmo assim, não tinha razão nenhuma para duvidar das palavras do rude agricultor, nem nenhuma razão para ir contra o código de justiça aceite de Pengallen. Guenhwyvar e eu partimos imediatamente, seguindo para noroeste, e facilmente encontrando o rasto do fugitivo Nojheim.

A perseguição demorou mais do que eu esperara. Demos com os rastos de alguns orcs cruzando-se com os de Nojheim, e decidi que seria mais importante impedir esses orcs de regressarem ao seu covil, onde poderiam encontrar reforços. Encontrámo-los pouco depois; eram apenas três. Usando Taulmaril, esse arco tão formidável, acabei com os monstros à distância, com uma rápida sucessão de três disparos.

Depois, Guenhwyvar e eu tivemos de voltar para trás, para reencontrarmos o rasto de Nojheim, e mergulhámos de novo na escuridão. Nojheim mostrou ser um adversário inteligente, o que estava de acordo com a afirmação de Rico de que ele era um líder entre os da sua espécie desgraçada. O duende voltava para trás frequentemente e subia aos ramos mais altos e largos de árvores pelo caminho, descendo longe do trilho anterior e seguindo depois uma direcção diferente. Por fim, acabou por se dirigir ao rio, que era a única barreira que poderia derrotar qualquer perseguidor.

Foi preciso todo o meu treino de ranger e toda a ajuda dos sentidos felinos de Guenhwyvar para ganhar terreno antes que o duende atravessasse o rio para a segurança. Admito com toda a honestidade que se Nojheim não estivesse tão cansado e abatido pelas suas provações às mãos dos impiedosos agricultores, teria sido capaz de se nos escapar completamente.

Quando por fim chegámos à margem do rio, usei a minha capacidade inata — e comum nas raças do Subescuro — para ver objectos através do calor que emanam, e não da luz que reflectem. Depressa deparei com a aura quente de uma silhueta que avançava cautelosamente por um trilho rochoso, escolhendo cuidadosamente cada passo. Não confiando nas óbvias limitações da infravisão, em que as formas são indistinguíveis e os pormenores se revelam apenas como padrões de calor, ergui Taulmaril e larguei uma flecha que uivou na noite. Esta bateu numa pedra e desviou-se, atingindo a água do rio a apenas alguns centímetros mais à frente do duende, fazendo-o escorregar e mergulhar uma perna na corrente gelada. O brilho ofuscante de um reflexo prateado não deixou duvidas quanto à identidade do duende. Corri para o trilho de pedras.

Guenhwyvar passou a correr ao meu lado. Estava a meio caminho da passagem, correndo tão depressa quanto me atrevia, quando ouvi a pantera a rugir na escuridão mais adiante, e depois o duende a gritar de pânico.

— Quieta, Guenhwyvar! — gritei, não querendo que a pantera o desfizesse.

O leve e ligeiramente amarelado Nojheim estava caído no chão, sob o peso de fortes patas felinas, quando cheguei perto deles. Mandeí Guenhwyvar recuar, e no momento em que a pantera recuou, Nojheim rebolou e deitou as mãos às minhas botas, enrolando os braços longos e esguios, com as mãos ainda mostrando os restos das amarras de couro que as tinham prendido.

Quase lhe bati com o punho da cimitarra, mas, antes que conseguisse reagir, dei com o desgraçado Nojheim a beijar repetidamente as minhas botas.

— Por favor, meu bom amo! — suplicava o duende na sua irritante voz esganiçada, tão típica da sua espécie. — Por favor Oh, por favor! Nojheim não fugir. Nojheim com medo, medo de grandes e feios orcs com grandes mocas. Nojheim com medo.

Precisei de alguns momentos para recuperar a compostura. Depois, puxei o duende, fazendo-o pôr-se de pé, e mandei-o calar-se.

Ali de pé, olhando para baixo para a cara feia e achatada de Nojheim e para a sua testa proeminente, com aqueles olhos amarelos brilhantes e nariz plano, precisei de todo o meu auto-controlo para me conter e não puxar das armas. Sou um ranger, um protector das boas raças contras as muitas raças malévolas de Faerum, e entre essas raças malévolas os duendes estão entre os meus inimigos mais odiados.

— Por favor — repetiu o duende, numa súplica.

Afastei as armas, e a boca larga de Nojheim curvou-se num sorriso forçado, mostrando os muitos pequenos dentes afiados.

Nesta altura, era já quase de manhã, e eu queria partir imediatamente para Pengallen, mas Nojheim estava semi-congelado por ter caído ao rio. Consequia ver, pela dificuldade em se manter direito, que a perna encharcada do duende pouca ou nenhuma sensibilidade teria.

Como disse, não tenho nenhum apreço por duendes, e normalmente não lhes concedo piedade. Se Nojheim tivesse provocado um ataque à minha própria comunidade, teria lançado uma segunda flecha antes mesmo que ele tivesse retirado a perna da água do rio, acabando com o assunto imediatamente. Mas estava agora obrigado pela minha promessa aos agricultores, e por isso fiz uma fogueira para permitir ao duende que aquecesse o membro dormente.

As acções de Nojheim quando o apanhara continuaram a incomodar-me, e continuaram a fazer surgir interrogações na minha mente. Interroguei-o bem cedo na manhã seguinte, depois de libertar Guenhwyvar para regressar ao seu Plano Astral, para desencansar. O duende nada dizia. Limitava-se a fazer uma expressão resignada e desviava o olhar sempre que eu tentava dirigir-me a ele. «Pois que assim seja», disse então para mim mesmo. Não era da minha conta.

Mais tarde, ao fim do dia, chegámos a Pengallen; era um aglomerado de cerca de uma dúzia de casas de um só piso, de madeira, erguidas no meio de um campo plano que tinha sido desbastado das árvores vulgares, e rodeadas por uma alta paliçada. Os outros tinham chegado algumas horas antes e, aparentemente, Rico tinha avisado os dois homens que estavam de guarda ao portão da minha chegada iminente. Não me permitiram imediatamente a entrada, mas estavam longe de ser hostis, e por isso esperei. Rico chegou pouco depois ao portão. Parecia que tinha deixado ordens para que o chamassem ali quando eu chegasse.

A expressão do homem rude mudara muito desde a noite anterior. O queixo quadrado já não estava contorcido numa careta, revelando a alegria de Rico perante o desenrolar dos acontecimentos. Até mesmo os seus grandes olhos azuis pareciam sorrir enquanto olhava para mim e para o meu prisioneiro , com todas as linhas da sua rude face apontando para cima.

— Foste generoso na tua ajuda — disse-me Rico enquanto passava um laço de corda pelo pescoço de Nojheim, da mesma forma como alguns em cidades mais populosas prendem os seus cães. — Sei que tens assuntos a tratar em Silvery-moon, por isso deixa-me assegurar-te que tudo está bem agora em Pengallen, mais uma vez — tive a clara impressão de que estava a ser mandado embora sumariamente. — Por favor, toma uma refeição na nossa estalagem — acrescentou Rico rapidamente, convidando-me a passar pelo portão aberto. Teria a minha expressão de espanto sido tão óbvia? — Uma refeição e uma bebida — acrescentou o homem alegremente. — E diz ao estalajadeiro, Aganis, que pago eu.

A minha intenção tinha sido entregar o prisioneiro e partir imediatamente, tentando partir cedo para Silverymoon. Estava ansioso por ver a maravilhosa cidade sobre o rio Rauvin, por caminhar livremente com a bênção da Senhora Governante pelas belas alamedas sinuosas, visitar os muitos museus e a biblioteca sem rival. Mas os meus instintos disseram-me que entrasse e aceitasse aquela refeição. Havia alguma coisa em todo este cenário que não batia certa.

Aganis, um homem redondo como um barril, de espessas barbas e sorriso pronto, ficou deveras impressionado por ver um elfo negro entrar no seu estabelecimento, que era um grande edifício de dois pisos erguido a meio da parede mais recuada da povoação. O local servia de estalagem, de posto comercial e para uma série de outras funções públicas. Assim que ultrapassou a primeira reacção — e penso que aterrorizado é a única expressão que descreve adequadamente a expressão dele — mostrou-se muito ansioso por me agradar, pelo menos a avaliar pelas enormes porções de comida que me pôs à frente; porções muito maiores do que as de um agricultor que estava sentado não muito longe de mim, ao fim do balcão.

Deixei passar a óbvia adulação sem comentar. Tinha sido uma longa noite e eu estava com fome.

— Então tu é que és o Drizzit Do’Urden? — perguntou o agricultor do fundo do balcão.

Era um homem já de idade, com cabelos branco e ralo e um rosto marado que vira incontáveis dias debaixo do sol.

Aganis empalideceu ao ouvir a pergunta. Terá pensado que eu me ofenderia com a pergunta e lhe despedaçaria o estabelecimento?

— Drizzt — corrigi, olhando para o homem.

— Jack Timberline — disse o homem.

Estendeu-me a mão, e depois encolheu-a de novo, limpando-a à camisa, antes de a voltar a estender. — Ouvi falar de ti, *Drizzt* — e teve especial cuidado em pronunciar bem o nome. E admito que me senti um pouco envaidecido. — Dizem que és um ranger.

Aceitei o aperto de mão firme, e sorri abertamente, tenho a certeza.

— Digo-te já, Drizzt — e mais uma vez, especial cuidado em pronunciar bem o nome — Não me importa nada a cor da pele de cada um. Ouvi falar de ti, ouvi muitas coisas boas acerca do que tu e os teus amigos fizeram em Mithril Hall.

O elogio do homem era um pouco condescendente, e o pobre Aganis empalideceu mais uma vez. Mas não me ofendeu, e aceitei a falta de jeito de Jack como falta de experiência. O cumprimento fora, na verdade, até bastante considerado, contra tantos outros que recebi desde que vim para o mundo da superfície — e muitos outros que recebi na ponta de uma espada desembainhada.

— Foi bom os anões terem reclamado as suas grutas — concordei.

— Tal como foi bom teres passado perto do grupo de Rico — acrescentou Jack.

— Tharman era hoje de manhã um homem feliz — interviei o nervoso estalajadeiro.

Isto parecia-me normal, e é preciso que o leitor compreenda que estava habituado a que as coisas fossem tudo menos normais nos meus encontros com as várias raças da superfície.

— Apanhaste o escravo de Rico? — perguntou Jack secamente.

A última garfada de comida que tinha metido na boca recusou-se subitamente a descer pela garganta.

— Nojheim — explicou Jack. — O duende.

Eu vira a escravidão em toda a

sua brutalidade em Menzoberranzan, cidade do meu nascimento. Os elfos negros mantinham muitos escravos de muitas raças, obrigando-os a trabalhar brutalmente até deixarem de ter préstimo, e depois torturando-os, chacinando-os, retalhando-lhes os corpos da mesma forma como lhes tinham destruído os espíritos. Sempre sentira a escravidura como um acto dos mais repulsivos, mesmo quando praticado contra as chamadas raças irrecuperáveis, como duendes e orcs.

Acenei em sinal de resposta a Jack, mas a minha súbita careta fez o homem retrair-se. Aganis limpou nervosamente o mesmo prato por várias vezes, enquanto me olhava fixamente e, ocasionalmente, limpava o suor da testa com o avental.

Terminei a refeição sem muito mais conversa, a não ser para averiguar, de forma inocente, qual era a casa de Rico. Não queria respostas destes dois. Queria ver por mim mesmo o que tinha feito.

Estava junto à vedação da casa de Rico ao anoitecer. A casa era uma simples estrutura de troncos e traves, com lama colocada nas fendas para impedir a entrada do vento e um telhado inclinado para suportar as neves do inverno. Nojheim andava ocupado com as suas tarefas — sem correntes a prendê-lo, notei —, mas não havia mais ninguém à vista. Vi, contudo, as cortinas de uma janela mexerem-se por algumas vezes. Rico, ou alguém da sua família, estava provavelmente de olho no duende.

Depois de acabar de tratar de uma cabra amarrada perto da casa, Nojheim observou o céu que escurecia e dirigiu-se ao pequeno celeiro, que pouco mais era do que uma barraca, a pouca distância da casa. Através dos muitos buracos e fendas desta estrutura rudimentar, vi a luz de um fogo a surgir uns momentos depois.

Que seria aquilo? Não conseguia que tudo aquilo encaixasse. Se Nojheim tinha inicialmente vindo a Pengallen como líder de um grupo de salteadores, porque tinha então tanta liberdade de movimentos? Podia pegar num pedaço de madeira em brasa daquela fogueira que tinha acendido no celeiro e pegar fogo à casa principal.

Decidi não procurar as minhas



respostas junto de Rico — decidi, porque sabia no fundo do coração o que se estava a passar, que não poderia obter as minhas respostas dele.

Nojheim recomeçou as suas súplicas e choraminguices assim que entrei nas sombras do pequeno celeiro mal iluminado.

— Por favor, oh, por favor! — lamuriava-se na sua voz esganiçada de duende, com a gorda língua a estalar contra os lábios.

Afastei-o secamente, e a minha ira devia ser bastante óbvia, porque Nojheim ficou subitamente quieto do outro lado da fogueira, à minha frente, a olhar fixamente para as chamas amarelas e laranja.

— Porque não me disseste?

Olhou para mim com curiosidade, e a expressão do rosto do duende era uma imagem clara de resignação.

— Lideraste algum ataque de salteadores contra Pengallen? — insisti.

Voltou a olhar para as chamas, com a cara incrivelmente contorcida, como se essa pergunta não devesse sequer ser justificada com uma resposta. E acreditei nele.

— Então, porquê? — perguntei, inclinando-me para o agarrar por um ombro e forçá-lo a olhar-me de frente. — Porque não me contaste a razão para Rico te querer de volta?

— Dizer-te? — espantou-se. O sotaque duende desapareceu de repente. — Um duende contar a Drizzt Do’Urden os seus males? Um duende a apelar à compaixão de um ranger?

— Sabes o meu nome?!

Pelos deuses, até o pronunciara correctamente!

— Já ouvi muitas histórias grandiosas de Drizzt Do’Urden, e de Bruenor Battlehammer e da luta pela reconquista de Mithril Hall — respondeu. E, mais uma vez, o domínio que tinha das inflexões correctas da língua era espantoso. —É assunto corrente entre os agricultores dos vales inferiores, todos eles esperançados em que o novo rei anão se mostre generoso com a sua abundante riqueza.

Sentei-me de novo mais afastado dele. Nojheim continuava a olhar distraidamente para as chamas, de olhos baixos. Não sei exactamente quanto tempo passou em silêncio. Nem sequer sei o que estava eu a pensar.

Mas Nojheim era intuitivo. Ele sabia.

— Aceito o meu destino — respondeu à minha pergunta muda, embora houvesse pouca convicção na voz.

— Não és um duende vulgar.

Nojheim cuspiu para o fogo.

— Nem sequer sei se sou mesmo um duende — respondeu.

Se estivesse a comer nessa altura, ter-me-ia engasgado pela segunda vez.

— Não sou como nenhum outro duende que alguma vez tenha conhecido — explicou com uma garalhadinha de impotência. «Sempre resignado», pensei. «Algo tão típico da situação em que se encontra». — Até a minha mãe matou o meu pai e a minha irmã mais nova — estalou os dedos para trocar do argumento seguinte, para acentuar o sarcasmo que tinha na voz: — Mereceram-no, pelos padrões duendes, porque não tinham partilhado devidamente a ceia com ela.

Nojheim calou-se e abanou a cabeça. Fisicamente, era de facto um duende, mas eu conseguia ver já, pela sinceridade do tom da sua voz, que era muito diferente em temperamento dos da sua malévola raça. Esse pensamento abalou-me muito. Nos meus anos como ranger, nunca parara para me interrogar sobre as minhas acções contra duendes, nunca refreara as minhas cimitarras o suficiente para determinar se algum deles poderia eventualmente ser um tipo diferente do que aquilo que eu sempre conhecera como típico das criaturas normalmente malévolas.

— Devias ter-me dito que eras escravo — repeti.

— Não tenho orgulho nesse facto.

— Porque ficas aqui? — perguntei, embora adivinhando imediatamente a resposta.

Também eu em tempos fora escravo, um cativo de malévolos leitores de mentes, criaturas de entre as mais malignas do Subescuro. Não há condição mais paralisante, nenhum tormento mais profundo.

Na minha terra natal, vira um contingente de seiscentos orcs mantidos sob controlo por não mais do que seis soldados drow. Se tivessem reunido coragem em comum, esses orcs poderiam seguramente ter destruído os seus guardas. Mas

ainda que a coragem não seja a primeira coisa a ser roubada a um escravo, está certamente entre as mais importantes.

— Não mereces este destino — disse eu, mais suavemente.

— Que sabes tu disso? — perguntou Nojheim.

— Sei que está errado — respondi. — Sei que alguma coisa deve ser feita.

— E eu sei que seria pendurado pelo pescoço se tentasse fugir — respondeu-me secamente. — Nunca fiz mal a ninguém, nem a coisa nenhuma. Nem tenho desejo de fazer mal a ninguém. Mas isto foi o que me calhou em sorte na vida.

— Não estamos presos pela nossa raça — disse-lhe, encontrando finalmente alguma convicção ao relembrar o meu próprio e longo percurso desde os costumes negros de Menzoberranzan. — Disseste que tens ouvido histórias sobre mim. Serão essas histórias aquilo que poderias esperar de um elfo negro?

— És drow, não és duende — disse ele, como se isso explicasse tudo.

— Usando as tuas próprias palavras, estás tão perto dos duendes como eu estou dos drow — lembrei-lhe.

— E quem consegue ver isso? — respondeu ele com um encolher de ombros, num gesto de impotência que me feriu profundamente. — Devo dizer a Rico que não sou um duende de alma e coração, mas apenas vítima de um destino impiedoso? Julgas que me acreditaria? Julgas que esse tipo de compreensão está ao alcance desta gente simples? — Tens medo de tentar? — perguntei.

— Sim! — a intensidade da resposta era surpreendente. — Não sou o primeiro escravo de Rico — prosseguiu ele. — Já teve duendes, orcs e, em tempos, até um bugbear. Tem prazer em forçar os outros a fazerem o trabalho dele, percebes? No entanto, quantos desses outros escravos viste quando chegaste à propriedade de Rico, Drizzt Do’Urden?

Ele sabia que eu não tinha visto mais ninguém, e não fiquei surpreendido pela explicação. Começava agora a odiar este Rico Pengallen mais do que apenas um bocadinho.

— Rico acabou com eles — prosseguiu Nojheim. — Perderam a capacidade para sobreviver. Per-

deram a utilidade. Reparaste naquele poste enorme ao lado do portão principal?

Estremeci ao pensar nas coisas para que aquele poste poderia ter sido usado.

— Estou vivo, e vou manter-me vivo — declarou Nojheim. Depois, pela primeira vez, o determinado duende permitiu-se baixar a guarda, com a expressão desolada a trair as suas palavras.

— Desejavas que os ogres salteadores te tivessem morto — disse eu. E ele não argumentou em contrário.

Por mais algum tempo, ficámos sentados em silêncio, um silêncio que pesava fortemente sobre ambos. Sabia que não poderia deixar esta injustiça prosseguir sem fazer nada, que não seria capaz de virar costas a alguém — nem mesmo sendo um duende — que tão obviamente precisava de ajuda. Considerei os caminhos que tinha diante de mim e cheguei à conclusão de que para verdadeiramente remediar esta injustiça teria de usar toda a influência que pudesse. Tal como a maioria das aldeias agrícolas da região, Pengallen não era uma comunidade independente. As pessoas dali estavam sob a protecção geral — e, por isso, sob a lei superior — das cidades maiores da vizinhança. Poderia apelar a Alustriel, que governava Silverymoon, e a Bruenor Battlehammer, o rei mais próximo e meu querido amigo.

— Talvez um dia eu arranje forças para enfrentar Rico — disse Nojheim inesperadamente, acordando-me das minhas conjecturas. Recordo-me vivamente das palavras seguintes dele: — Não sou um duende corajoso. Prefiro viver, ainda que muitas vezes me interrogue sobre o que vale a minha vida verdadeiramente.

O meu pai poderia ter dito essas mesmíssimas palavras. O meu pai, Zaknafein, era também ele um escravo, embora um escravo de um tipo diferente. Zaknafein vivia bem em Menzoberranzan, mas detestava os elfos negros e os seus usos cruéis. Mas não via maneira de escapar, nem caminho para fora da cidade drow. Por falta de coragem, vivera a sua vida como guerreiro drow, sobrevivera seguindo os mesmos códigos que lhe eram tão repelentes.

Tentei lembrar a Nojheim mais uma vez que eu escapara a um destino semelhante, que saíra de uma situação desesperada. Expliquei que tinha viajado entre povos que seguramente me odiavam e me recebavam devido à reputação da minha raça.

— És drow, não és duende — respondeu-me de novo, e desta vez eu comecei a perceber o significado por detrás das palavras dele. — Eles nunca entenderão que não sou mau no coração, como os outros duendes. Nem mesmo eu entendo isso!

— Mas acreditas — disse eu com firmeza.

— E devo dizer-lhes que este duende não é de má índole?

— Isso mesmo! — argumentei. Parecia-me bastante razoável, a mim. Pensei que tinha encontrado a aberta que procurava.

Nojheim fechou prontamente essa via, e rapidamente me ensinou algo sobre mim próprio e sobre o mundo que eu nunca antes tinha tido em conta.

— Qual é a diferença entre nós? — insisti eu, esperando que ele visse a forma como eu entendia a verdade.

— Julgas-te perseguido? — perguntou o duende. Os seus olhos amarelos semicerraram-se, e soube que ele pensava que estava ser arguto.

— Já não aceito essa definição, tal como já não aceito a perseguição — declarei. O meu orgulho intrometera-se subitamente no caminho para a compreensão de onde aquele pobre desgraçado queria chegar. — As pessoas que façam os seus juízos, mas eu já não aceito as suas conclusões injustas.

— Mas lutas contra aqueles que te fazem mal? — perguntou Nojheim.

— Contrário-os, ignoro-os, e sei no fundo do coração que estou certo nas minhas convicções.

O sorriso de Nojheim revelava ao mesmo tempo uma felicidade sincera por eu ter encontrado o meu caminho, e uma tristeza mais profunda — por ele próprio, como depois percebi.

— As nossas situações não são iguais — insistiu. Comecei a protestar, mas ele calou-me com um gesto da mão. — És um drow; exótico, para além das experiências da grande maioria das pessoas que encontras.

— Quase toda a gente no mundo da superfície ouviu contar histórias terríveis dos drow — tentei argumentar.

— Mas nunca lidaram directamente com elfos drow! — respondeu Nojheim secamente. — Para eles, és um ser estranho, e estranhamente belo, até mesmo pelos padrões de beleza deles. Tens feições agradáveis, Drizzt Do'Urden, e uns olhos penetrantes. Até mesmo a tua pele, tão negra e lustrosa, tem de ser considerada bela pela gente do mundo da superfície. Enquanto eu sou um duende, um feio duende, no corpo, se não no espírito.

— Se mostrares a verdade desse espírito...

O riso de Nojheim troçou dos meus argumentos.

— Mostrar-lhes a verdade? Uma verdade que os levaria a questionar aquilo que souberam durante todas as suas vidas? Terei de ser um espelho negro das suas consciências? Esta gente, incluindo Rico, matou muitos duendes; e provavelmente com razão — acrescentou rapidamente. E esse esclarecimento explicou-me tudo o que Nojheim estava a tentar meter-me pelos olhos dentro.

Se estes agricultores, muitos dos quais tinham frequentemente lutado contra duendes, e outros que os tinham mantido como escravos, descobrissem apenas uma criatura que não se encaixasse nas suas definições da malévola raça, apenas um duende que mostrasse consciência e compaixão, intelecto e um espírito próximo do seu, isso poderia lançar todas as suas existências no caos. Eu próprio me sentia como se tivesse levado uma bofetada na cara ao saber da verdadeira índole de Nojheim. Só devido à minha própria experiência com os meus parentes elfos negros, cuja esmagadora maioria merecia bem a reputação de malévolos, conseguira ultrapassar essa confusão e culpa iniciais.

Estes agricultores, porém, poderiam não compreender tão facilmente Nojheim. Decerto o receariam, e o odiariam ainda mais.

— Não sou corajoso — repetiu Nojheim. E embora discordando, mantive esse pensamento para comigo.

— Virás comigo — disse-lhe. — Esta noite. Regressaremos a oeste, para Mithril Hall.

— Não!

Olhei para ele, mais magoado do que confuso.

— Não quero voltar a ser perseguido — explicou. E supus, pelo olhar perdido e doloroso, que ele estava a recordar a primeira vez que Rico o perseguira.

Não podia obrigar Nojheim a obedecer-me, mas também não podia deixar que esta injustiça perdurasse. Deveria confrontar Rico abertamente? Havia implicações, potencialmente graves, nessa opção. Não sabia quais os poderes maiores a que Pengallen obedecia. Se esta aldeia estivesse sob a protecção de alguma cidade que não fosse conhecida pela sua tolerância, como Nesme, a sul e oeste, então os actos que eu iniciasse contra os seus cidadãos poderiam criar sarilhos entre essa cidade e Mithril Hall, já que eu era, para todos os efeitos, um emissário de Bruenor Battlehammer.

E assim deixei Nojheim. De manhã consegui arranjar um bom cavalo e segui a única via que me restava em aberto. Decidi que iria primeiro a Silverymoon, dado que Alustriel estava entre os mais respeitados governantes de toda a região. Depois, se necessário, apelaria ao forte sentido de justiça de Bruenor.

Decidi também, nesse momento, que se nem Alustriel nem Bruenor agissem em defesa de Nojheim, tomaria o assunto nas minhas mãos — fosse qual fosse o preço a pagar.

Demorei três dias de dura cavalgada para chegar a Silverymoon. A saudação junto ao Moorgate, no lado ocidental da cidade, foi invulgarmente educada, com os guardas a darem-me as boas vindas com todas as bênçãos da Senhora Alustriel. Era Alustriel que eu precisava de ver, disse-lhes; e responderam-me que a Senhora de Silverymoon estava fora da cidade, a tratar de negócios em Sundabar, a leste. Não regressaria antes de quinze dias.

Eu não podia esperar, e por isso despedi-me dos guardas, explicando que regressaria daí a um ou dois dez-dias. Depois parti de novo, regressando pelo mesmo caminho. Teria de ser Bruenor a entrar em acção.

A viagem de regresso foi ao mesmo tempo agradável e atormentada. A saudação que recebera em Silverymoon, tão diferente do que me habituara a esperar, dera-me uma esperança quase ansiosa de que os males do mundo poderiam ser derrotados. Ao mesmo tempo, sentia-me como se tivesse abandonado Nojheim, sentia-me como se o meu desejo de seguir as regras adequadas fosse um rumo cobarde. Deveria ter insistido para que o duende me acompanhasse, deveria ter retirado Nojheim da sua situação dolorosa e depois tentado resolver a situação diplomaticamente.

Cometi erros na minha vida, e sabia que

tinha cometido um neste caso. Dirigi-me de regresso a Pengallen, em vez de ir directamente para a corte de Bruenor em Mithril Hall.

Dei com Nojheim pendurado no poste de Rico.

Há acontecimentos que tenho gravados para sempre na memória, como que congelados. Sentimentos que geram uma aura mais forte, uma recordação viva e duradoura. Lembro-me do vento nesse momento horrível. O dia, pesado de nuvens baixas e escuras, estava estranhamente quente, mas o vento, quando surgia em rajadas, trazia uma mordedura gelada, vindo das altas montanhas e trazendo consigo a sensação das Neves densas. Esse vento estava por trás de mim, e os meus cabelos longos e brancos batiam-me na cara, e a minha capa pressionava-me as costas com força, enquanto me mantinha sentado na sela e olhava impotente para o alto poste onde Nojheim estava pendurado.

As rajadas de vento faziam que o corpo de Nojheim, hirtó e inchado, balouçasse ligeiramente, com o cadeado que fechava a corda que o prendia a ranger num protesto lúgubre, impotente.

Para sempre o verei assim.

Ainda nem tinha avançado para descer o pobre duende dali quando Rico e vários

outros dos seus comparsas rudes, todos armados, saíram da sua casa para virem ao meu encontro — para me desafiares, julguei eu. Ao lado deles vinha Tharman, sem armas, e com uma expressão desolada.

— O maldito duende tentou matar-me — explicou Rico.

E, por um momento breve, acreditei nele, receando que tivesse sido eu a levar Nojheim a cometer um erro fatal. Enquanto Rico prosseguia, porém, afirmando que Nojheim o atacara em plena luz do dia, diante de uma dúzia de testemunhas, percebi que tudo não passava de uma mentira elaborada. As testemunhas não passavam de comparsas numa conspiração sórdida.

— Não há razão para ficares incomodado — prosseguiu Rico, com um sorriso matreiro que respondia a todas as minhas perguntas acerca do assassinio. — Já matei muitos duendes — acrescentou rapidamente, mudando ligeiramente de sotaque. — E provavelmente com toda a razão para isso.

Porque teria Rico usado a palavra «provavelmente»? Depois, percebi que tinha ouvido essas mesmas palavras ditas pouco antes, exactamente da mesma maneira. Ouvira Nojheim dizê-las e, obviamente, Rico também as ouvira! Os receios que o duende exprimira nessa noite surgiram-me subitamente como terrivelmente justificados.

O ANTIGO PATRÃO QUER MATÁ-LA.
O MAIOR CRIMINOSO DA CIDADE QUER MATÁ-LA.
A VAMPIRA COM QUEM DIVIDE O APARTAMENTO
QUER MORDER-LHE O PESCOÇO.
PARECE QUE RACHEL MORGAN É...

uma bruxa em apuros

Todas as criaturas das trevas se reúnem na cidade de Hollows para se esconder, festejar... e comer. As longas noites são dominadas por vampiros num mundo de predadores que se caçam uns aos outros sem piedade.

A jovem e sexy Rachel Morgan é caçadora de prémios por profissão e bruxa por vocação. A sua obrigação é manter Hollows minimamente civilizada. Vagueando pelas ruas da cidade, Rachel persegue criaturas sobrenaturais que cacem os habitantes mais inocentes e vulneráveis.

Mas quando a noite esconde os maiores pesadelos imagináveis, uma personalidade forte e uma mão cheia de feitiços podem não ser suficientes para sobreviver. A não ser, claro, que Rachel Morgan seja mais do que aparenta ser...



DIA 4 DE MARÇO,
ESTA BRUXA VAI ENFEITIÇAR-TE

Quis desembainhar as cimitarras e saltar do cavalo, abater Rico e afastar quem quer que pretendesse ajudar aquele assassino.

Tharman olhou para mim, viu perfeitamente as minhas intenções, e abanou a cabeça, lembrando-me silenciosamente que não havia nada que as minhas armas pudessem fazer que trouxesse algum bem a alguém, incluindo Nojheim.

Rico continuou a falar, mas eu já não o ouvia. Que alternativas tinha? Não podia esperar que Alustriel, ou mesmo Bruenor, tomassem alguma atitude contra Rico. Nojheim, segundo todas as evidências, era simplesmente um duende, e mesmo que eu conseguisse por alguma forma mostrar outra face, mesmo que pudesse convencer Alustriel ou Bruenor de que esse duende era um ser pacífico e injustamente perseguido, não poderiam agir. O motivo é o principal factor determinante de um crime, e para Rico e para a gente de Pengallen, Nojheim, apesar de tudo o que pudesse afirmar, continuava a ser apenas um duende. Nenhum tribunal da região, onde batalhas sangrentas contra duendes ainda eram bastante comuns, onde quase toda a gente perdera pelo menos um dos seus contra estas criaturas, poderia dar estes homens como culpados de lincharem Nojheim, de matarem um monstro.

Eu ajudara a provocar este incidente. Tinha recapturado Nojheim e devolvera-o a Rico — mesmo tendo pressentido na altura que alguma coisa estava errada. E depois insinuara-me na vida do duende mais uma vez, e inculcava-lhe pensamentos perigosos.

Rico ainda estava a falar quando desci da minha montada, pus Taulmaril ao ombro e parti para Mithril Hall.

Pôr-do-sol. Mais um dia que se rende à noite, enquanto me empoleiro aqui na encosta da montanha, não muito longe de Mithril Hall. O mistério da noite começou, mas saberá Nojheim a verdade de outro mistério maior? Muitas vezes me interrogo sobre aqueles que partiram antes de mim, que já descobriram aquilo que eu só poderei saber no momento da minha morte. Estará Nojheim melhor agora do que estava como escravo de Rico?

Se a vida para além da morte for uma vida em justiça, então decerto estará melhor. Tenho de acreditar que isso seja verdade, mas continua a magoar-me saber que desempenhei um papel na morte invulgar do duende, tanto ao capturá-lo como ao ir ter com ele mais tarde, inculcando-lhe esperanças que ele não se podia dar ao luxo de alimentar. Não me poderei esquecer que

abandonei Nojheim, por muito boas que fossem as minhas intenções. Parti para Silverymoon e deixei-o vulnerável; deixei-o entregue a uma dor injusta.

E assim aprenderei com o meu erro.

A partir de agora, não mais ignorarei a injustiça. Se um dia der com alguém com o mesmo espírito de Nojheim e em perigo como Nojheim, então que o seu malvolo senhor trema. Que os poderes da lei da região avaliem depois as minhas acções e me exonerem, se essa for a percepção que tiverem do rumo correcto. Se não... Não importa. Seguirei o meu coração. **BANG!**



R. A. Salvatore é conhecido pelos seus romances da série Forgotten Realms. O seu primeiro romance, "The Crystal Shard", foi publicado em 1988, ao qual se seguiram várias trilogias, alcançando a popularidade com a sua criação de uma das personagens mais famosas da fantasia, o elfo negro Drizzt Do'Urden. Salvatore vive em Massachusetts, EUA, com a mulher e três filhos.



PASSATEMPO FNAC

R.A. SALVATORE
O ELFO NEGRO
PÁTRIA

300 LIVROS, 5 SEMANAS, 5 PERGUNTAS
PARTICIPA NA PÁGINA DO FACEBOOK
DA FNAC PORTUGAL

**A FNAC OFERECE-TE LIVROS
DO ELFO NEGRO – PÁTRIA**

A PARTIR DE 1 DE MARÇO, DURANTE 5 SEMANAS,
VAMOS OFERECER 60 LIVROS PÁTRIA ÀS PRIMEIRAS 60 PESSOAS
QUE RESPONDEREM CERTO A UMA PERGUNTA, POR DIA, SOBRE O CONTO **ESPELHO NEGRO**

PARTICIPA NA PÁGINA DO FACEBOOK DA FNAC PORTUGAL



Nas profundezas da terra e rodeada de trevas eternas, esconde-se a imensa cidade proibida de Menzoberranzan. Habitada pelos drow, os temidos elfos negros, Menzoberranzan é governada por um complexo sistema de Casas em constante batalha. No meio de uma dessas batalhas nasce uma criança com olhos de cor púrpura.

A criança, Drizzt Do'Urden, destinada a tornar-se príncipe de uma das Casas, cresce num mundo vil onde a sua própria família não hesita em conspirar, trair e assassinar. Surpreendentemente, Drizzt desenvolve um sentido de honra e justiça completamente estranho à sua cidade. Mas haverá lugar para ele num mundo onde a crueldade é a maior virtude?

*Pátria apresenta-lhe Drizzt,
uma das personagens mais lendárias da fantasia.*

Acompanhe-o na épica e intrépida jornada para longe de um mundo onde não tem lugar... em busca de outro, na superfície, onde talvez nunca o aceitem.



NASCIDO NA CIDADE MAIS CRUEL DO MUNDO,
DRIZZT VAI TER DE SOBREVIVER



OS SEUS OLHOS PÚRPURA DISTINGUEM-NO
DE TODOS OS DA SUA RAÇA



E O MANEJO EXÍMIO DAS CIMITARRAS
TORNA-O NUM GUERREIRO INVENCÍVEL



**APROVEITE A PROMOÇÃO
DE LANÇAMENTO DE PÁTRIA:**
NA COMPRA DE 1 VOLUME,
RECEBA OUTRO GRÁTIS PARA
OFERECER A ALGUÉM ESPECIAL

**COLEÇÃO
BANG!**

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

OS LIVROS DAS MINHAS VIDAS

TEXTO DE
DAVID SOARES

Para ser sincero, um convite para falar sobre os livros da minha vida soa como o som trítionocárpico das falanges da mão da morte a bater-me à porta, pois se a invitation se refere aos livros da minha vida, então tenho de aceitar que ela está perto do fim e não vou ter tempo de ler mais nenhum título: mortis en solatium. Talvez. De qualquer das formas, os livros da minha vida – no mínimo da que vivi até este momento; e no limite até ao final da escrita deste texto – não são apenas os livros que eu li, mas aqueles que escrevi. De uma forma ou de outra, os livros são uma parte muito importante da minha vida, porque a leitura e a escrita são duas ocupações às quais devoto a maioria das horas. No início deste parágrafo empreguei o verbo “falar”, porque é isso mesmo que estou a fazer convosco: a contar-vos um bocadinho de que é feita a minha experiência com os livros. Apenas um bocadinho – é, somente, uma precaução da minha parte, de modo a evitar a insolvência de memórias e garantir que me sobra algo sumarento para pagar ao barqueiro, porque o maior pecado que se pode cometer, mesmo depois de morto, é o da negligência.

Aprendi a ler com a banda desenhada “Donald e as Formigas”, de Carl Barks, publicada em Portugal pela Editora Abril/Morumbi no número 1500 da série quinzenal “Pato Donald”. Decorria o ano de 1981, e eu, sentado no sofá da sala de estar da casa dos meus pais, observava com atenção as vinhetas e tentava decifrar as palavras



contidas nos balões. Então, num momento inesquecível, que eu só posso comparar com o acender de uma luz dentro da minha cabeça, as personagens deixaram de falar para os balões e começaram a falar para mim: compreendi que não estava a inventar os diálogos, como costumava fazer, mas a ventriloquar as verdadeiras vozes das personagens – estava a ler. O mérito foi, também, da minha mãe, porque ela mantinha a rotina de sentar-se comigo para me ler histórias; do Pato Donald, mas também do Mickey, do Musti e do Petzi. Ela ensinava-me a sonoridade das letras e como elas se harmonizavam e esses ensinamentos fizeram com que eu aprendesse a ler sozinho. Essa conquista primeva de infância foi um dos momentos mais importantes da minha vida, porque aprendi a lidar com palavras antes de ser capaz de me desembaraçar sozinho na casa de banho. Se a vida e a morte são um único movimento circular, prefiro, em simetria, no meu último leito, seja ele qual for, perder a elasticidade entérica em vez da elasticidade da imaginação. Por tudo isso, de modo inexcusável, esse número 1500 do “Pato Donald”, com uma capa que, à distância, me evoca até a heteronímia pessoana na multifaria de Donalds diferentes que a decoram, é um dos livros da minha vida.

Outra memória mucípara, resgatada desses tempos das criancices, prende-se com “O Grande Livro do Maravilhoso e do Fantástico”, publicado pelas Selecções do Reader’s Digest, em 1977. Descobri-o em casa de uns tios, em me-

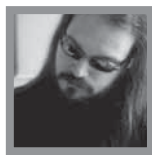
ados da década de oitenta, e fiquei apaixonado pelos relatos assustadores que continha: vampiros, fantasmas, assassinos em série, exploradores do passado e do futuro, demónios e bruxas, monstros humanos, invenções fabulosas, extraterrestres, animais quiméricos... No final dessas visitas, os meus pais vinham resgatar-me do meu refúgio chegado à varanda, onde me sentava com o livro no colo, e eu, mais desconsolado que Jeremias, tinha que me separar dele. Passados poucos anos, em outra visita, convenci os meus tios a emprestarem-mo. (É claro que ainda o tenho.) Muito, muito, muito texto desse livro saboreei ao longo de tardes que pareciam imensas, enquanto comia bolachas Catairas da Triunfo, com os signos do Zodíaco, barradas com manteiga. Acho que aquilo que esse livro me mostrou foi que era possível as maravilhas e as monstruosidades existirem no mesmo mundo: uma histonómia excêntrica, composta de sofisticação cosmopolita e folclore medonho. Também é um livro que, de certo modo, me influenciou a ser céptico, porque apresenta inúmeras secções que desmistificam historietas e lugares-comuns da História: verbetes que eu acho fascinantes. A mistura de proto-esoterismo, História, ciência e fantasia abarcada pelo “O Grande Livro do Maravilhoso e do Fantástico” faz dele, sem dúvida, outro dos livros da minha vida.

A memória é a única língua com a qual podemos falar com os mortos e os sonhos são os únicos lugares em que os podemos encontrar; às vezes, perder alguém é perder

uma âncora que nos agarrava a um determinado local e encontrar o pé, novamente, dá trabalho, mas encontrá-lo é preciso. O terceiro livro da minha vida que me lembrei de vos falar é um pequeno volume, que estava na casa do meu avô, e que se chama “Doenças dos Bichos” de Nogueira de Araújo, publicado pelo Ministério da Educação Nacional, em 1973. O subtítulo é “Memórias de um Veterinário Rural” e consiste num comedido compêndio no qual as informações zooterapêuticas são veiculadas através de histórias ilustradas. Não faço ideia porque é que os meus avós tinham esse livro, mas sempre o achei hipnotizante; em especial, a ilustração de um cavalo infectado com tétano, acompanhada pelo retrato detalhado do bacilo anaeróbio responsável. Lembro-me de passar uma tarde de Sábado em casa dos meus avós a ler o “Doenças dos Bichos” e a desenhar o Homem Elefante, do filme homónimo de David Lynch, que passara à noite nessa semana. Lembro-me desse desenho: era uma criatura careca e deformada, com mãos minúsculas e olhos tão esbugalhados quanto os do Cão Grande do conto fantástico de Andersen – muito diferente do protagonista da película, mas era assim que eu achava que um verdadeiro Homem Elefante deveria ser. Com curiosidade, procurava no “Doenças dos Bichos” a sua estranha patologia, que um vizinho que estava de visita erroneamente me disse ser elefantíase.

Os livros da minha vida são, também, como indica o título desta rubrica, os das minhas vidas, porque as pessoas que fui quando os li e quando os escrevi são um pouco diferentes da que sou neste instante. Porém, tanto uns como os outros são melhores que os sonhos em que podemos visitar os nossos mortos, porque basta tirá-los das estantes para conversarmos com versões mais jovens, mais optimistas

e mais ousadas de nós próprios. Versões que já morreram, evidentemente, mas é mantendo essas presenças do passado na biblioteca que construímos carácter e perduramos no tempo. Escrever é trancar a porta pela qual a morte quer entrar, mas ler é abrir janelas. **BANG!**



David Soares é autor dos romances “O Evangelho do Enforcado”, que conta a história dos famosos painéis de São Vicente de Fora, “Lisboa Triunfante”, uma história mágica sobre a capital portuguesa, e “A Conspiração dos Antepasados”, sobre o encontro do poeta Fernando Pessoa com o mago inglês Aleister Crowley. Publicou três livros de contos, cinco álbuns de banda desenhada e um livro de ensaio literário sobre bd. Na sua carreira como autor de bd (publicado em França e em Espanha), foi premiado com dois troféus para Melhor Argumentista Nacional e uma bolsa de criação literária, atribuída pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas e pelo Ministério da Cultura. Colabora, regularmente, em diversas antologias literárias, relacionadas com o género Fantástico e é considerado pela crítica especializada nesse género como sendo o melhor autor português de literatura fantástica. Em 2009, viu um excerto do seu romance “Lisboa Triunfante” ser publicado na revista literária polaca Lampa, uma edição do Instituto Camões na Polónia, junto de excertos de outros autores portugueses como José Saramago, Gonçalo M. Tavares e Lídia Jorge. Também trabalha como tradutor, tendo assegurado a tradução de obras de autores como Alan Moore, Jack Dann e Philip K. Dick. Escreve quase todos os dias no weblog: cadernosdedaath.blogspot.com.

AS LEITURAS DO CORVO
asleiturasdocorvo.blogspot.com

A SACERDOTISA DA LUZ
TRUDI CANAVAN

★★★★★



Descrições soberbas, um sistema complexo e personagens marcantes são a grande força de *A Sacerdotisa da Luz*, um livro onde, apesar da marcada componente descritiva e consequente ritmo pausado, tanto a beleza da escrita como a intensidade de vários momentos e a humanidade de algumas personagens mantêm constante o fascínio. Um grande início para uma saga a acompanhar. / Carla Ribeiro

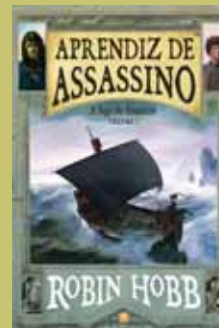
ESTANTE DE LIVROS

www.estantedelivros.com

A SAGA DO ASSASSINO (EM 5 VOLUMES)

ROBIN HOBB

★★★★☆



Pontos fortes: A “voz” da autora, personificada em Fitz, que consegue criar uma grande ligação emocional com o leitor; o forte conjunto de personagens secundárias e os diálogos, onde a subtilidade diz muito mais do que as palavras. Pontos fracos:

O ritmo por vezes lento e a previsibilidade de alguns desenvolvimentos; o final apressado, que explica de forma insuficiente o mistério dos Forjados e a resolução do conflito com os Ilhéus. / Célia M.

A BIBLIÓFILA

abibliofila.blogspot.com

DEUSES AMERICANOS

NEIL GAIMAN

★★★★☆



Em “Deuses Americanos”, Gaiman leva-nos numa verdadeira road-trip americana, numa viagem plena de humor, cenários oníricos e subterfúgios. De narrativa viciante e personagens fascinantes, acompanhamos Sombra através do Olimpo americano. Mas a América não é um bom local para os Deuses, nem os antigos nem os novos. Um conceito brilhante, num livro que é muito mais do que humanidade, religião e fé. / A Bibliófila.



TEXTO DE JOÃO LAMEIRAS

DESENHAR O IRREPRESENTÁVEL: LOVECRAFT NA BD

Um dos mais importantes escritores de terror de língua inglesa, **Howard Philips Lovecraft** influenciou diversas gerações de criadores, desde escritores como **Jorge Luís Borges**, **Stephen King**, **Clive Barker** e **Umberto Eco**, a cineastas como **John Carpenter**, **Stuart Gordon** e **Guillermo Del Toro**. Mas é na Banda Desenhada que a sua influência se tem feito sentir de forma mais notória e, bem mais e melhor do que no cinema, que os terrores inomináveis, mais sugeridos do que descritos por Lovecraft nos seus textos, encontraram a correspondência visual adequada. O texto que se segue propõe-se traçar uma panorâmica, que está longe de poder ser exaustiva, dada a enorme quantidade e diversidade dos exemplos, da forma como os criadores de Banda Desenhada, têm traduzido, recriado e homenageado a obra do mestre do terror fantástico.

DA LITERATURA À BD

Desde os anos 50, com a adaptação pouco fiel de *Cool Air*, feita por **Al Feldstein** e **Graham Ingels**, para a revista VAULT OF HORROR, da Editora EC, que não faltam exemplos de adaptações, mais ou menos livres, de contos de Lovecraft à Banda Desenhada. Mas julgo que não haverá grandes dúvidas que o ponto mais alto da transposição da literatura fantástica de Lovecraft para a linguagem da BD, acontece com *Los Mitos de Cthulhu*, de **Alberto Breccia**. Partindo de uma adaptação, feita por Norberto Buscaglia, de vários contos de H.P. Lovecraft, Breccia vai conseguir algo que vários de-



Breccia & Lovecraft

senhadores, antes e depois dele, tentaram sem grande sucesso, que é representar o irrepresentável e descrever o indescritível, conseguindo uma tradução visual criativa para os horrores que Lovecraft apenas insinua... Claro que não estaremos perante uma banda desenhada perfeita, pois Buscaglia mostra demasiada reverência pelo texto de Lovecraft, mantendo-o

quase na íntegra. No entanto, as ilustrações, em que Breccia utiliza todas as técnicas ao seu alcance, desde a colagem, aguada, guache, aparo e carvão, conseguem captar de forma soberba o espírito perturba-



Álbum com quatro adaptações de contos de Lovecraft

dor dos textos de Lovecraft, de tal forma que nem o excelente trabalho do seu filho, **Enrique Breccia** em *Lovecraft*, consegue ultrapassar o do pai, três décadas antes.

E a ligação entre Breccia e Lovecraft não se ficou por *Los Mitos de Cthulhu*, pois em 1981 o desenhador argentino volta a pegar na obra do escritor de Providence, desta vez a cores, com uma adaptação de *The Terrible Old Man* no álbum *Pesadillas*, que inclui também adaptações, ou “notas de leitura”, como Breccia lhes prefere chamar, de outros clássicos da literatura fantástica como *O Estranho Caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, de Stevenson. Traduzindo a importância dos trabalhos de Alberto Breccia a partir de Lovecraft,

o próprio “El Viejo” (tal como era tratado por muitos dos seus colegas desenhadores) surge como personagem em *El Outro Necronomicon*, uma série de **António Segura** e **Brocal Re-mohi**, em que Breccia narra aos dois autores, uma série de histórias que Lovecraft teria escrito, mas nunca teve coragem de publicar. A sombra tutelar de Breccia também está presente na adaptação de *The Call of Cthulhu*, feita por **Horacio Lalia**, um desenhador argentino que serviu de modelo a Breccia para a personagem de Mort Cinder. Menos conseguido, é o trabalho de outro argentino, **Hernán Rodríguez**, que no livro *Visiones*, adapta um punhado de contos de H.P.L. Bem mais interessante, é o trabalho do alemão **Reinhard Kleist** (mais conhecido pela sua biografia em BD do músico Johnny Cash) em *Les Rats dans les Murs et autres Nouvelles*, álbum que reúne quatro adaptações de outros tantos contos de Lovecraft. Mais livre, mas menos interessante, é a adaptação do poema *Nyarlathotep*, feita por **Julien Noirel**, num álbum editado em França em 2007.

O italiano **Dino Battaglia**, falecido em 1983, foi outro fantástico desenhador que ilustrou vários contos de Lovecraft para a revista LI-NUS, tal como tinha feito com outros escritores como Poe, Melville, Stevenson, ou Maupassant. Tal como Battaglia, outro autor que tem trabalhado bastante a partir da obra de Lovecraft, é **Richard Corben** que, depois de ter adaptado *The Rats in the Wall* para a revista CREEPY, em 1972, voltou a pegar na obra do escritor de Providence, adaptando um punhado de contos na mini-série *Haunt of Horror*, publicada em



Haunt of Horror, publicada em 2008 pela Marvel



Bernie Wrightson também adaptou o trabalho de Lovecraft nas páginas da revista CREEPY

2008 pela Marvel. Além disso, a influência de Lovecraft é bem evidente em outros trabalhos de Corben, como a série *Den*, em que um feiticeiro invoca uma criatura tentacular, chamada... Uluhtc. Colega e amigo de Corben, **Bernie Wrightson** também adaptou o trabalho de Lovecraft nas páginas da revista CREEPY, com a história *Cool Air*, bem reveladora do seu grande talento de desenhador, que levou a que **Stuart Gordon** o convidasse mais tarde para director artístico de umas adaptação cinematográfica de *The Shadow over Innsmouth*, que nunca chegou a ser filmada. Outro americano, **P. Craig Russel**,

colaborador habitual de Neil Gaiman, conhecido pelas suas adaptações à BD de óperas, também não conseguiu resistir à obra de Lovecraft, tendo transposto para a BD a história *From Beyond*, numa adaptação publicada em 1994 na revista HEAVY METAL.

EXPLORANDO O UNIVERSO LOVECRAFTIANO

Mesmo que nunca tenham adaptado directamente nenhum texto de Lovecraft, há um sem números de criadores cujo trabalho revela claramente a influência da obra de H.P.L. **Mike Mignola** é talvez o caso mais óbvio, sendo a influência de Lovecraft facilmente perceptível, e perfeitamente assumida, na série *Hellboy*. E Mignola é também autor de um excelente retrato do escritor, feito para a capa da revista DARK HORSE PRESENTS, provavelmente inspirado por uma ilustração anterior de **Moebius**, feita para um número especial da revista METAL HURLANT, dedicado a Lovecraft. Moebius, que aproveita o facto “da mitologia lovecraftiana ser suficientemente conhecida para

ser usada como referência”, para construir uma história de crítica social, em que o Presidente francês faz um acordo com Lovecraft para se poder dedicar à caça de Cthulhus. Uma história que, como o autor refere numa entrevista, foi inspirada numa notícia que leu sobre o Presidente Giscard D’Estaing que utilizou os privilégios do seu cargo para ir caçar animais selvagens em África. Outro destaque deste número da Metal Hurlant, em que todos os desenhadores prestaram a sua homenagem ao escritor é o trabalho de Druillet, grande fã de Lovecraft, que aqui cria a sua própria versão do Necronomicon.

Necronomicon, o livro maldito que está no centro de uma aventura de *Martin Mystère*, célebre herói da editora italiana Bonelli, criado por **Alfredo Castelli**, em que o detective do impossível evoca o trágico destino de Abdul Alhazred, o árabe louco que compilou o Necronomicon.

Mais inesperado e ainda menos conhecido, é *Mar de Tenieblas*, o primeiro trabalho profissional de **Miguelanxo Prado**, publicado em 1981 na edição espanhola



Ilustração de Moebius, feita para um número especial da revista METAL HURLANT, dedicado a Lovecraft



A influência de Lovecraft é facilmente perceptível e perfeitamente assumida na bd de Mike Mignola. Basta ver logo na primeira aventura de Hellboy, Seed of Destruction



Alan Moore prestou várias homenagens a Lovecraft

da revista CREEPY, em que o criador de *Traço de Giz*, na sua única incursão pelo terror, transporta o ambiente de contos como *Dagon* e *The Shadow over Innsmouth* para a costa da Galiza, banhada pelo Atlântico, o mar das trevas.

Também deste lado da fronteira, uma série de jovens desenhadores portugueses, actualmente reunidos na Associação Tentáculo, prestou a sua homenagem a Lovecraft, em *Murmúrios das Profundezas*, uma colectânea que recolhe uma série de histórias curtas de inspiração lovecraftiana.

Dois dos maiores argumentistas de BD de língua inglesa, Neil Gaiman e Alan Moore, têm prestado várias homenagens à obra de Lovecraft. E se os trabalhos lovecraftianos de Gaiman são todos no campo da literatura, em contos como os premiados *A Study in Emerald* e *I Cthulhu*, ou o divertido *Shoggoth's Old Peculiar*, já Alan tem textos seus de inspiração lovecraftiana adaptados à BD, como é o caso de *The Courtyard*, um conto escrito em 1994 para a colectânea *The Starry Wisdom: A Tribute to H. P. Lovecraft* e adaptado à BD em 2003, por **Antony Johnston**, com desenhos de **Jacen Burrows**. O mesmo Jacen Burrows que está a ilustrar *Neonomicon*, uma sequência escrita por Moore, que é o seu mais recente trabalho em BD e, a acreditar nas

entrevistas recentes do escritor de Northampton, poderá muito bem ser o último...

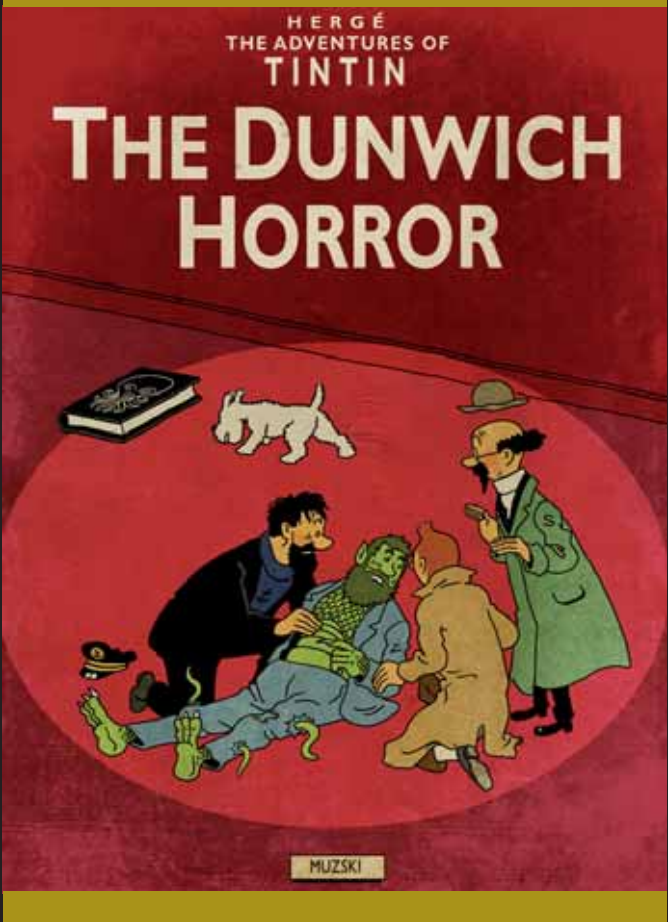
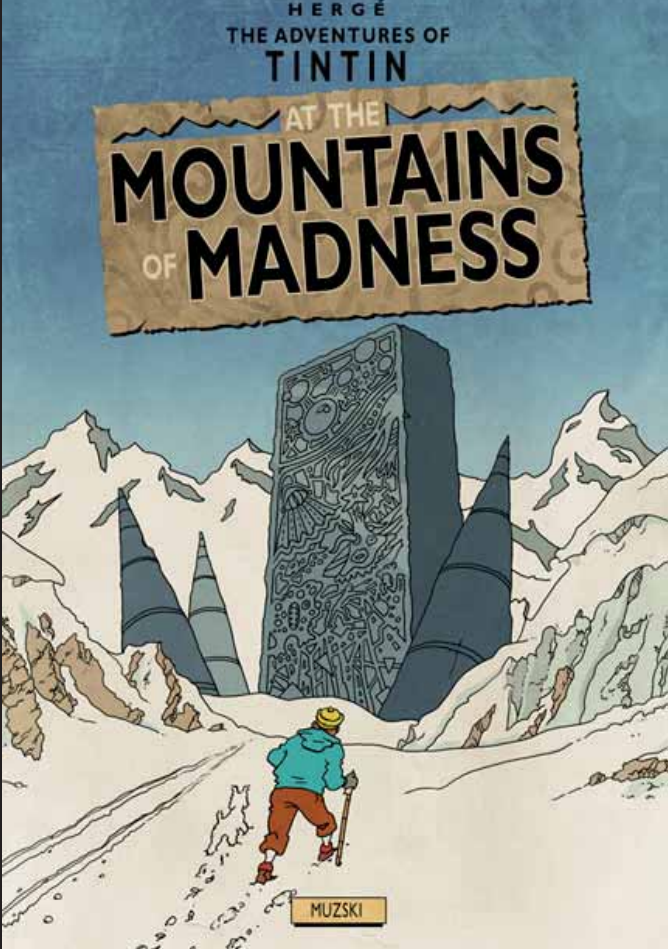
Se *Neonomicon* for mesmo o último argumento de BD escrito por Moore, vai ser uma despedida memorável para os fãs de Lovecraft, a avaliar pelas palavras do escritor, que diz: “Eu queria escrever uma história que modernizasse Lovecraft — que não se apoiasse na atmosfera dos anos 30 — e que o fizesse de uma forma bem sucedida. Suponho que também pensei que seria interessante se pudesse trazer algum do naturalismo que encontramos em séries de televisão como *The Wire* para uma intriga naturalmente fantástica. Porque aquela série era tão realista e tão credível, que me pareceu que seria uma excelente maneira de abordar algo tão intrinsecamente fantástico e inacreditável como o universo de Lovecraft.

Esse foi um dos pontos de partida. Outro foi colocar na história alguns dos elementos mais questionáveis que o próprio Lovecraft censurou, e que as pessoas que têm escrito pastiches de Lovecraft também optaram por deixar de fora. Elementos como o racismo, o anti-semitismo, o sexismo, as fobias sexuais que eram mais ou menos aparentes em todos os viscosos monstros lovecraftianos, de formas fálicas e vaginais. Há uma ausência da parte física em Lovecraft, um horror ao físico, que eu quis corrigir.”

Com a mini-série a começar a sair agora nos EUA, ainda é cedo para avaliar se Alan Moore consegue ou não concretizar de forma eficaz tão arriscada mistura, mas pelo que pude ler até agora, nos dois números já publicados, não há dúvidas que a coisa promete...

LOVECRAFT, HERÓI DE BANDA DESENHADA

Quase tão numerosas como as adaptações à BD de histórias de H. P. L., são as histórias em que o próprio Lovecraft é protagonis-



Capas de álbuns da série Tintin, aventuras apócrifas em que o repórter da poupa loura mergulha no universo lovecraftiano

ta, transformando o próprio escritor em personagem de Banda Desenhada. O melhor exemplo desta terceira tendência é *Lovecraft*, editado em Portugal pela Vitamina BD, com tradução de Fernando Ribeiro, vocalista dos *Moonspell* e fã assumido de Lovecraft. Escrito originalmente como um guião para cinema por **Hans Rørdionoff**, adaptado à BD pelo veterano **Keith Giffen** e desenhado por **Enrique Breccia**, *Lovecraft* parte de uma premissa tão simples como genial: e se o escritor não tivesse inventado os indescritíveis horrores que encham as páginas dos seus livros, mas os tivesse vivido? Assim, a vida e a obra de Lovecraft fundem-se nesta história, que concilia os dados históricos da biografia com as personagens saídas dos seus livros, como o terrível Cthulhu, cuja presença pode ser invocada pela leitura do *Necronomicon*, o livro maldito escrito pelo Sheik Abdul Alharazed que, segundo este relato, não foi inventado por Lovecraft, mas já existia na biblioteca do seu pai.

Mas, para além da forma hábil como combina os dados históricos com a ficção lovecraftiana, este livro tem o seu maior trunfo no desenho de Enrique Breccia. Filho de Alberto Breccia, Enrique não vai tão longe como o pai, mesmo que a forma como o seu estilo se altera para marcar a distinção entre o que é real e o que Lovecraft imagina, seja notável. Vejam-se as cenas oní-



Uma abordagem livre e divertida da vida de H. P. Lovecraft

thumes, livro que recolhe uma série de histórias curtas, protagonizadas por escritores. E o mesmo Lovecraft é também protagonista de *The Strange Adventures of H. P. Lovecraft*, de **Mac Carter** e **Tony Salmons**, uma abordagem bastante livre da vida do escritor de Providence, aqui quase transformado num herói de acção. Igualmente livre, mas mais divertida é a abordagem de **José Oliver** e **Bartolo Torres** em *El joven Lovecraft*, uma série de tiras nascidas na internet em que o universo de Lovecraft se encontra com o de **Tim Burton** e **Roman Dirge**.

O próprio Lovecraft empresta também as feições a uma personagem de um episódio de *Dylan Dog*, a série de culto da editora Bonelli, em que **Tiziano Sclavi** homenageia o mestre da literatura fantástica, cuja influência é bem perceptível nas aventuras do detective do oculto. Neste campo, uma das mais belas e inesperadas homenagens a H. P. L. é feita pelo espanhol **Max**, numa história em que **Walt Disney** encontra Lovecraft. Um encontro tão inesperado como o promovido pelo ilustrador

ricas, em que Enrique se revela um pintor extremamente inspirado e de paleta vibrante.

Também **Andréas** e **Riviere** fazem de Lovecraft um dos personagens de *Revelations* Pos-



O livro onde o universo de Lovecraft se encontra com o de Tim Burton e Roman Dirge

inglês **Murray Groat**, que escolhi para terminar este artigo, numa série de ilustrações que simulam capas de álbuns da série *Tintin*, aventuras apócrifas em que o repórter da poupa loura mergulha no universo lovecraftiano, como aconteceria se Lovecraft fosse o argumentista das histórias que Hergé desenhou. **BANG!**



João Lameiras é Mestre em História da Arte pela Universidade de Coimbra. Tem desenvolvido uma vasta actividade no campo da Banda Desenhada, como conselheiro editorial, tradutor, argumentista e crítico para diversas editoras e publicações e é sócio-gerente da Livraria Dr. Kartoon. Escreve com frequência no seu blogue <http://porumpunhadodeimagens.blogspot.com>

ONDE PODEMOS ENCONTRAR H. P. LOVECRAFT?

POR LUÍS CORTE REAL, EDITOR DA SAÍDA DE EMERGÊNCIA

O segundo livro que publicámos, em 2004 (são só sete anos mas parecem ser setenta), foi *O Intruso*, uma pequena antologia de Lovecraft. A tradução não era das melhores mas a intenção era-o certamente. Os fãs adoraram e rapidamente esgotou. Mas depois decidimos dar ao público português algo que parecia impensável para um mercado como o nosso: a tradução integral (e desta vez bem cuidada) da obra completa de H. P. Lovecraft. O primeiro volume, com organização de José Manuel Lopes, saiu em 2005 com introduções de Fernando Ribeiro, vocalista dos *Moonspell*. Incrivelmente já vai na terceira edição. Depois deste saíram

mais cinco volumes e, no Verão de 2011, sairá um sexto. Neste momento a ficção de Lovecraft está toda traduzida para o português e os próximos volumes serão apenas antologias de contos escritos em colaboração com outros autores. Quem diria, em 2004 (já vos disse que são só sete anos mas que parecem ser setenta?), que este obscuro autor de Providence estaria integralmente traduzido para português em menos de cinco anos? Estes pequenos milagres são possíveis quando as editoras publicam com paixão os autores que adoram. E foi com verdadeira adoração que visitei, em Janeiro deste ano, o cemitério de Swan Point onde o autor está enterra-

do. Apesar de poucos em Providence saberem quem ele é, a campa de Lovecraft deve ser uma das mais fotografadas do mundo e está sempre cheia de pequenas lembranças. Deixei uma moeda de Euro, em nome de todos os fãs que lêem o autor em português e não o esquecem. **BANG!**



Não, o tipo à esquerda não é o Cthulhu...

PS: obrigado ao Paul Silva pela visita guiada

A ARQUITECTURA DO FUTURO E O FUTURO DA ARQUITECTURA

O QUE É QUE A ARQUITECTURA TEM A VER COM A FICÇÃO CIENTÍFICA?
TEXTO DE PEDRO GADANHO

Se perguntarem a um qualquer arquitecto o que é que o seu *métier* tem a ver com a ficção científica, é de suspeitar que, na maior parte dos casos, a resposta surja em tom ofendido: “O que é que os alhos têm a ver com os bugalhos?!” Tal reacção, porém, abona pouco a favor do potencial da própria arquitectura. Com o passar do tempo, frases batidas como “a arquitectura replica as condições do presente” ou “a arquitectura responde às nossas necessidades práticas” reduziram a arquitectura à sua componente mais básica e banal. De “arte de construir,” com o que a arte tem de criador

e de inovador, a arquitectura passou à mera construção. De tanta vontade de ser “funcional,” em muitos quadrantes a arquitectura perdeu a capacidade de ser imaginativa. Aparentemente, a arquitectura perdeu o elo que a ligava à ficção científica.

Mas será mesmo que estes dois universos se afastaram irremediavelmente?

O crítico de design Rick Poynor escrevia recentemente que hoje “tudo se tornou ficção científica.” Dito isto, não se manterá a arquitectura ligada a esta particular pulsão ficcional por um inquebrável cordão umbilical? Não é



Capas *Things to Come* (1936) de William C. Menzies, *Metropolis* (1927) de Fritz Lang e *Blade Runner* (1982) de Ridley Scott



verdade que quando uma arquitectura responde aos requisitos do presente inventa também as possibilidades do futuro próximo? Não é verdade que quando um arquitecto planeia as suas respostas cria também a ficção de um uso que está por vir?

Quando se projecta – tal como a palavra indica – inventam-se os modos como um edifício ou um pedaço de cidade vão ser usados num contexto e num tempo que ainda não chegaram. E quando se desenha – tal como a palavra indica – cria-se o desígnio de algo que ainda não existe. Acontece que, quando enredados nos problemas e contradições do quotidiano, os arquitectos tendem a perder de vista esta perspectiva mais generosa e visionária da sua profissão. Contudo, há toda uma história e uma vasta colecção de referências que nos mostram que a relação entre arquitectura e a ficção científica é rica em tráfego de ideias e em cruzamento de influências. Existe uma relação entre ambas que está longe de se esgotar e que, pelo contrário, nos últimos tempos tem vindo até a avivar-se.

Visualizar o futuro é uma vontade muito humana e tanto a arquitectura como a ficção científica contribuem para a concretização desse desejo. E esta particular partilha tornou-se mais evidente à medida que aumentava a nossa capacidade para gerar imagens que ultrapassavam a realidade. Deste modo, mais do que a literatura, onde o cenário é recriado pela mente do leitor, foi o cinema que cimentou as relações entre a arquitectura e a ficção científica. Os aspectos mais monstruosos das grandes metrópoles dos finais do século 19 e princípios do século 20 já tinham colocado a imaginação literária de Jules Verne ou H.G. Wells ao serviço da reinvenção da paisagem urbana. E o período áureo da ficção científica foi acompanhado pelo talento de ilustradores profissionais para se anteciparem aos leitores na figuração dos lugares imaginários que as narrativas requeriam – um pouco como o papel revelador da jovem arquitecta no último filme de Christopher Nolan, *Inception*. Todavia, foi no cinema que a cidade contemporânea mais marcou as visões da ficção científica. E estas visões, por

sua vez, conseguiram influenciar a cultura arquitectónica. Mas, mais do que se pensa, a arquitectura precedeu quase sempre o cinema a imaginar o futuro.

Sabemos que a ficção científica é muitas vezes um exagero deliberado do presente para fins demonstrativos. Desde *Metropolis* (1927) de Fritz Lang – ou do mais obscuro *Just Imagine* (1930) de David Butler – até *Blade Runner* (1982) de Ridley Scott, a cidade até aí conhecida foi recombina e distorcida por cineastas e cenógrafos até se parecer com o futuro. Noutros momentos, como em *Things to Come* (1936) de William C. Menzies ou em *Logan's Run* (1976) de Michael Anderson, o retrato de sociedades distópicas levou os *set designers* às fronteiras da sua imaginação – revelando que tais fronteiras estão sempre ancorados nas limitações estilísticas de cada época. A partir destes cenários, a ficção científica marcou presença na cultura arquitectónica mais visionária.

Antes de tais olhares, porém, já a arquitectura tinha produzido as suas visões do futuro, por vezes bem mais próximas da realidade que estava para vir.

WELCOME TO THE 23RD CENTURY.
The perfect world of total pleasure.



Antes da cidade do século 23 de *Logan's Run* já existia Brasília. E a paisagem urbana de *Metropolis* era precedida – e ultrapassada – pelas quimeras antecipatórias de mestres da arquitectura moderna como o futurista italiano António Sant' Elia, ou Mies van der Rohe e as suas antevisões de torres de vidro do princípio dos anos 20. Na literatura, os arranha-céus de vidro ou as visões urbanas utópicas também marcaram o seu lugar, mas isso não impediu que fosse dentro da cultura arquitectónica que, já no século 18, se concebessem cidades utópicas e que, logo no princípio do século 20, os expressionistas alemães Paul Scheerbart e Bruno Taut se adiantassem na elegia das construções de vidro que pontuariam o futuro da arquitectura.

Para além das inúmeras colaborações de arquitectos na concepção de cenários cinematográficos – começando com Robert Mallet-Stevens em *L'Inhumaine* (1924) de Marcel L'Herbier – também não foi por acaso que frequentemente o cinema de ficção científica procurou os seus ambientes vindouros em arquitecturas que já tinham sido construídas. Em *Fahrenheit 451* (1966), François Truffaut foi procurar os subúrbios modernistas do Sul de Londres para dar fundo à sua adaptação do famoso livro de Ray Bradbury. E em *Sleeper* (1973), Woody Allen centraria uma parte importante da sua antevisão humorística numa casa do arquitecto americano Charles Deaton erigida seis anos antes. E

não é difícil de perceber porque é que, por vezes, a arquitectura se encontrava à frente de outras expressões artísticas na antecipação do futuro construído.

Como qualquer forma de cultura, a arquitectura sempre viveu de uma tensão entre opostos. À constituição de uma tradição e de um património opôs-se a vontade de inovar típica da modernidade. Às limitações pragmáticas da economia e da técnica opôs-se o desejo de reinventar a realidade característica dos visionários. E é por isso que muita arquitectura do século XX acabou por inspirar – e se misturar – com o desejo de futuro que identificamos com a ficção científica. Enquanto este género literário florescia nos anos 50, muitas das “casas do futuro” surgidas à época eram criadas por protagonistas do mundo da arquitectura, como os ingleses Peter and Alison Smithson em 1956 ou o finlandês Matti Suuronen em 1968. Os anos 60, em particular, foram ricos em extravagâncias arquitectónicas futuristas.

Curiosamente, foi nos momentos de maior optimismo ou, por oposição, nos momentos de maior crise, que os arquitectos regressaram ao lado mais visionário da arquitectura. Já dizia o ditado, a necessidade é a mãe da invenção. Quando as possibilidades tecnológicas se aliaram ao crescimento económico – ou, pelo contrário, quando as dúvidas sobre o progresso sustentável se aliaram à crise – a arquitectura voltou-se quase sempre



Logan's Run (1976) de Michael Anderson, arquitectura moderna do futurista italiano António Sant' Elia, Mies van der Rohe e as suas antevisões de torres de vidro e *L'Inhumaine* (1924) de Marcel L'Herbier



para a sua veia mais ficcional. Assim, não é de admirar que nas publicações especializadas de arquitectura dos últimos dois anos surgissem de novo imagens que, acima de tudo, sugerem universos da ficção científica. Um projecto como *Freshwater Factory*, dos franceses DCA – tal como outras das respostas a um concurso internacional recentemente dedicado a novos modelos de arranha-céus – apenas mostra que, com a capacidade de visualização dos poderosos renderings 3D, perante a menor expectativa de construir os seus edifícios, os arquitectos criam de novo conceitos para “admiráveis mundos novos” que apenas esperávamos encontrar no domínio da ficção científica.

É no contexto desta tendência que, em arquitectura, o futuro está na moda. É neste contexto que, de repente, se fazem simpósios internacionais sobre as relações entre arquitectura e ficção científica. É nesta conjuntura que os blogues de arquitectura se enchem de miragens tecnológicas e formas radicais saídas de



Casa do arquitecto americano Charles Deaton e Fahrenheit 451 (1966) de François Truffaut



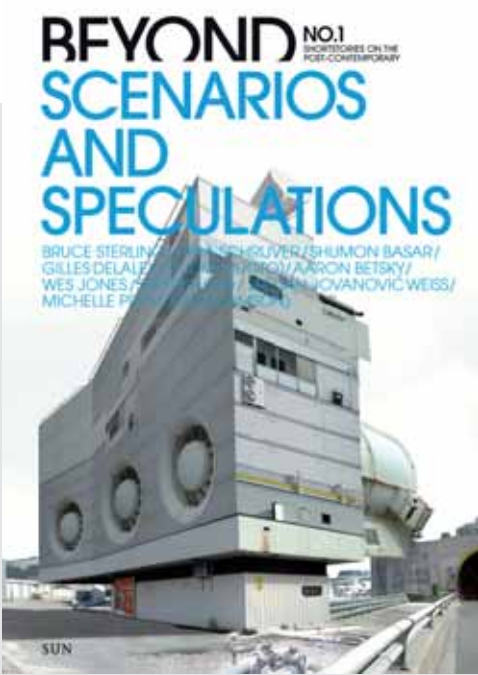
um futuro acabado de inventar. E é neste âmbito que, em 2009, o primeiro volume do bookazine *Beyond, Short Stories on the Post-Contemporary* foi dedicado ao tema dos “cenários e especulações” – dois termos que, naturalmente, se encontram no território de intersecção da arquitectura e da ficção científica.

Misto de revista e livro inspirado nas publicações de contos de ficção científica dos anos 40 e 50, a série *Beyond* foca-se em histórias dedicadas ao que está para acontecer no futuro próximo das nossas cidades. O seu pressuposto é que as pesquisas a que os arquitectos hoje em dia se entregam abordam temas que interessam ao público em geral, mas raramente chega a essas audiências. Deste modo, para além de uma história inédita de um dos escritores de culto do *cyberpunk*, o americano Bruce Sterling, no primeiro número de

Beyond tanto se pode ler um conto sobre os conflitos sociais nos subúrbios europeus de amanhã – com base numa investigação levada a cabo por um colectivo de historiadores de arquitectura holandeses – como se pode ler uma narrativa *balladiana* sobre a ocupação das redes de auto-estradas por uma nova classe de nómadas urbanos – na sequência de um estudo que o jovem arquitecto francês Gilles Delalex fez sobre os usos e impactos das nossas actuais infra-estruturas viárias.

Na panóplia de abordagens que encontramos em *Scenarios and Speculations* as relações que a arquitectura tece com a ficção científica não se esgotam, no entanto, nas narrativas dos futuros prováveis de realidades urbanas que nos são próximas. Em alternativa, numa banda desenhada do arquitecto americano Wes Jones, o sonho tecnológico que hoje constrói a paisagem de cidades como o Dubai é levada ao extremo do pesadelo. E em montagens fotográficas mirabolantes, o artista polaco Kobas Laksa dedica-se a imaginar as alterações inesperadas e a apropriação selvagem que alguns edifícios acabados de realizar podem sofrer num futuro e num panorama não muito distantes.

Acima de tudo, esta colecção de histórias revela-nos que, para além dos cruzamentos históricos aqui revisitados, os mundos da arquitectura contemporânea e da ficção científica se bissectam hoje de forma cada vez mais evidente. E esta sobreposição dos olhares e reflexões de universos aparentemente tão diversos acontece porque, afinal, ambas as perspectivas aí ensaiadas recorrem à imaginação para especular sobre os destinos e os usos que o homem dá ao seu meio ambiente,



Projecto Freshwater Factory dos franceses DCA e bookazine Beyond, Short Stories on the Post-Contemporary

à sua tecnologia e ao seu conhecimento. E a coincidência ocorre porque, nos seus melhores momentos, tanto a arquitectura como a ficção científica procuram olhar para as potencialidades do que está por vir como uma forma de resolver e explicar os dilemas do presente. Em última instância, tanto uma como outra respondem, de facto, às necessidades do presente. As respostas mais desafiantes com que aí deparamos, contudo, têm em comum apenas uma coisa: o poder da imaginação para nos transportar para outra realidade. **BANG!**



Pedro Gadanho divide a sua actividade entre arquitectura, curadoria, crítica e docência universitária. É MA em Art & Architecture e realizou doutoramento na F.A.U.P., onde lecciona. É editor do blog ShrapnelContemporary e do bookazine 'Beyond, Short-Stories on the Post-Contemporary,' em Amsterdão, contribuindo regularmente para outras publicações a nível internacional. Foi comissário de 'Metaflux,' representação portuguesa na Bienal de Veneza de Arquitectura de 2004, e de mostras como 'Space Invaders,' 'Post. Rotterdam,' 'Pancho Guedes, Um modernista alternativo,' e 'Habitar Portugal 2006-2008.' Integrou a direcção da ExperimentaDesign, entre 2000 e 2003. Os seus projectos de arquitectura incluem a Casa Laranja, em Carreço, o Art Center da Fundação Ellipse, e a Casa Baltasar, no Porto.



TÁVOLA REDONDA

QUATRO TRADUTORES PARTILHAM AS SUAS EXPERIÊNCIAS DE TRADUÇÃO TEXTO E ENTREVISTAS POR SAFAA DIB

But now the whole Round Table is dissolved

Which was an image of the mighty world

THE PASSING OF ARTHUR, IDYLLS OF THE KING, ALFRED LORD TENNYSON



When we hit, no one remembers. When we miss, no one forgets. Traduzindo para a língua de Camões, quando acertamos, ninguém se lembra. Quando erramos, ninguém se esquece. É com estes versos anônimos que se poderia resumir o trabalho de um tradutor. Mas é um trabalho que se estende muito para além de duas meras linhas, e engloba páginas diárias de romances, livros técnicos, não-ficção, jornais, legendas. O trabalho de tradução está sempre presente no nosso quotidiano, e se muitas vezes é invisível e mal damos por ele, outras vezes é impossível não reparar nele.

A FORTALEZA DA SOLIDÃO

Nesta Távola Redonda, oferecemos o lugar a quatro tradutores que passam grande parte do seu dia-a-dia a encontrar o equilíbrio certo entre duas línguas. São eles Ana Mendes Lopes, Alberto Simões, Cristina Correia e Fernanda Semedo. Todos são o que considero tradutores profissionais. E o que implica essa profissão hoje em dia? “É um trabalho solitário que implica uma exigente disciplina”, responde Cristina Correia, tradutora da série de livros de Anne Bishop e *O Mago* de Raymond E. Feist em Portugal. Ana Mendes Lopes, tradutora de obras tão variadas como *Ar* de Geoff Ryman e *Os Ladrões de Cisnes* de Elizabeth Kostova, acredita que “implica ter uma capacidade absoluta de dedicação ao trabalho e às horas que consome”. Fernando Semedo, tradutora do finalista para o Booker Prize 2007, *Mr. Pip* de Lloyd Jones, também dá aulas de Português, para além de tradução, “o que lhe permite contrariar alguma tendência para bicho-do-mato que, certamente, se tornaria mais vincada se apenas traduzisse”. Alberto Simões, tradutor de *Rayuela* (*O Jogo do Mundo*) de Julio Cortázar mostra-se em sintonia com as suas colegas e realça o traço que aparentemente mais define a vida de um tradutor. “Ser tradutor profissional é saber lidar com a solidão e tirar partido dela”.

Feitas as pazes com a solidão da tarefa a que se entregam, os tradutores investem o seu tempo e capacidades na realização das traduções que têm entre mãos. Pergunto por directivas que guiem o trabalho. Alberto não é muito chegado a máximas, mas tenta constantemente “encontrar o melhor dos equilíbrios possíveis entre a fidelidade a quem escreve e o prazer de quem vai ler”.

Ana considera que “é muito importante conseguir transmitir as ideias, sensações e atmosferas criadas pelo autor, por isso dou por mim muitas vezes a preferir um tipo de tradução em que a paráfrase tem um papel bastante mais relevante que a tradução literal propriamente dita”. Cristina diferencia entre as traduções técnicas e literárias. Enquanto que as técnicas não prescindem da elaboração de glossários e o conhecimento dos produtos, nas literárias afirma que “é crucial agarrar o estilo do autor e conseguir fazê-lo transparecer na nossa língua, dando a usufruir ao leitor a plenitude da obra”. Ao pedir para que defina a profissão de tradutor, Fernanda não hesita em descrever o tradutor como alguém que deve ser “responsável, rigoroso, criativo, cumpre prazos e está sempre a aprender”.

PREFERÊNCIAS E EXIGÊNCIAS

Falando concretamente de traduções literárias, pergunto se têm algum género específico que dê

especial prazer em traduzir. Apesar de ter temáticas ou obras favoritas, Alberto acredita que “um certo distanciamento afectivo da obra que se trabalha pode revelar-se na maioria dos casos mais saudável do que as proximidades promíscuas”. As traduções literárias são, na verdade, as preferidas da Fernanda Semedo, “pois gosto de obras com personagens consistentes que vão ganhando uma voz própria no desenrolar da intriga”. Ana gosta de traduzir policiais e aprecia também o desafio de traduzir literatura fantástica que encara como “um exercício de criatividade”. Já Cristina não mostra preferências mas confessa que a fantasia e ficção científica sempre a fascinaram.

Falamos de tradutores que podem traduzir 3 a 6 obras por ano, por vezes mais, dependendo do ritmo de trabalho a que cada um se submete. É uma profissão que obriga a estar largos meses sem compensação salarial, sendo vital a gestão rigorosa de prazos e encomendas de clientes. “Mas se o tradutor foi durante muito tempo um interveniente invisível na literatura”, como diz Ana Mendes Lopes, “neste momento há uma maior consciência do nosso papel”. O que acarreta inevitavelmente uma maior exigência da parte do leitor.

Na relação com os leitores, Alberto só lamenta que o retorno que tenha tido das obras que traduziu seja muito pouco, “e nunca passei pela comoção de me cruzar com um leitor da *Rayuela* ou da biografia de Poe no café”. Cristina já pôde usufruir da oportunidade de interagir de forma mais directa com os seus leitores através do Fórum Bang! E considera este convívio muito salutar, “ganhando os próprios leitores uma perspectiva diferente quanto ao ofício de tradutor”.

TRADUTOR OU CO-AUTOR?

E porque não irmos mais longe e afirmarmos que um tradutor é também ele autor, talvez mesmo co-autor, ou não será assim? Afinal duas traduções de um mesmo texto nunca são realizadas da mesma forma nem são elaboradas de modo automático. As vivências, conhecimentos e experiência de cada tradutor poderão fazer a diferença no resultado final. E se há uma tradução a atingir um nível de excelência não deverá o tradutor ser considerado justamente um autor? Ainda mais quando se trata de tradução de literatura fantástica, que implica mundos criados de raiz e todo um vocabulário original e específico. Alberto refere o desafio de “avançar para uma quase co-autoria do texto na língua de chegada”, estando os livros do género fantástico cheios de “palavras que designam conceitos cujos termos são remotos ou inexistentes no léxico português”.

Cristina Correia refere as mesmas dificuldades na tradução de literatura fantástica e encontrar soluções satisfatórias para termos inventados pode ser um processo complicado e frustrante. “Não podemos recorrer a expressões religiosas como *Meu Deus*, até expressões que nos parecem inocentes devem ser ponderadas. Lembro-me de um caso recente *dar luz verde* – usar ou não usar esta expressão num mundo que não conhece electricidade ou semáforos?” A maior dificuldade, de acordo com Ana, está em conseguir vislumbrar a criação que sai da mente dos autores.

OFERTA EDITORIAL

Pergunto aos tradutores as suas opiniões sobre a presente oferta de livros no mercado. É suficientemente abrangente? O panorama evoluiu de modo positivo? Fernanda Semedo crê que houve um grande aumento de oferta, o que gera o efeito adverso de ser difícil para um leitor comum, ou mesmo mais prevenido, “distinguir o trigo do joio quando entra numa livraria”. Nota que há uma pressa em editar, pois já tem encontrado originais com boas ideias “mas depois estão mal escritos, são demasiado longos, as histórias baralham-se, as acções repetem-se”. Cristina não duvida quanto à evolução da qualidade da oferta literária, no entanto, “o que sobres-

sai mais é a colagem ao que vende mais e às modas impostas por grandes máquinas de marketing”. Mas o que importa, no fim de contas, é que as pessoas leiam mais e não defenda a “sobranceria com que se olha para certos géneros literários”. Nota também diferença em toda uma nova estratégia de divulgação presente no mundo de edição, muito mais agressiva. A variedade de obras traduzidas actualmente é também um factor salientado por Ana, diversidade essa que se tem reflectido na literatura fantástica. Mas a mudança que mais salta à vista a Alberto é a concentração em grandes grupos editoriais “que permitiu, paradoxalmente, o aparecimento de enormes nichos de mercado explorados de forma mais eficiente pelas pequenas e micro-editoras”. Do lado oposto, Alberto estranha os “elefantes editoriais” que “publicam de forma massiva, numa linha editorial incoerente e promoção fraca ou inexistente”.

O PODER DO REVISOR

Quando uma editora gere diariamente uma equipa de mais de vinte tradutores e vários revisores, torna-se uma tarefa monstruosa poder acompanhar a par e passo todo o trabalho que tem sido desenvolvido por cada um, mas é importante, acima de tudo, estabelecer logo desde o início uma relação de confiança. Poder atribuir um romance a um tradutor e saber que a pessoa em causa cumprirá o prazo, mantendo sempre um nível de exigência elevado, é um passo crucial que tem que ser dado pelo editor. Mas, na verdade, não se pode deixar de falar no papel do revisor que exerce uma posição poderosa na avaliação de uma tradução o que poderá influenciar as impressões de um editor. Quando pergunto se a relação com os revisores é pacífica ou turbulenta, as respostas variam. Ana afirma que todos trabalham para o mesmo fim, mas Cristina, Fernanda e Alberto expressam a necessidade de uma maior interacção e troca de ideias entre tradutores e revisores. Perante a falta de contactos (nem sempre promovidos pelas editoras) a experiência não é tão positiva e enriquecedora, podendo até mesmo existir atritos devido a correcções abusivas ou, o reverso da medalha, insuficiência de correcções.

E será que os leitores sabem distinguir um bom tradutor de um mau revisor ou um mau tradutor de um bom revisor? “Um leitor informado e atento e um bom crítico saberão fazer essa distinção”, diz Cristina, opinião também partilhada pelos restantes, embora Fernanda não acredite que um bom revisor endireite uma tradução que já nasceu torta.

GENTE DELICADA

São muitos os reparos que hoje em dia se realizam a traduções. Muitas críticas não deixam de reservar um espaço para comentar a qualidade da tradução e revisão. Sejam críticas justas ou injustas, como reagir perante elas? Fernanda aborda um aspecto bastante pertinente, o da invisibilidade do papel do tradutor. “O que mais me agrada é que não digam uma única palavra acerca da tradução. Gosto de fazer o meu trabalho e retirar-me para os bastidores”. Quanto menor o ruído de um tradutor a interpor-se entre a voz de um autor e o seu público leitor, mais bem conseguido é o seu papel. Mas quando se dedica tanto tempo e energia a um trabalho pode ser complicado lidar com críticas menos boas e há que encará-las como oportunidades de aprendizagem, comenta Ana. Cristina fica entristecida ao constatar alguma falha, mas “o ideal era conseguirmos dispor de prazos que nos permitissem rever o trabalho com calma”. Alberto estabelece uma curiosa analogia. “Uma tradução é como uma ferida aberta. Lembro-me de uma observação dolorosa de um crítico do Público a propósito de uma obra que me é particularmente chegada. O reparo – justíssimo – manchou a minha impressão do entusiasmo geral com que o livro e o meu trabalho de tradutor foram recebidos. Nós tradutores somos assim, gente delicada.”

ASPIRAÇÕES

O que gostariam os nossos tradutores de ver os leitores e críticos a fazer mais? Cristina está satisfeita com a relação muito próxima que estabeleceu com os leitores graças ao fórum Bang!, mas gostava que os críticos abordassem com mais frequência géneros diferentes. Fernanda considera que estes têm até

a obrigação de orientar o leitor no meio da abundância de obras editadas, e “que não gastassem preciosas páginas de imprensa a falar uns para os outros e a dizer mal de livros”. Chama também a atenção para o facto de os tradutores não se conhecerem uns aos outros e serem uma classe desunida, sendo “os primeiros a dizer mal de traduções de colegas, a ridicularizarem erros”. Alberto vai mais longe em relação aos leitores, “estes devem também exigir o quinhão de qualidade que lhes é devido, pois ler mais não é necessariamente ler melhor”. Apesar de tudo, Ana está convencida que os hábitos de leitura têm vindo a aumentar e há um interesse crescente por boas histórias.

E chegamos à pergunta mais sensível. O que gostariam que as editoras fizessem mais? É necessário um melhor acompanhamento? Fernanda diz que gostaria de receber mais feedback, “não só quando as coisas correm mal”. E gostava que as editoras divulgassem mais os livros bons, para que não ficassem perdidos no meio dos outros. Uma opinião que ecoa os sentimentos de Ana que acrescenta ainda: “gostaria que o trabalho dos tradutores fosse melhor recompensado”. Alberto reforça a necessidade de feedback, “todos nós precisamos de carinho: não há nada mais triste do que o suor recompensado por uma maquia na conta e um grande e funesto silêncio.” Cristina tem formas diferentes de trabalhar com vários dos seus clientes, e se por vezes preferiria que a aliviassem da pressão constante dos prazos, a verdade é que considera-se uma privilegiada por a incentivarem e apoiarem e permitirem-lhe diversificar as obras que traduz.

Mas desenganem-se os leitores se pensam que qualquer um é capaz de traduzir textos literários. “Esta é, à semelhança de muitas outras profissões (criativas ou não) uma questão de talento e vocação”, remata Ana Mendes Lopes. O que é certo é que estes tradutores, e muitos outros, estarão aqui durante muito tempo, a trabalharem nas sombras, e a prestar o seu melhor serviço como paladinos dos grandes deuses da literatura. **BANG!**



Ana Mendes Lopes. Nascida em 1974, e natural de Torres Novas, licenciou-se em Línguas na Universidade do Minho, em Braga, onde actualmente reside. Depois de uma breve incursão pelo mundo da tradução especializada, optou por trabalhar apenas com literatura.



Alberto Simões. Foi Leitor em Santiago de Compostela entre 2003 e 2005, onde concluiu uma pós-graduação em Edição. É tradutor desde 2006, nomeadamente de autores como Julio Cortázar, André Brink e Max Aub.



Cristina Correia. Nascida e criada no Alentejo, concluiu os estudos na Faculdade de Letras de Lisboa. Depois de vários anos a trabalhar no meio empresarial e de uma Pós-Graduação em Relações Internacionais, dedicou-se a tempo inteiro à carreira de tradutora freelancer técnica e literária.



Fernanda Semedo. Nascida em Lisboa em 1966, licenciou-se em Sociologia e é tradutora e professora de Português para Estrangeiros. Traduz também obras publicadas nas áreas da Gestão, Pedagogia e da Biografia e é ocasional revisora.

“ Sempre disse que os críticos são como a morte; às vezes demoram, mas chegam sempre ”

Juan Onetti

▶▶▶ Lá fora

Bitter Seeds

Ian Tregillis
TOR Books

Ian Tregillis, um jovem discípulo saído directamente da série “Wild Cards” de George R. R. Martin, estreia-se agora no romance, com o primeiro volume de uma trilogia de história alternativa, *Bitter Seeds*. Quer isto dizer que ganhou voz própria e não uma referência em fim de volume, mesclada com tantos outros. Ganhou voz, sim, e que voz. *Bitter Seeds* é daqueles livros que se devoram, onde cada capítulo apresenta uma nova surpresa, sem um tempo morto, sem um *info-dump* desnecessário, negro e cínico como

convém a esta época desesperada, onde todos os valores são ambíguos e a luta do bem-contra-o-mal adquiriu tonalidades verdadeiramente azedas. O estilo é simples sem ser elementar, o ritmo cresce a cada página para adquirir contornos perfeitamente apocalípticos. Decerto já ouviram falar da “banalidade do mal”, onde se cometem crimes de genocídio perante a indiferença plácida dos bem pensantes... Terão que se praticar horrores em nome da liberdade colectiva? Porque não? Hiroshima e Nagasaki não foram um bom exemplo disso? Aqui, no romance de Tregillis, ninguém se preocupa em sacrificar duzentos inocentes para que possam ser salvos milhões. E não estou a falar dos



senhores das trevas, dos monstros assassinos como Hitler ou Estaline. Estou a falar de gente bem mais próxima de nós como o bom do Churchill. Estamos em 1939. Os nazis andam desde a Grande Guerra a criar super-homens através do condicionamento negativo de crianças órfãs. Colocadas em tanques de privação sensorial, saturadas de drogas psicotrópicas, neuroestimuladas directamente a la Egas Moniz, só sairão vivas aquelas que

manifestarem superpoderes. Como a invisibilidade, a precognição, o controle da gravidade ou a teletransportação. Nada mais fácil do que passar através das paredes e largar uma bomba no interior de um bunker dos aliados. Nada mais fácil do que “prever” antecipadamente o local onde vão cair as bombas inimigas. Todas as crianças, agora

adultas, são profundamente perturbadas ao ponto da psicose. Enlouqueceram, em nome da glória do Reich. E todas elas têm uma agenda muito pessoal. Quanto aos aliados, resta-lhes invocar demónios, os temíveis Eidolons, entidades energéticas que odeiam a espécie humana e que exigem “sacrifícios de sangue”. Como o descarrilamento de um comboio ou o afundamento de um paquete cheio de refugiados. Tudo bem, pensa Churchill e o seu gang de mágicos. Que se matem Ingleses em nome

de um bem maior. O povo serve para isso. E aos poucos, a guerra desvia-se do caminho que nós conhecemos, para se transformar em algo ainda mais terrível. Uma guerra de poderes, entre mutantes cujas capacidades funcionam a baterias eléctricas e as forças elementais que subjazem à estrutura do universo. A ciência nazi versus as forças da entropia. E as hordas de Estaline em riscos de ocupar a Europa inteira. Entre estas duas possibilidades venha o diabo e escolha. Absolutamente genial. / João Barreiros

Conan

Kurt Busiek e Cary Nord
Dark Horse

Uma das coisas mais complicadas para um profissional da banda desenhada é pegar numa personagem bem conhecida, com décadas de história e histórias no seu passado, e conseguir criar algo verdadeiramente novo e original. Um dos

truques mais comuns e eficazes é actualizar as personagens, como a Marvel fez com a linha *Ultimates*. Mas o argumentista Kurt Busiek (*Arrowsmith* e *Superman: Secret Identity*), para o relançamento de Conan na Dark Horse, optou por um caminho semelhante ao de John Byrne na década de 80 com Super Homem: respeitar totalmente a visão

do criador e, neste caso, ignorar as deturpações que muitos anos de Conan na Marvel haviam criado. O resultado é uma verdadeira homenagem aos contos originais de



Robert E. Howard. Com arte sublime de Cary Nord (que empresta uma dinâmica e vivacidade únicas à série) e cor magistral de Dave Stewart (cada vez mais os coloristas têm um papel fulcral no mundo dos comics), o Conan de Kurt Busiek é tudo o que um verdadeiro fã do cimério poderia pedir. Capturando a verdadeira essência crua, brutal mas também nostálgica do herói (como muito raramente a Marvel conseguiu, exceptuando alguns trabalhos de Roy Thomas e Windsor-Smith, Alfredo Alcala ou Tony DeZuniga), o novo Conan da Dark Horse é um regresso ao velho e original Conan dos anos 30. Entretanto Busiek e Nord abandonaram a série, sendo substituídos por Tim Truman e Tomas Giorello respectivamente. A qualidade não foi afectada e em breve sairá o décimo paperback. Era bom que o filme do cimério, a estreiar algures em 2011, aprendesse qualquer coisa com esta série. / LCR

▶▶▶Cá dentro

A Tapeçaria do Sinai

Edward Whittemore
Ulisseia

O que acontece quando um agente secreto norte-americano apaixonou-se pela terra onde viveu vários anos em serviço, procurando desvendar os seus segredos? Obtemos um quarteto de romances com uma escrita forte e evocativa e que se inicia com *A Tapeçaria de Sinai*.

Edward Whittemore é considerado o melhor romancista americano desconhecido, e não sem razão. A reedição na língua inglesa do obscuro Quarteto de Jerusalém permitiu a muitos leitores descobrir a força emocional, linguística e visual deste autor que, mesmo sendo um estranho numa terra estranha, foi capaz de captar as muitas complexidades e belezas de Jerusalém, mas também construir todo um espaço simbólico colorido pelas “horas esquecidas no

sonho”. A palavra “Haj”, peregrinação em árabe, é onnipresente. Assistimos à peregrinação da personagem de Plantagenet Strongbow, mas esta não é apenas uma peregrinação física pelas areias do deserto, mas também uma peregrinação atormentada da alma encetada por todas as personagens alucinadas que compõem esta tapeçaria infindável. O eixo central não deixa de ser Jerusalém, cidade de sangue, mas também cidade de esperança para os que desejam acreditar, servindo de palco para a obra de Whittemore, em que a crueldade e violência se fundem com histórias de ternura e amor. Os ecos religiosos da Terra Santa não podiam deixar de estar presentes. Uma das personagens é um monge fanático que descobre em Jerusalém a mais velha Bíblia que nega todas as verdades religiosas. Decide enterrá-la e forjar uma nova bíblia que reforça a fé, fé essa que nunca deixa de ser testada ao longo da obra.

E porque falamos do Médio Oriente e de toda uma história de conflito, Whittemore não receia descrever, num capítulo emocionalmente devastante, a tragédia da cidade de Esmirna. Nas vésperas do ataque que vitimou as vidas de milhares de arménios e gregos às mãos de tropas turcas no ano de 1922, as personagens encontram-se presas nessa cidade, e têm que lutar para escaparem a salvo. Mas as atrocidades que testemunham testam os seus limites como homens e alguns abandonam a cidade para sempre transformados por esta experiência.

O título de tapeçaria não poderia ser mais adequado. Ousado na criação das personagens e no modo como as submete a experiências únicas, Whittemore desafia as convenções e expõe uma intensa visão pessoal de Jerusalém, forjando um mosaico de grande pendor fantástico, mas bem assente na História do

Médio Oriente. Saúda-se a edição portuguesa pela Ulisseia deste romance incontornável. / Safaa Dib

Sonho Febril

George R. R. Martin
Saída de Emergência

Em Abril de 1857, na cidade americana de St. Louis, Abner Marsh encontra-se com Joshua York e tornam-se sócios na companhia de barcos a vapor de Marsh. Desta parceria resulta um barco sumptuoso, talvez o mais rápido do Mississípi: o Fevre Dream. Entretanto, em Nova Orleães, o grupo liderado por Damon Julian apazigua a sede de sangue.

Num livro publicado originalmente em 1982, George R. R. Martin explora um tema que

nos últimos anos tem sido demasiado utilizado de forma pouco louvável e ainda menos estimulante: o imaginário vampírico. Martin sabe reutilizar os mitos e criar uma abordagem inovadora, onde se descobrem alguns conceitos em voga nas produções actuais e que apresenta uma explicação científica das características vampíricas particularmente interessante. Há contudo alguma dificuldade em equilibrar as contradições morais do povo da noite. O confronto ocorre mais entre racionalidade e bestialidade do que entre bem e mal, mas Martin não parece conceber uma coexistência dos dois aspectos. Para que um emirja, o outro reduz-se à quase nulidade. As personagens que optam pela razão revelam-se assim fracas e vulneráveis ao comando de quem escolhe o outro lado. Fora desta luta de vontades encontra-se Marsh, dotado de todo o encanto dos rezingões pragmáticos e resilientes com uma honestidade inabalável, força que conduz o livro e o suporta, enriquecendo-o com a sua paixão pelos barcos a vapor e a vida do rio.

Martin nunca hesita em destruir sonhos ou sacrificar personagens, conduzindo a narrativa por caminhos não totalmente felizes, mas muito mais verosímeis. O enredo consegue sempre aliciar embora a primeira parte se revele claramente superior à segunda.



Martin controla melhor o ritmo na primeira metade, utilizando a linguagem para criar uma ambiência sugestiva das duas realidades em confronto: o luxo elegante do Fevre Dream e a decadência da plantação de Julian. A repetição de determinados vocábulos ajuda também a estabelecer um contexto e uma imagética, mas tudo isto desaparece com o galopar da acção na segunda metade. Ainda assim, Sonho Febril é uma obra inteligente e cativante que perdurará na imaginação do leitor muito mais do que alguns dos seus sucedâneos recentes.

A Simbólica do Espaço em O Senhor dos Anéis de J. R. R. Tolkien

Maria do Rosário Monteiro
Livros de Areia

Há certos pressupostos e fundamentos que alicerçam qualquer análise literária. A exposição teórica apresentada por Maria do Rosário Monteiro, complementada por diversas notas, não se limita a um essencial asséptico e desinteressante. Antes apresenta-se

como um exórdio estimulante à obra (e por vezes vida) de Tolkien, traçando ainda uma introdução ao fantástico tão sucinta quanto indispensável a quem quiser compreender o género. Por outro lado, a integração de *O Senhor dos Anéis* num contexto literário, histórico e cultural, nunca desmerecendo a sua recepção em Portugal, nem a forma como o fantástico se desenvolveu no nosso país, alarga o espectro de influência do trabalho. E a constante preocupação em determinar objectivos e sistematizar eventos e explicações, ajuda a compreender melhor os aspectos em análise. Este é um texto de grande consistência e clareza.

A exploração dos símbolos que alimentam e consolidam *O Senhor dos Anéis* acompanha o percurso dos vários elementos da Irmandade do Anel. Começando com os acontecimentos que antecedem o fim da Terceira Era e tendo presente os eventos

que conduzirão à Quarta Era e suas consequências, progride-se de espaço em espaço até à destruição do Anel no vulcão Orodruin. A cuidada explanação urdida por Maria do Rosário Monteiro permite perceber a obra de Tolkien por novos prismas, contribuindo para uma leitura mais rica e completa deste autor.

O livro oferece ainda uma conclusão que, mais do que resumir os capítulos anteriores, alerta de forma crítica e consciente para a actual situação da cultura portuguesa, especialmente para o modo errado com que se tem encarado e

entendido o fantástico. Maria do Rosário Monteiro criou uma obra essencial para qualquer leitor activo de *O Senhor dos Anéis*, para todos os estudiosos de Tolkien, para quem lida com o fantástico. E a ampla bibliografia apresentada permite que este seja apenas o início de uma vasta viagem. / Inês Botelho



QUER PARTICIPAR NA REVISTA BANG!?

A revista Bang! aceita submissões que se enquadrem no género fantástico nas categorias de ficção e não-ficção (ensaios, críticas literárias, entrevistas). Os textos deverão ser inéditos, em formato rtf, com limite não superior a 6000 palavras, e podem ser enviados para o e-mail bang@sidadeemergencia.com

Artistas também poderão submeter portfolios à apreciação da editora.

CONTAMOS COM A VOSSA PARTICIPAÇÃO!



Sugestões Fnac

por Rui Mártires / comprador BD, Arte e Importação

X'ED OUT

Charles Burn

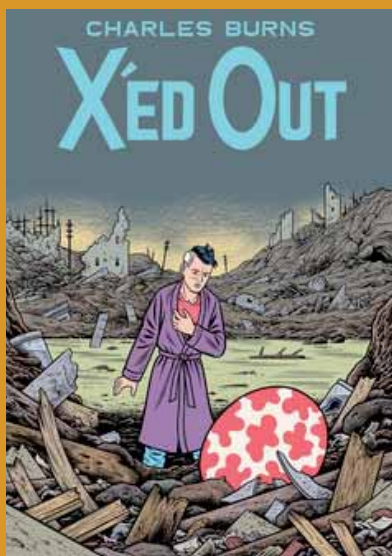
X'ED Out, que se poderia traduzir por “excluído”, é o mais recente livro do autor de banda desenhada Charles Burns, sobejamente conhecido no meio pelo fantástico *Black Hole*, considerado uma das melhores *Graphic Novels* já publicadas.

A arte de Burns, como sempre, é bastante cuidada e existem várias referências à banda desenhada clássica europeia. São várias, se bem que subtis, as referências a Tintin e a capa é sem dúvida um tributo ao livro *A Estrela Misteriosa*.

Em X'ED Out, Burns volta ao surrealismo que caracteriza o seu trabalho e esta história poderia fazer parte de um filme de David Lynch, ou ser pura e simplesmente uma enorme alucinação (o que normalmente é um sinónimo).

Nela encontramos Doug, um jovem que passou por uma experiência traumática de algum tipo (por enquanto não explicada) que o deixou com uma ferida na cabeça e a viver num mundo paranóico e fantástico onde os sonhos e a realidade se misturam.

A vida real (?) de Doug não corre da melhor



forma por entre pais ausentes, problemas sentimentais (a rapariga de quem gosta tem um namorado bastante violento), as angústias típicas da adolescência e a dependência de comprimidos por causa da sua ferida na cabeça.

Entretanto, à distância de uma racha na parede do seu quarto está um mundo de paisagens destruídas habitado por homens lagarto, gatos mortos e outros seres igualmente bizarros. Se bem que críptica e bizarra, como aliás se esperaria de uma história saída da mente de Charles Burns, esta é a primeira parte de uma história que promete. **BANG!**

NOVIDADES FANTÁSTICAS DO PRÓXIMO TRIMESTRE

O destaque no início do ano não poderia deixar de ir para o último volume das *Crónicas de Allaryia* de Filipe Faria – *Oblívio*, da editora **Presença**, lançado a 15 de Fevereiro, numa edição normal mas também edição de luxo com capa dura de colecionador. Iniciada em 2001 com *A Manopla de Karashtan*, vencedor do Prémio Branquinho da Fonseca, o sétimo e último volume da série das *Crónicas de Allaryia* chega 10 anos depois, um marco certamente a ser celebrado pelos fãs de Filipe Faria.

Na mesma altura, a Presença também lança *O Fio do Destino*, que constitui uma prequela à saga dos Otori de Lian Hearn, sobre um mundo de ficção baseado no antigo Japão feudal.

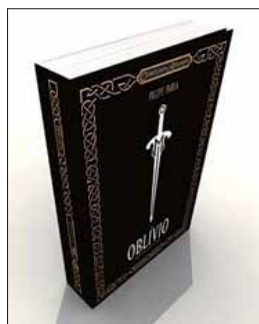
Para além dos já lançados *Terra Sombria* de Alyson Noël e *Necromante* de Michael Scott, a **Gailivro** aposta em *Metro 2033* de Dmitry Glukhovskiy com saída em

Fevereiro, uma obra que começou por ser publicada no próprio site do autor e deu origem a um jogo de vídeo. Neste mês, é também lançado *Cinzas*, 3º volume da série de fantasia urbana com vampiros de Jennifer Armintrout. Em Março, é lançado mais um volume de Alyson Noël e dá-se a estreia em Portugal de Libby Bray, com *A Great and Terrible Beauty*, o primeiro volume da trilogia Gemma Doyle, sobre uma rapariga do séc. XIX atormentada por visões.

A **Contraponto** lançou no início do ano *Frankenstein – O Filho Pródigo* de Dean Koontz, em que Victor Frankenstein escapou da morte e instalou-se 200 anos depois em Nova Orleães, onde pretende propagar a Nova Raça de criaturas perfeitas. Já nas livrarias encontra-se também *O Enigma* de Alison Croggon, o 2º

volume do quarteto de fantasia Pellinor, iniciado com o livro *O Dom*.

Em Março, a Contraponto investe em mais um livro de Aprilynne Pike, *Feitiços*,



A Edição de Luxo de “Oblívio” tem encadernação em capa dura e um CD fruto de uma colaboração com o maestro e compositor Gonçalo Lourenço, constituído por sete faixas inspiradas nos sete volumes das «Crónicas de Allaryia»: uma viagem pelo fantástico mundo de Allaryia ao som de uma orquestra de catorze peças.

e é também publica a sequência *Ghost Girl: Homecoming* de Tonya Hurley, no seguimento da obra imensamente popular nos EUA, *Ghost Girl: A Rapariga Invisível*, um romance divertido e satírico sobre a necessidade desesperada por popularidade de uma rapariga adolescente que depois de morrer ganha poderes sobrenaturais. **BANG!**

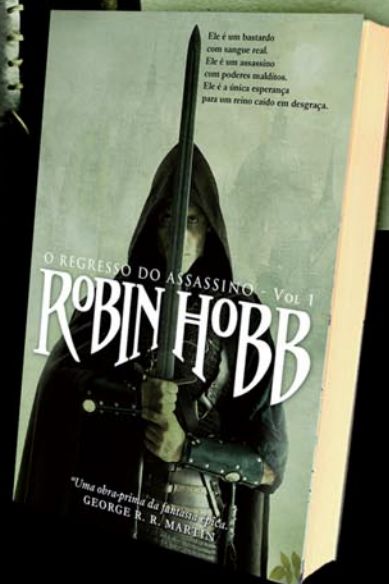
Ele é um bastardo
com sangue real.
Ele é um assassino
com poderes malditos.
Ele é a única esperança para
um reino caído em desgraça.

Ele chega às livrarias
dia 25 de Março.



Atreve-te a entrar num mundo de perfídia e traição que George R. R. Martin apelidou de “genial”. Atreve-te a acompanhar um herói que a Publishers Weekly considerou “único”. Atreve-te a ler a série que ajudou a revolucionar a literatura fantástica. *O REGRESSO DO ASSASSINO* vai mudar o teu conceito de fantasia. Se estás à espera de mais do mesmo, este livro não é para ti. Caso contrário... bem vindo a uma aventura que nunca irás esquecer!

MAIS INFORMAÇÕES EM WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM



Há sítios
onde só
um livro
te leva.

COLEÇÃO
BANCA

